ESPECIAL 200 ANOS UMA EDIÇÃO HISTÓRICA SOBRE O 7 DE SETEMBRO DE 1822

Editora ABRIL
edição 2805 - ano 55 - nº 35
7 de setembro de 2022

Abril

veja

www.veja.com

NO PAPEL DE FIADOR

O ex-tucano Geraldo Alckmin ganha um protagonismo cada vez maior na campanha presidencial de Lula e trabalha ativamente como avalista dele junto aos setores mais refratários ao PT

AUTONOMIA

FORMAÇÃO

PROTAGONISMO

RESULTADO

Estamos te aguardando de braços abertos.
Venha estudar numa escola que
Faz a Diferença na vida dos alunos.

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 805 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 35. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

www.grupoabril.com.br

ALAN SANTOS/PR

ARROUBOS VERBAIS As comemorações de 7 de setembro em 2021: o Brasil merecia mais sensatez de seus líderes

UMA IDEIA DE NAÇÃO

AS EFEMÉRIDES servem aos países como cronômetro da passagem do tempo, registro dos avanços históricos a caminho da soberania e sobretudo como régua para a democracia. Olhar para o passado é um modo de entender o presente e pavimentar o futuro. Calhou, infelizmente, de duas celebrações de aniversário da independência do Brasil coincidirem em travessias ruins de nosso cotidiano político. Em 1972, nas louvações ao sesquicentenário, a ditadura militar presidida por Emílio Garrastazu Médici transformou dom Pedro I em símbolo do que ele não fora: um personagem de caráter militarista, um mito fardado. Agora, aos 200 anos do grito às margens do Ipiranga, a data coincide com um momento prenhe do desnecessário embate entre os poderes, alimentado pelo presidente Jair Bolsonaro em seu mau hábito de atacar frequente e verbalmente os ministros do Supremo Tribunal Federal.

O que deveria ser uma festa cívica contra o absolutismo do passado e a favor da liberdade de sempre — lembrete da colônia enfim libertada da metrópole — virou mote para que os seguidores de Bolsonaro expressem o apoio à reeleição cavalgando em ideias absurdas. Continuam a espernear, ridiculamente, contra uma suposta falta de lisura das eleições e das urnas eletrônicas. Debaixo do lema “Eleições limpas já — supremo é o povo” estão previstos atos de explícita campanha eleitoral em diversas cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, o desfile foi transferido da Avenida Presidente Vargas, onde sempre ocorreu, para a Praia de Copacabana, tradicional reduto bolsonarista, e que no ano passado foi palco de bravatas. Ali, como mostra a reportagem da página 32 , exibições das Forças Armadas devem se confundir com motociatas e gritos de ordem proferidos do alto de dez carros de som. Tomara que a manifestação seja pacífica e alegre, sem arroubos verbais nem provocações.

No 200º aniversário de sua independência, o Brasil merecia uma relação menos histérica com sua própria história, um olhar a um só tempo carinhoso e rigoroso, como faz VEJA numa edição especial encartada nesta mesma revista. Brilhantemente editadas pelo redator-chefe Fábio Altman, as 66 páginas sobre aquele setembro de 1822 transportam o leitor ao país de dois séculos atrás. É uma viagem espetacular no tempo e um modo de entender o que se passou na Corte portuguesa, no Paço Imperial no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia, o que pensavam o príncipe regente, a imperatriz Maria Leopoldina e sobretudo José Bonifácio de Andrada e Silva, o nosso *founding father.* Escreveu Bonifácio, ainda em 1817, e que deveria ecoar aos ouvidos do presidente Bolsonaro e dos que o cercam, em defesa do republicanismo: “Estou capacitado de que os grandes projetos devem ser concebidos e executados por um só homem, e examinados por muitos; de outro modo, desvairam as opiniões, nascem as disputas e rivalidades; e vem faltar aquele centro comum de força e unidade, que tão necessário é em tudo”. Bonifácio defendia o papel fundamental da liderança de dom Pedro — mas sabia que o Brasil só cresceria democraticamente, no início como uma monarquia constitucional, se ao redor do príncipe de espada em punho brotasse uma ideia de nação. ■

O PASSADO COMO LIÇÃO
A capa da edição especial: aquela semana de 1822 como se fosse hoje

O PODER FEMININO

Única executiva à frente de um grande banco brasileiro, a chefe da Caixa defende o empreendedorismo e a independência econômica como saídas para o abuso contra as mulheres

CARLOS EDUARDO VALIM E FELIPE MENDES

HÁ APENAS dois meses no cargo de presidente da Caixa Econômica Federal, Daniella Marques assumiu o posto em meio a uma descomunal tormenta provocada pelas denúncias de assédio sexual e moral feitas contra seu antecessor, Pedro Guimarães. Desde então, vem conduzindo uma rigorosa apuração das denúncias e revisão de condutas e processos na instituição. Ao mesmo tempo, mantém em pleno vapor a operação financeira dos ambiciosos programas sociais do governo como o Auxílio Brasil e linhas de crédito para pequenas empresas, cruciais na estratégia eleitoral do presidente Jair Bolsonaro. Em entrevista a VEJA, concedida em uma passagem pela superintendência do banco em São Paulo, ela afirma que os casos de assédio denunciados na estatal são sintoma de um problema muito maior, que vai das formas mais primitivas de violência contra a mulher até mecanismos mais sutis de discriminação. "Até o mesmo sistema financeiro negligencia a mulher como detentora do poder de consumo", avalia. Com uma sólida passagem pelo mercado financeiro e próxima ao ministro da Economia Paulo Guedes, de quem foi assessora, Marques, de 42 anos, acredita que um dos caminhos para solucionar o problema é justamente estimular o empreendedorismo feminino como saída da pobreza e inserção mais sólida das mulheres na economia.

ANTONIO MILENA

A sua chegada à Caixa se deu depois de denúncias muito graves contra seu antecessor, acusado de asse-

diar funcionárias. Como está sendo o trabalho para mostrar o compromisso do banco com as mulheres? Desde o dia da minha posse procurei mostrar que a violência contra a mulher, infelizmente, é uma realidade no país e vai das formas mais primitivas e perversas até casos que resultam em assédio sexual e moral. A estatística diz que pelo menos metade das mulheres economicamente ativas no Brasil é vítima de algum tipo de assédio, o que requer uma mudança cultural de comportamento no ambiente de trabalho. Em um cenário como esse, acho que a crise acabou se tornando uma oportunidade para o banco.

Em que sentido? O Brasil é um país continental, você não consegue conscientizar e difundir a informação se não tem capilaridade nacional. Eu me comprometi coma ideia de que a Caixa, além de ser um banco para todos os brasileiros, seria a mãe da causa das mulheres para que a gente mude rapidamente essa situação. É um tema difícil de encarar. Atuamos não só colocando toda a nossa rede a serviço da conscientização e da prevenção contra a discriminação e a violência, mas também como um agente promotor dessa causa, unindo outras redes Brasil afora, incluindo desde empresas como o Banco do Brasil, Ambev, Cyrela, Localiza, Riachuelo, Multiplan e Havan, entidades como o Sebrae e clubes de futebol como Flamengo, Corinthians e Palmeiras. Entretanto, acredito que, para nós, o processo não termina no trabalho de prevenção e conscientização. Esse é um primeiro passo para uma ação mais ampla.

E como se desenvolveria essa ação? Acredito que a promoção do empreendedorismo feminino, com todo o impacto econômico-social que gera, é uma porta de saída do ciclo abusivo. Muitas vezes a mulher permanece nessa situação porque não tem independência financeira para se manter e a seus filhos. É por isso que criamos produtos financeiros focados em cuidar de quem mais cuida da família. Em um de nossos programas, chamado Caixa pra Elas, estamos capacitando uma rede de 8 000 embaixadoras e embaixadores que darão o apoio e atendimento direcionado, porque o sistema financeiro hoje negligencia a mulher enquanto detentora do poder de consumo. Eu falo isso pelos números. Todo o setor de propaganda, por exemplo, está direcionado para a mulher, até a propaganda de carro. Mas, em produtos financeiros, previdência, seguros, capitalização e no próprio crédito, a mulher não chega a 35% de nenhum deles. Aqui na Caixa não chega a 5%. Entretanto, temos aqui 72 milhões de clientes mulheres, o que significa um espaço imenso para desenvolver tudo isso.

> **“Acredito que o empreendedorismo feminino é uma porta de saída do ciclo abusivo. Muitas vezes a mulher permanece vulnerável porque não tem independência financeira”**

Como a senhora pretende ampliar a relevância dos serviços para essa base tão vasta? A Caixa tem potencial de promover um grande programa de capitalismo popular. Talvez um dos maiores do tipo no mundo. Estamos desenhando e queremos aprofundar a atuação do banco nesse sentido, para que seja o banco do micro e pequeno empreendedor. Estamos fechando uma parceria ampla com a Central Única de Favelas, a Cufa. Vai ser um projeto-piloto, usando a estratégia de relacionamento da Caixa para avançar o empreendedorismo. Também serve como alavanca de crescimento e de construção de renda das famílias, com produtos e serviços exclusivos para mulheres. A Cufa atua hoje em mais de 5 000 comunidades no Brasil e estamos em conversa bem avançada para lançar a parceria agora em setembro. Esse projeto vai servir para a gente entender a dinâmica econômica das favelas com mais profundidade, atuando em todas as dimensões, desde a renegociação de dívida, orientação financeira, formalização e concessão de microcrédito. Estou muito impressionada com o motor econômico que existe nas comunidades. São mais de 17 milhões de pessoas, sendo 9 milhões de mulheres, em 14 000 favelas. É como se fosse o quarto maior estado brasileiro, com um volume financeiro e atividade econômica de 180 bilhões de reais.

No que diz respeito aos casos de assédio denunciados na Caixa, como está o andamento da apuração? A gente fez uma ação de governança muito sólida para dar credibilidade, rigor e independência nas investigações. Era preciso proteger todos os envolvidos, para ouvir, dar segurança e apurar. Estamos falando de pessoas. Então, foi feita a contratação, ainda antes da minha chegada, de uma auditoria independente. Foi criada uma comissão de supervisão que monitora o andamento dos trabalhos, com representantes do conselho de administração do banco, do TCU, da AGU e

da CGU. Além disso, existe agora uma central de apoio e acolhimento, de diálogo, em uma sala permanente e exclusiva para mulheres. Conversei muito com os outros bancos para compartilhar as melhores práticas, porque toda vez que você tem um evento de risco, você isola a crise, trata ela e vê como se aprimoram os controles. A corregedoria agora não se reporta mais ao presidente, e sim ao conselho de administração.

E quais têm sido os resultados dessas medidas? Um diagnóstico interessante é que toda vez que se fortalece e se faz campanha de prevenção contra abusos, é quase como se você gerasse um estímulo de denúncias. Então, em um primeiro momento, os casos aumentam. Em relação ao assédio moral também acontece isso. O problema é que há uma linha muito tênue para qualificar esse tipo de ação. É um desafio para o Judiciário, e para as empresas em geral. Não é uma questão inerente à Caixa. Então, é natural uma elevação dos casos para se aprofundar no tratamento e, depois, realmente mudar a cultura e reduzir o problema. É uma construção, é algo evolutivo. E, acima de tudo, não é algo que se conclui em sessenta dias.

Antes mesmo de sua posse, a Caixa já concentrava programas cruciais para o projeto de reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Ele pediu algo específico ao convidá-la para assumir o cargo? Desde o começo deste governo, eu me juntei a um projeto. Vim servir ao país, com a vontade de retribuir o privilégio que eu tive. A minha família era de classe média e eu tive uma ascensão financeira. Considerava uma chance única de transformação e quis fazer parte disso, independentemente do cargo. Sempre tive uma relação muito próxima com o presidente Bolsonaro, além do ministro Paulo Guedes. Tinha a confiança dele e um diálogo direto. Até mesmo por causa disso, acho muito curiosa essa questão de criarem narrativas sobre o presidente em relação às mulheres. O fato é que, hoje, dos vinte grandes bancos do Brasil, o único presidido por uma mulher é a Caixa, uma indicação dele e com a autonomia concedida por ele. A missão que eu recebi foi realizar a entrega dos programas de assistência social com antecipação de calendário, para que a gente aliviasse a população mais vulnerável. E já está dando um resultado extraordinário.

Qual resultado? Em sessenta dias intensos entramos com uma grade de programas muito importantes, como o Auxílio Brasil aumentado para 600 reais e que atinge agora 20 milhões de famílias. Há ainda o vale gás, o auxílio caminhoneiro e o auxílio taxista. Além da esfera social, há o Pronampe, que já concedeu 50 bilhões de reais em crédito, sendo que só pela Caixa foram quase 6,3 bilhões de reais para mais de 60 000 empresas concedidos desde o fim de julho.

“Acho curiosa essa narrativa sobre a relação do presidente com as mulheres. Dos vinte grandes bancos, a Caixa é o único com presidente mulher, em uma indicação feita por ele”

Sua passagem pelo Ministério da Economia foi muito voltada à desestatização e seu antecessor chegou a divulgar uma ideia de fazer uma privatização da área digital do banco. Esse projeto ainda existe? Por ora, não. Houve um projeto, conduzido durante um ano, mas eu ainda vejo uma grande oportunidade de digitalização da Caixa, ampliando a jornada do cliente. O banco ainda não abre conta-corrente digital. O Banco do Brasil é todo digital. Acho que existe uma grande oportunidade de integração estratégica, com tudo feito na plataforma gov.br. Hoje, são mais de 4 000 serviços. O governo federal brasileiro hoje é o mais digital das Américas, na frente dos Estados Unidos e do Canadá. É o sétimo mais digital do mundo. Se a gente conseguir desenhar algo com o mesmo DNA aqui, pode ter um impacto de redução de despesa pública mesmo. Ainda há um caminho longo para percorrer. O Brasil tem mais de 100 estatais e não está no plano de governo privatizar a Caixa. Mas isso não faz com que deixe de acreditar na agenda de privatizações.

Com sua carreira construída no setor financeiro, como a senhora avalia a experiência na área pública? O que eu mais aprendi é que existe um Brasil que a Avenida Faria Lima não conhece. Em projetos como a reforma da Previdência, toda a discussão de reforma tributária, você conhece as vísceras do país. Em relação à máquina pública, existe um corpo técnico de servidores de excelência. Eu trabalhei com pessoas muito qualificadas dentro do Ministério da Economia e aqui na Caixa. Obviamente, você não tem a flexibilidade que se tem no setor privado. Há uma série de órgãos de controle e burocracias que tornam as decisões menos ágeis. Mas acho excepcional o resultado dessa jornada. ■

Conhecida como cobreiro, enfermidade apresenta pequenas bolhas dolorosas. É mais comum em pessoas acima de 50 anos e com sistema imune enfraquecido[1,2]

FOTOS: ISTOCKPHOTO

HERPES ZOSTER

DOENÇA TEVE ALTA INCIDÊNCIA NA PANDEMIA E TEM PREVENÇÃO

Estima-se que um em cada três adultos vai desenvolver herpes zoster em algum momento da vida.[1*] De acordo com a dra. Maisa Kairalla, geriatra e presidente da comissão de imunização da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, é possível afirmar que 98% da população tem o vírus que desencadeia a doença. Funciona da seguinte forma: o paciente tem contato com o varicela-zóster, mesmo vírus da catapora, que fica adormecido no organismo. Quando reativado, ele surge como herpes zoster.[2] "Isso acontece em um momento de queda da imunidade. Por isso que pacientes idosos e imunossuprimidos são os mais propensos a sofrer da doença." A COVID-19 também impactou a incidência do herpes zoster no Brasil.[3]

Um estudo realizado pela Universidade Estadual de Montes Claros revelou um aumento de 35,4% nos casos durante a pandemia.[3] Outra pesquisa, feita pela farmacêutica GSK, com adultos a partir de 50 anos, mostrou que infectados pelo novo coronavírus apresentaram risco 15% maior de desenvolver a doença. Em pacientes hospitalizados com a versão grave da COVID-19, o número subiu para 21%.[4]

> “ISSO ACONTECE EM UM MOMENTO DE QUEDA DA IMUNIDADE. POR ISSO QUE PACIENTES IDOSOS E IMUNOSSUPRIMIDOS SÃO OS MAIS PROPENSOS A SOFREREM COM A DOENÇA”

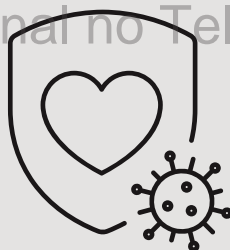
O herpes zoster é uma enfermidade cuja incidência tem crescido consideravelmente nas últimas décadas.[5] Em função disso, a vacinação é recomendada para pessoas acima de 50 anos de idade.[6]

HERPES ZOSTER: SINTOMAS, TRATAMENTO E RISCOS

A doença apresenta sintomas na região do nervo afetado, formigamentos, sensação de agulhadas, adormecimento, ardor e coceiras no local afetado, febre e dor de cabeça.[2] A lesão, uma erupção unilateral, que, segundo a dra. Maisa Kairalla, é um dos primeiros sinais do herpes zoster, muitas vezes é subestimada pelos pacientes, prejudicando o diagnóstico precoce. “Se a doença for diagnosticada nas primeiras 72 horas, as chances de um tratamento, feito com antivirais, bem-sucedido são maiores. Ainda assim, há riscos de complicações”, ressalta.

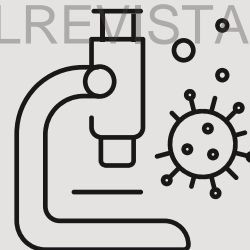
As complicações podem incluir neuralgia pós-herpética, uma dor persistente no local que pode durar meses ou anos, disseminação do vírus, infecções bacterianas e até comprometimento de funções, como equilíbrio, deglutição e movimentos.[1,2] “A doença pode ser dolorosa e de tratamento difícil, afetando a saúde mental dos pacientes. A única forma de prevenção é a vacinação”, reforça a geriatra.

DOR

EM ALGUNS CASOS, A DOR CAUSADA PELO HERPES ZOSTER FOI DESCRITA COMO PIOR DO QUE A DOR DO PARTO.[1,7]

99,5%*

DOS ADULTOS COM 40 ANOS OU MAIS JÁ ESTÃO INFECTADOS COM O VÍRUS QUE CAUSA O HERPES ZOSTER.[1]

INCERTO

VOCÊ NUNCA SABE QUANDO E QUEM SERÁ AFETADO PELO HERPES ZOSTER.[1]

1 EM CADA 3*

ADULTOS DESENVOLVERÁ HERPES ZOSTER AO LONGO DA VIDA.[1]

REFERÊNCIAS: **1.** CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Prevention of Herpes Zoster. Recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices (ACIP). Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/rr5705a1.htm>. Acesso em: 08 de julho de 2022. **2.** BRASIL. Ministério da Saúde. Herpes (Cobreiro). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/herpes-cobreiro-1> Acesso em: 08 de julho de 2022. **3.** MAIA, Célia Márcia Fernandes et al. Increased number of Herpes Zoster cases in Brazil related to the COVID-19 pandemic. International Journal of Infectious Diseases, v. 104, p.732-733, 2021. **4.** OXFORD ACADEMIC. Open Forum Infectious Diseases. Increased Risk of Herpes Zoster in Adults ≥50 Years Old Diagnosed With COVID-19 in the United States. Disponível em: <https://academic.oup.com/ofid/article/9/5/ofac118/6545460>. Acesso em: 08 de julho de 2022. **5.** THOMPSON, Ryan R. et al. Herpes zoster and postherpetic neuralgia: changing incidence rates from 1994 to 2018 in the United States. Clinical Infectious Diseases, v. 73, n. 9, p. e3210-e3217, 2021. **6.** SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES. Calendário de Vacinação 2022-2023: Dos 20 anos aos 60+. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/calendarios/calend-pg-adulto-20-ou-mais.pdf>. Acesso em: 25 jul.2022. **7.** KATZ, J.; MELZACK, R. Pain control in the peroperative period, measurement of pain. Surg Clin North Am, v. 79, n. 2, p. 231-52, 1999.

JESU XPI
PASSIO

VATICAN MEDIA/AFP

UM ENSAIO GERAL DO CONCLAVE

O PAPA FRANCISCO não dá ponto sem nó em seus movimentos para ampliar o número de fiéis e modernizar a Igreja. Ele convocou a Roma, na semana passada, um consistório — o oitavo de seu pontificado — de modo a refletir a Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium,* que reforma o cotidiano burocrático da Santa Sé. Chamou atenção a composição do colégio cardinalício, com vinte novos representantes de diversos países, inclusive da Mongólia, onde há menos de 1 500 católicos. O número de cardeais afeitos a escolher o papa em eventual conclave, por terem menos de 80 anos, subiu de 116 para 132 — entre eles dois nomeados do Brasil, o arcebispo de Brasília, Paulo Cezar Costa, e o arcebispo de Manaus, Leonardo Ulrich Steiner. Lembre-se de que quase dois terços dos ungidos foram escolhidos por Francisco, e são eles que estarão na Capela Sistina a caminho da fumaça branca. Não por acaso, a convocação foi tratada como um "pré-conclave", um ensaio geral para a sucessão de Francisco. Alimentou também os rumores de que ele poderia vir a renunciar, com a saúde fragilizada, aos 85 anos. Contribuíram para a boataria o **encontro coletivo com o papa emérito Bento XVI, de 95 anos,** e a homenagem prestada pelo pontífice argentino a Celestino V, que deixou o posto em 1294. "Aos olhos dos homens, os humildes são vistos como fracos e perdedores, mas, na realidade, são os verdadeiros vencedores porque são os únicos que confiam completamente no Senhor e conhecem sua vontade." Francisco, o papa simples, joga xadrez o tempo todo. É bom prestar atenção em seus passos. ■

Fábio Altman

INSTAGRAM @ABMARINHO

FUTURO Marinho: planos para a TV e o streaming e distância da carreira política

“BOLSONARO É UM VALENTÃO DE PARQUINHO”

Em seu livro *O Brasil (Não) É uma Piada*, que será lançado em 15 de setembro, o humorista relembra a eleição de 2018 e a convivência com a família presidencial, que diz ter virado um clã decadente

A casa de seu pai, o empresário Paulo Marinho, foi no Rio o QG da campanha de Bolsonaro em 2018. Por que só agora resolveu escrever um livro sobre essas memórias? Eu colecionei histórias que se confundem com um pedaço muito vivo da democracia do país. A perspectiva privilegiada me deu conhecimento para compartilhar essas experiências com o público. Fiz um trabalho para não me levar tão a sério, apesar de elas tratarem de temas que exigem a maior seriedade.

Você fala bastante sobre Gustavo Bebianno, coordenador da campanha de 2018, que morreu há dois anos, depois de ter rompido com o presidente. Ele tinha muita coisa a dizer? Certamente teria muito que contribuir para revelar o verdadeiro Bolsonaro, de quem era uma espécie de psicólogo na campanha. Vi o presidente apontá-lo e dizer: “Se não fosse por esse cara aí, jamais teria chegado aonde cheguei”. Mas o Bebianno foi escorraçado do governo. Eu vi ele se deteriorando emocionalmente, a paz dele foi roubada pelo ciúme ensandecido do Carlos Bolsonaro e sua macumba psicológica no pai, que, no fundo, é um tigre de papel, um valentão de parquinho. Quando questionado, bota a viola no saco, até porque a gente sabe o que ele fez no verão passado.

Como era a relação com os filhos do presidente? O Flávio frequentou mais a nossa casa porque meu pai estava na chapa dele ao Senado. Parecia ser o mais sóbrio dos três. Ele e o Carlos se bicavam na campanha. O Carlos era uma pessoa absolutamente paranoica. Na primeira *live*, eles brigaram, foi uma trocação bem pública de xingamentos. É um clã decadente que expôs a sua podridão moral nos últimos anos, mas também conseguiu enfeitiçar uma parcela expressiva do eleitorado e mantê-la refém dessa espiral de desinformação desenfreada.

Voltou a falar com Bolsonaro depois que ele abandonou a entrevista na Jovem Pan em outubro de 2021 por causa de uma pergunta sua sobre rachadinha? Não. Aquele foi um fim quase poético para a minha passagem pela Jovem Pan depois de ela ter se tornado a emissora oficial do governo. Mas nunca houve expectativa minha ou do meu pai para qualquer coisa além do que rolou durante a eleição.

Pretende disputar um cargo público? Estou em conversas bem promissoras com o streaming e a TV para participar de um programa em 2023. Tenho lenha para queimar no entretenimento ainda. ■

Victoria Bechara

RELAIS & CHATEAUX

Primavera no

CASTELO SAINT ANDREWS

REFERÊNCIA NA HOTELARIA DE ALTO PADRÃO NA AMÉRICA LATINA

Imagine um lugar perfeito, onde design, bem-estar, gastronomia e entretenimento se harmonizam de maneira integrada. Assim é o Castelo Saint Andrews, um Relais & Châteaux na encantadora Gramado. Envolto pelo clima intimista da Serra Gaúcha e o esplendor do Vale do Quilombo. Contamos com 3 tipos de acomodações exclusivas, sendo 11 suítes no Castelo, 8 suítes no Mountain e 3 suítes na Mountain House. Dispomos de jardins encantadores, vista maravilhosa, restaurante Primrose com menus personalizados e premiada carta de vinhos, adega gourmet, boulangerie, espaço fitness, piscina aquecida, sauna, spa e cigar lounge.

Hospedagens: *de 2 a 7 noites incluímos transfer privativo, welcome drink na chegada, massagem escalda pés, serviços de concierge e mordomo, amenities Bvlgari, café da manhã menu degustação com horário livre, chá da tarde tradicional inglês*, jantar menu surprise do chef e jantar temático harmonizado, noite de pizzas gourmet*, terapia relaxante**. Visitas: Vinícola Jolimont com degustação**, Cristais de Gramado, Geo - Museu de Pedras Preciosas. Programações Extras (opcional): Ingressos Vip do Natal Luz de Gramado e passeio pelo Vale dos Vinhedos.*

Restaurante Primrose

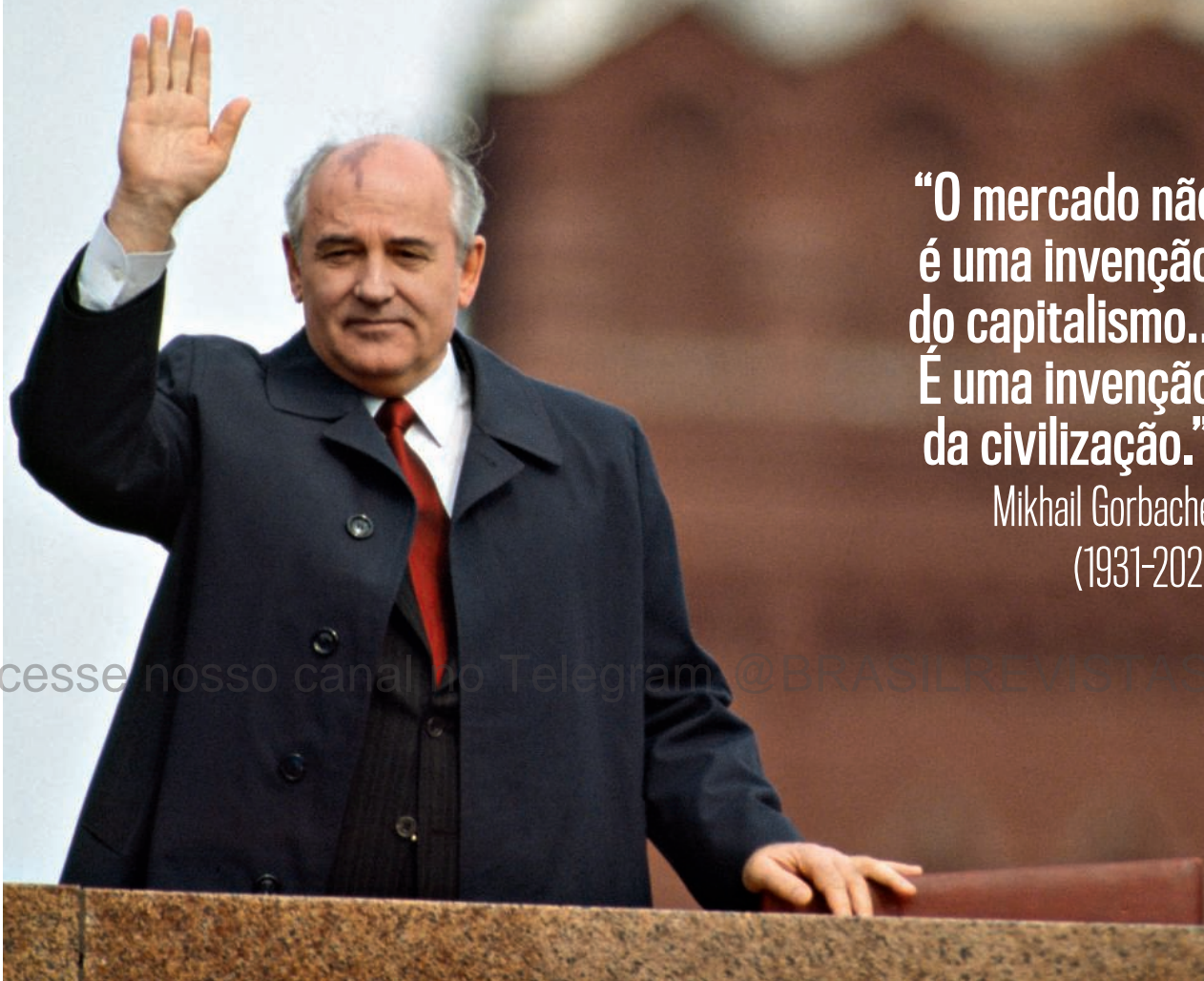
Experiências gastronômicas harmonizadas com os melhores vinhos do mundo!

Vide site nossa programação completa de Setembro a Março, incluindo Natal e Réveillon com encantador ***Show Som & Luzes*** *no Castelo. Veja também a programação de* ***Férias de Verão 2023****. Janeiro -* ***Mês das Hortênsias*** *nos jardins do Castelo. Fevereiro -* ***Vindima Experience*** *e o* ***Carnaval Veneziano****. Faça sua reserva!*

Mountain House - 500m²
Uma Casa exclusiva, dentro do complexo do Castelo!

Com garagem privativa, hall, salas de jantar e estar, cozinha completa, suíte master com vista maravilhosa do Vale do Quilombo e 2 suítes loft . Você conta ainda com serviços exclusivos do hotel como: Mordomos, Camareiras, Concierges e Exclusivo Chef que irá preparar refeições a seu gosto.

*(* somente para hospedagens de 4 e 7 noites / ** somente para hospedagem com 7 noites)*

Reservas e informações: (54) ***3295-7700 / 99957-4220*** *(ou seu agente de viagens)* | *castelosaintandrews* | *saintandrews.com.br*

“O mercado não é uma invenção do capitalismo… É uma invenção da civilização.”
Mikhail Gorbachev (1931-2022)

GIANNI GIANSANTI/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

O HOMEM QUE DEMOLIU UM IMPÉRIO

No início foi um susto estético, a surpresa de uma figura diferente de todas as outras — depois de tantos mandachuvas da União Soviética carrancudos, de cara fechada e vastas sobrancelhas, invariavelmente enterrados em suas *ushankas* de pelúcia nos meses de inverno rigoroso, eis que enfim aparecia um dirigente ensolarado. Em março de 1985, com a morte de Konstantin Chernenko, o mundo descobriria **Mikhail Gorbachev,** alçado ao posto de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética aos 54 anos, um menino diante da gerontocracia. Ele chamava a atenção pelo olhar calmo — e, sim, pela mancha vermelha na testa, um hemangioma. Com o tempo, e não demorou muito, aquele homem dissemelhante começaria a falar, viajar e publicar livros, e depois dele não sobraria pedra sobre pedra naquele pedaço geopolítico do planeta que Winston Churchill definira como “a cortina de ferro”.

Poucos líderes do século XX, e de qualquer outro período, tiveram tanto impacto em seu tempo. Foi uma avalanche. Debaixo de um par de palavras em russo que grassaria como vírus, antes da internet, antes das redes sociais — *glasnost* e *perestroika* —, o império antagonista dos Estados Unidos começaria a ruir, embora o anseio primevo de Gorbachev fosse apenas o da reforma. A *glasnost* (transparência) pretendia aproximar a população das decisões do Kremlin e combater a corrupção entre os *apparatchik*. A *perestroika* (reestruturação) era um tranco na centralização

REVOLUÇÃO
No Kremlin: o comunista que moeu o comunismo

econômica imposta por Vladimir Lenin na Revolução de 1917. Os dois movimentos acelerariam o desmonte da União Soviética. De 1985 a 1991, Gorbachev tirou o fôlego da humanidade: restituiu a terra a camponeses sessenta anos depois da coletivização da agricultura; restaurou o pluralismo político e a liberdade de expressão; libertou presos políticos; autorizou a publicação de livros proibidos, como *Doutor Jivago*, etc. Eram mudanças em demasia num conjunto de repúblicas que nunca mudava — porque se mudasse terminaria, e foi o que aconteceu.

A onda final arrastou os países do Leste da Europa que funcionavam como satélites de Moscou, culminando na queda do Muro de Berlim, em 1989. Em agosto de 1991 um grupo de militares sequestrou Gorbachev, em um golpe fracassado, mas que aceleraria ainda mais o processo de decomposição. E então, às 19h32 de 25 de dezembro, a bandeira com a foice e o martelo foi arriada da Praça Vermelha, dando lugar ao pavilhão branco, azul e vermelho da Rússia de Boris Ieltsin. Era o fim da União Soviética, era também o fim da Guerra Fria, com a vitória dos Estados Unidos (o presidente era George Bush).

Afastado da política, tendo depois se dedicado a questões ambientais, Gorbachev olharia para o que aprontou e seu resultado, o sucesso americano, com alguma decepção — apontando o dedo para aquela situação típica dos vencedores que não sabem aproveitar a glória. "No final da Guerra Fria, havia um clima de triunfo entre muitos americanos, e esse foi o ponto de partida para o colapso de tudo", disse. Recentemente, ele criticou severamente a guerra deflagrada por Vladimir Putin contra a Ucrânia, mas se disse traído pelo Ocidente, que teria abandonado a Rússia. São observações talvez circunscritas demais para o rolo compressor empurrado por Gorbachev. Para entendê-lo, cabe melhor uma piada moscovita criada logo depois de a engrenagem demolidora começar a andar. Dois dirigentes comunistas se encontram nos idos do início dos anos 1990. Um deles pergunta: "Qual você acha que será o nosso futuro daqui a cinco anos?". A resposta: "Meu querido, do jeito que as coisas vão, eu não sei sequer imaginar qual será o nosso passado".

A invenção milagrosa de Gorbachev — a desconstrução do comunismo sem que fosse derramado sangue, a transição sem dor para a democracia — funcionaria mais tranquilamente na República Checa, na Polônia, na Hungria e na Alemanha Oriental. Houve violência apenas na Romênia *(leia na pág. 86)*. Na Rússia, contudo, o vácuo autorizou o brotar de uma economia alimentada por chantagem, o vale-tudo das grandes riquezas produzidas pelo petróleo, os serviços públicos subtraídos pela corrupção. Não por acaso, uma pesquisa de opinião pública feita pelo instituto FOM por ocasião dos 80 anos de Gorbachev, em 2011, mostrou que 52% dos russos viam seu legado como "muito ruim"; apenas 11% o aprovavam. Naquele ano, ele ganhara enfim uma comenda do governo russo, mas sem muita fanfarra. De lá para cá, o desprezo só aumentou.

Dentro de casa, Gorbachev não fazia milagres — em 1996, candidatou-se à Presidência da Rússia e ficou com mero 0,5% dos votos (Ieltsin venceu). Nas feiras de badulaques de Moscou ele hoje é vendido como peça menor das *matrioskas*, aquelas bonecas de madeira de tamanhos variados, umas dentro das outras. Para fora, contudo, é a maior delas, um gigante histórico. Será sempre lembrado como promotor da liberdade (Nobel da Paz de 1990), ao menos entre quem estava do lado oposto ao da União Soviética que ele implodiu. Embora, como nota de ironia, Gorbachev tenha posado em 2007 para uma foto publicitária de malas da grife de luxo Louis Vuitton, destino risível para quem fez o que fez com a economia estatal.

Gorbachev viveu tanto que teve tempo de responder a uma pergunta fundamental: como gostaria de ser visto no futuro, que legado deixaria? "No final, a história fará o justo julgamento. Acredito firmemente que o meu trabalho e os meus esforços não foram em vão", disse. Ao contrário do que previu o filósofo americano Francis Fukuyama, ao afirmar que o término da Guerra Fria representava o fim da história, com a difusão mundial das democracias liberais, a roda continua a girar — mas sem figuras do tamanho do comunista de carteirinha que moeu o comunismo. Mikhail Gorbachev morreu na última terça, 30, aos 91 anos. A causa da morte não foi divulgada. ■

FERNANDO SCHÜLER

O EMOJI GOLPISTA

EMOJI é uma daquelas figurinhas de WhatsApp e mídias eletrônicas. Por vezes usamos um como o polegar levantado, dizendo "o.k.", outras vezes aquelas palminhas, podendo seu significado variar. Lembro de uma história que escutei sobre Einstein, no seu período em Princeton, já uma celebridade mundial. As pessoas o paravam no câmpus da universidade e ele tinha o hábito de concordar com tudo o que elas diziam. Perguntado sobre por que ele fazia isso, explicou: "Para elas irem embora logo", e abriu um largo sorriso. Nunca soube se a história era verdadeira. Mas era boa. No Brasil de hoje tudo isso ficou tremendamente sinistro. Você pode fazer como Einstein e concordar com uma frase "perigosa", em uma conversa no WhatsApp. Seu amigo pode escrever que adoraria viver em uma ditadura, e você colocar lá uma emoji com o polegar levantado. E, a partir disso, ser objeto de uma extensa ação repressiva do Estado brasileiro. Sigilo bancário quebrado, contas bloqueadas, banimento das redes, vexame público. Isso tudo pode parecer má ficção científica, ou um filme de terror de segunda categoria. Mas não é. É exatamente o que está acontecendo no Brasil de hoje. Na nossa grande democracia, da qual um dia tanto nos orgulhamos.

Os fatos são conhecidos. Na decisão sobre o episódio, agora divulgada, descobrimos que a ampla operação do Estado foi deflagrada com base em uma reportagem de jornal. Descobrimos que aquele papo de WhatsApp foi tido como "apontando uma organização criminosa de alta periculosidade". Descobrimos a existência de crimes como "atacar integrantes de instituições públicas", "gerar animosidade dentro da própria sociedade", "promover o descrédito dos poderes da República", que parecem mostrar que a Lei de Segurança Nacional, em que pese abolida, continua bem viva no coração do Estado. Descobrimos que ser um "empresário" é um estranho tipo de agravante para nosso Judiciário; que "distribuir bandeirinhas do Brasil em um shopping" pode ser uma atitude altamente suspeita; e que, por fim, é uma exigência republicana investigar cidadãos que "preparam" os atos do próximo 7 de Setembro.

ISTOCK/GETTY IMAGES

DEMOCRACIA DE EXCESSO A Constituição: ela não controla as opiniões

Ler essas coisas em um documento da Suprema Corte me fez lembrar de tantas coisas que acreditamos sobre o Brasil nesses trinta e tantos anos de Constituição, e pensar sobre como chegamos até aqui. Uma das explicações vem do que gosto de chamar de "democracia do excesso". A era da exasperação política, da entrada desordenada de milhões de pessoas no debate público, da chegada da "insuportável nova direita" ao poder. O grande mestre James Madison já havia nos prevenido contra essas coisas, 200 anos antes de nossa atual revolução tecnológica. "A natureza dos governos eletivos", disse ele, "exige maior liberdade de animadversão do que seria tolerada em um governo como o da Grã-Bretanha." Animadversão é uma palavra hoje esquecida, mas tem um sentido muito claro: animosidade, ódios recíprocos, radicalismo retórico. Para funcionar, a República deveria saber viver com os excessos no uso da palavra. Com o "abuso", que é próprio do uso de qualquer coisa. Nos dias de hoje, a animadversão explodiu, o que é ótimo para a democracia, porque significa que milhões de pessoas ganharam o direito à palavra. Mas fez também crescer o barulho, que é parte indissociável da nova natureza, ou quem sabe da estética das democracias digitais. Se não entendermos isso, em pouco tempo faltará espaço, em Brasília, para dar conta do aparato estatal de controle de opinião. E, por irônico que seja, em vez de chegarmos à "Alemanha dos anos 30", como tantas vezes li em frases de efeito criticando nosso "novo fascismo", chegaremos à Alemanha dos anos 1980. Só que a Oriental, feita de tipos como Gerd Wiesler, o

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

agente cuja tarefa era bisbilhotar os cidadãos "suspeitos", no magistral filme *A Vida dos Outros*.

O que impressiona nesse episódio todo é seu aspecto fantástico. É como se as teses e elucubrações conspiratórias migrassem de seu hábitat, as bolhas digitais, para o próprio seio do Estado. Me fez lembrar de Jean Baudrillard e sua ideia da permanente tentação da irrealidade e ao "simulacro" na política contemporânea. Então um sujeito qualquer diz "prefiro um golpe", em um grupo no WhatsApp, isso se conecta com a frase do presidente sobre fraudes nas urnas, dita em alguma *live* ou batendo boca com um youtuber, coisa que por sua vez se conecta com a tese de um professor americano de que as democracias morrem de tudo o que é jeito, em geral quando não gostamos do governo, e tudo vai no embalo de um cartaz solitário, insistentemente mostrado pelos jornais, dizendo "Intervenção já", na Praça dos Três Poderes, e quem sabe ainda em um discurso fantástico de um ministro do Supremo sobre voos da FAB visando quebrar janelas do STF. Como em um road movie montado com cacos de informação, vamos tecendo um tipo muito estranho de irrealidade, feita de colunas de jornal, alertas, manifestos. E medo. Na prática, vamos ressuscitando o velho Baudrillard, que um dia conheci comendo um bom churrasco, numa noite fria de Porto Alegre, me explicando sobre a voracidade infinita do virtual sobre o real, na "hipermodernidade".

O problema da irrealidade é que ela cobra um preço. Da sensação de que vivemos à beira do abismo, passou-se a justificar qualquer agressão a direitos individuais. O medo é assim: funciona como convite à "racionalização" de atitudes que antes tomaríamos como inaceitáveis. Por isso que é preciso parar e refletir, e muita gente já vem fazendo isso. Muitas pessoas dizendo que as "coisas passaram do ponto", e que não se deve combater o autoritarismo ao custo de valores elementares da própria democracia. Alguém poderia perguntar por que há tanta gente preocupada com um grupo de pessoas, no WhatsApp, feito de gente rica e, pior, bolsonarista. A resposta é simples: porque essa é a virtude de uma democracia liberal: a agressão aos direitos de um solitário indivíduo significa a agressão aos direitos de todos. E porque ninguém deve ser julgado, no estado de direito, pela sua adesão a um ou outro credo político.

"É como se as teses conspiratórias migrassem para o seio do Estado"

A única via brasileira para sair desse imbróglio é retomar nossa normalidade constitucional. Desinstalar o incipiente estado de exceção que vai ganhando corpo no seio da República; recusar o Estado tutor da consciência; repelir a censura, a começar pela censura prévia; aceitar de uma vez por todas que não cabe a nenhuma autoridade dizer o que é a verdade, nem fazer entrar pela porta dos fundos de nosso mundo jurídico o delito de opinião. Fazer valer o que está escrito em nossa Carta de direitos, em vez de inventar a cada momento uma Constituição ao gosto de quem detém o poder.

É isso, no fundo, o sentido de uma democracia que também se quer liberal. O ponto a partir do qual podemos viver em paz, em uma grande sociedade aberta, onde as pessoas postem emojis sem medo, a diversidade de visões seja vista como virtude e a liberdade, um valor que ninguém está disposto a negociar. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

SIMONE TEBET
A candidata do MDB foi a vencedora do debate presidencial da Band, segundo pesquisa em tempo real realizada pelo Datafolha.

JAMES WEBB
O supertelescópio revelou novos detalhes dos confins do cosmos, registrando imagens da chamada Galáxia Fantasma, a 32 milhões de anos-luz da Terra.

ANTONY
O atacante foi transferido do Ajax para o Manchester United por mais de 500 milhões de reais, tornando-se um dos três jogadores brasileiros mais valorizados na história.

DESCE

JOE BIDEN
Em meio a dificuldades para reverter a baixa popularidade, o presidente americano recebeu outra péssima notícia: o risco de recessão no país em um ano subiu de 40% para 60%.

EBC
Funcionários da emissora de TV estatal denunciaram 64 casos de censura de conteúdos negativos ou sensíveis ao governo federal na gestão de Jair Bolsonaro.

PLANOS DE SAÚDE
Processos contra as empresas do setor bateram recorde em São Paulo em 2021: foram 16 286, segundo estudo da Faculdade de Medicina da USP.

CHRISTIAN HARTMANN/AFP

“A liberdade tem um custo.”

EMMANUEL MACRON, presidente da França, ao anunciar que os meses de inverno podem ser complicados, dada a escassez do gás importado da Rússia de Putin

“A democracia é uma planta que devemos regar todos os dias.”

RICARDO LAGOS, ex-presidente do Chile

“A ditadura era ruim, mas do ponto de vista existencial estamos pior hoje.”

ZELITO VIANA, escritor

“Mataram mais uma vez o meu filho.”

LENIEL BOREL DE ALMEIDA, pai do menino Henry, ao comentar a decisão do STJ de revogar a prisão de Monique Medeiros, a mãe do garoto, acusada com o ex-vereador Jairinho, seu companheiro, de tortura e homicídio

“A Nicarágua se tornou uma ditadura sangrenta.”

CARLOS CHAMORRO, jornalista, fundador e editor do site Confidencial, filho da ex-presidente Violeta Chamorro

“Os cidadãos russos deveriam pagar um preço pela guerra na Ucrânia.”

KAJA KALLAS, primeira-ministra da Estônia, defendendo restrições de vistos e de circulação dos conterrâneos de Vladimir Putin

“Estou mais solta, mais Zeca Pagodinho: deixa a vida me levar, vida leva eu.”

ISABEL TEIXEIRA, atriz, a Maria Bruaca de *Pantanal*

“Mesmo se nada for dito quando só há garotos e garotas brancas na passarela, no futuro, questionarão: ‘Como seu desfile foi tão racista’.”

OLIVIER ROUSTEING, estilista francês, diretor criativo da grife Balmain

“Eles me fizeram sentir como se eu não fosse nada, e eu aceitava.”

BRITNEY SPEARS, ao comentar em áudio nas redes sociais os treze anos em que viveu sob a tutela do pai, já adulta e maior de idade

FACEBOOK @BRITNEYSPEARS

“Coibir a ambição é como diminuir a potência da vida.”

NILTON BONDER, rabino

“Que idiota. Fechando a porta por fora. Esse cara só sabe pilotar e largar se estiver em primeiro.”

FERNANDO ALONSO, piloto espanhol de F1, bicampeão mundial em 2005 e 2006, disparando contra Lewis Hamilton, dono de sete títulos

“Tudo é ridículo. Estou de saco cheio das pessoas serem mortas todos os dias. Só Deus sabe quantas pessoas foram baleadas em tiroteios em escolas.”

OZZY ORBOURNE, roqueiro inglês radicado há mais de vinte anos em Los Angeles

GABRIEL RANZANI

É DE TODOS Simone Tebet: no 7 de Setembro, ela quer resgatar a bandeira nacional

Sem grito nem ódio

Em (discreta) alta nas pesquisas, **Simone Tebet** quer usar o 7 de Setembro para estabelecer mais uma vez um contraste entre sua proposta de governo e o radicalismo de Bolsonaro. Sem discurso de ódio, a candidata vai pregar, num evento no interior de SP, uma "nova independência do Brasil".

Nossa bandeira

Para Simone, a libertação do país se dará não com armas de fogo, mas com investimento em educação e na preservação do meio ambiente. Ela defende a "reapropriação" da bandeira nacional, hoje capturada pelo bolsonarismo. "Essa bandeira não tem partido. Essa bandeira não tem dono. Essa bandeira é de todos nós", diz.

Otimismo total

Pelo monitoramento da campanha, Simone já colou em Ciro Gomes em diferentes regiões do país. Na fatia de eleitores mais velhos, passou o pedetista.

Local proibido

Michelle Bolsonaro começou a gravar para a campanha de Bolsonaro. Na TV, tudo certo. Fora dela é que mora o problema: a primeira-dama usa o Alvorada para as gravações, o que é ilegal.

Frota de apoio

O bolsonarismo paulista prometeu ao presidente enviar 300 ônibus a Brasília para o 7 de Setembro. Ruralistas também vão lotar a capital com... tratores.

Destruição de prova

Com medo do TSE, o QG de Bolsonaro orientou assessores a não armazenarem *fake news* recebidas nos celulares. São muitas e quase todas contra Lula.

Só rezar não basta

A pouco mais de trinta dias da eleição, aliados de Bolsonaro cobraram o cacique do Republicanos, Marcos Pereira, pela falta de empenho na campanha do presidente e de Tarcísio em SP.

Dupla em fuga

A exemplo de Lula, Bolsonaro acha que perde votos indo a debates. Por isso, só irá ao da Globo — e olhe lá.

O troco

Alvo da PF, Luciano Hang prepara um petardo contra a operação ordenada por Alexandre de Moraes.

Ninguém acredita

Bolsonaro prometeu a aliados que vai evitar bater no STF durante o 7 de Setembro. Não quer reviver os constrangimentos no TSE na posse de Rosa Weber no comando do Supremo. Será?

Plateia lotada

A posse de Rosa, aliás, vai reunir 350 convidados no plenário do STF. A segurança terá esquadrão antibombas, detectores de metal e reforço policial.

Reencontro amigável

Na posse do ministro do STJ Luis Felipe Salomão como novo corregedor nacional de Justiça, no CNJ, Bolsonaro e Moraes se abraçaram amistosamente.

É papo de "zap"

Augusto Aras passou a semana explicando a ministro do STF suas conversas com empresários bolsonaristas flagradas pela Polícia Federal.

Todo cuidado é pouco

Aras, aliás, adota cuidados curiosos para evitar espionagem na PGR. Usa três celulares, todos com fitas adesivas cobrindo as câmeras dos aparelhos.

Código de honra
Tratado como corrupto pelo clã Bolsonaro, Lula foi aconselhado a bater nos filhos do presidente e seus esquemas. O petista rejeitou atacar a família.

Que deselegante
Lula ficou impressionado com a "falta de liturgia" de Bolsonaro na Band. Não esperava ser insultado pelo presidente, que o chamou de "ex-presidiário".

Pai do pixuleco
Operador de propinas do PT na Petrobras, **João Vaccari Neto** é alvo de uma ação indenizatória de 75 milhões de reais na Justiça. A Sete Brasil, que faria sondas para a petroleira, diz que o valor corresponde ao "pixuleco" cobrado por Vaccari em contratos de sondas do estaleiro Jurong. A Sete quer usar o dinheiro para pagar dívidas com bancos e fundos estatais de trabalhadores.

Tem precedente
A má notícia, para Vaccari, é que a Sete Brasil já ganhou indenização de outro investigado, que pagou cerca de 1 milhão de reais à empresa.

RODRIGO FÉLIX LEAL/FUTURA PRESS
CORRUPÇÃO Vaccari: o petista pode ter de pagar indenização milionária

Nobre missão
Futuro presidente do TCU, Bruno Dantas se candidatou a integrar o Board of Auditors, órgão que audita os fundos financeiros da ONU.

Tarefa difícil
Chefe do BC, Roberto Campos Neto vai à Suíça tentar explicar a banqueiros o que será do Brasil em outubro.

Cadê o MST?
O governo acaba de ultrapassar a marca de 400 000 títulos emitidos pelo Incra para famílias assentadas.

Mar de cevada
A Heineken investiu 5 milhões de reais nos seus dois bares na Cidade do Rock. Estima vender 1,3 milhão de litros de cerveja durante o Rock in Rio.

Longe de ser piada
Processado por Carlos Bolsonaro, depois de dizer que os herdeiros do capitão eram "corruptos", Fabio Porchat fez um dossiê com todas as investigações criminais contra o clã. Carluxo quer 48 480 reais de dano moral.

Folha corrida
Denunciado por abuso em SP, o empresário Thiago Brennand já foi alvo da Justiça por ameaçar Álvaro Neto, o Doda. Há até uma medida protetiva que impede o empresário de se aproximar do cavaleiro e de sua família.

Mapa da mina
A Sextante lança, em outubro, *As Regras Ocultas do Trabalho,* obra de Gorick Ng, conselheiro de carreira de Harvard, que ensina formas de encontrar o caminho do sucesso profissional.

INSTAGRAM @JULIETTE
BOA CAUSA Juliette: ela continua a ativa carreira de advogada na Paraíba

O filho-problema
A editora Seoman lança *As Coisas Boas da Vida*, livro de memórias — tragédias e encrencas — de Hunter Biden, filho do presidente americano.

Na defesa
A musa **Juliette** prosperou na vida artística depois de passar em um reality da Globo, mas não se descolou totalmente de sua antiga missão no mundo jurídico. Ela ainda defende injustiçados em mais de 200 processos no TJPB. Os ventos da vida artística são incertos. Os da advocacia nem tanto. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

O COPILOTO DE

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE GABRIEL CABRAL/FOLHAPRESS

LULA

O ex-tucano Geraldo Alckmin ganha protagonismo cada vez maior na campanha presidencial do petista e trabalha firme como fiador dele junto aos setores mais refratários ao partido

SÉRGIO QUINTELLA

RICARDO STUCKERT

NO PALANQUE O ex-governador paulista: "Quando Lula me estendeu a mão, senti um chamado à razão"

Passados quatro meses do lançamento do surpreendente acordo que o alçou à posição de vice na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin virou um dos alvos prediletos das hordas digitais adversárias. Há alguns dias, o senador Flávio Bolsonaro, o filho Zero Um do presidente, tirou do baú um vídeo de 2018 no qual o ex-tucano critica duramente o petista. "Depois de quebrar o país, Lula disse que quer voltar ao poder, ou seja, ele quer voltar à cena do crime", discursou na ocasião o ex-governador paulista. No domingo 28, foi a vez de o próprio Jair Bolsonaro, no final do debate entre os presidenciáveis da Band, bater na aliança, acrescentando à crítica uma pitada de *fake news*. "O que vai acontecer com o nosso Brasil se esse ex-presidiário voltar para a cena do crime juntamente com Geraldo Alckmin, um homem religioso, católico, mas que resolveu cantar a Internacional Socialista", afirmou. Alckmin, que acompanhou o evento nos bastidores, ironizou o ataque. "Eu nem sei a letra dessa música, é alguma do *The Voice?*", divertiu-se, mencionando o programa de calouros da Rede Globo.

A escalada de ataques vem sendo ignorada pelo ex-tucano e coincide com o aumento do protagonismo de Alckmin na campanha de Lula. Em entrevista recente ao *Jornal Nacional*, o petista falou dez vezes o nome do companheiro de chapa, mais do que Bolsonaro fez em 2018, no mesmo telejornal, com Paulo Guedes, seu fiador econômico na época. "Fui escolher o Alckmin de vice para juntar duas grandes experiências: um cara que foi governador de São Paulo catorze anos, e vice seis anos, e o cara que foi considerado o melhor presidente da história do Brasil", falou Lula. Três dias depois, no debate da Band, o petista voltou a citá-lo em termos semelhantes. Desde o momento em que começou a ser construída a aliança entre os dois, algo que parecia impossível, ambos não cansam de responder a pergunta sobre como antigos rivais podem andar de mãos dadas. "Éramos felizes na época em que havia disputa entre o PT e o PSDB, eram tempos muito mais civilizados", costuma dizer Lula. Para Alckmin, as disputas do passado são menos importantes que as necessidades do futuro. "Quando Lula me estendeu a mão, senti um chamado à razão", contou ele a uma pessoa próxima. "Temos o dever de nos unir, de lutar e de vencer."

Embora uma parte das pessoas ainda veja com enorme ceticismo essas declarações e elogios mútuos (com uma certa dose de razão, aliás), há sinais de que a aliança concebida para aproximar Lula do eleitorado de centro pode se mostrar uma aposta acertada. Segundo as pesquisas, Alckmin trouxe à campanha petista atributos importantes para a construção de uma narrativa de união democrática. Um levantamento feito pela Quaest perguntou a eleitores indecisos qual a palavra que melhor descreve a chapa entre o ex-presidente e o ex-governador. "Moderação" foi a mais citada, com 89% das respostas, seguida por "política" (88%), "união" (64%) e

"grandeza" (54%). Atributos negativos foram os menos citados: "sacanagem" (41%) e "traição" (39%). Outro levantamento, feito ainda no período pré-eleitoral pela FSB Pesquisa, em abril, mostrou que 46% dos eleitores afirmam que Alckmin "não faz diferença" no desejo de votar em Lula. Por outro lado, 23% responderam que o ex-tucano aumenta a propensão a voto no petista, número que passa a 28% entre eleitores de outros candidatos e foi de 19% entre os indecisos.

Aproveitar todo o potencial trazido pelo recall da imagem positiva de Alckmin tem sido um dos desafios da campanha. Depois de fechada a improvável aliança, Alckmin, como é típico de seu estilo, tem feito o papel de aluno aplicado no cumprimento das missões que foram entregues a ele. Uma das prioridades são encontros com empresários. Nas últimas semanas, ele esteve com representantes da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) e do Instituto para o Desenvolvimento do Varejo (IDV). O candidato a vice também foi escalado por Lula para atuar no diálogo com líderes do agronegócio ao lado de algumas referências do setor no Centro-Oeste, como o senador Carlos Fávaro (PSD-MT), o deputado federal Neri Geller (PP-MT) e os empresários Blairo Maggi e Carlos Ernesto Augustin. Nessas reuniões, Alckmin tem repetido uma espécie de mantra. Apresenta-se como "copiloto de Lula" e dá garantias de que o eventual governo será pacificador, de centro e responsável, respaldado nas gestões estaduais do ex-governador. "Alckmin transformou São Paulo em referência no avanço da iniciativa privada. Acredito que a sua presença atenua a cartilha do PT que conhecemos no que diz respeito à economia", afirma Venilton Tadini, presidente da Abdib.

INSTAGRAM @LUALCKMIN

CITAÇÕES Alckmin, Dona Lu, Janja e Lula, na Band: "Vamos trabalhar juntos"

ALISSON DEMETRIO/GETTY IMAGES

SEGURA, PEÃO Bolsonaro em Barretos: críticas pesadas à aliança adversária

OS SEIS TRABALHOS DO EX-TUCANO

As missões prioritárias do candidato a vice na corrida ao Planalto

EMPRESÁRIOS

Ex-governador do estado que concentra um terço do PIB do país, ele dialoga com lideranças do setor e tenta se vender como a garantia de que não haverá rupturas nem radicalismos na economia

AGRONEGÓCIO

Tem feito pontes com representantes do setor, principalmente na região Centro-Oeste e no interior de São Paulo

CONSERVADORES

Católico praticante, ele tem bom trânsito com o eleitorado mais à direita e com lideranças religiosas, inclusive evangélicas

SÃO PAULO

Governador do estado por quatro mandatos, ele conversa com prefeitos e ex-prefeitos paulistas e tenta quebrar resistências e ampliar apoios tanto a Lula quanto a Fernando Haddad

CENTRO POLÍTICO

Um dos fundadores do PSDB, partido no qual militou por 33 anos, ele tenta atrair ex e atuais tucanos, além de outros políticos centristas, para os palanques petistas

GEOPOLÍTICA

Fazer campanha para Lula em estados onde o petismo enfrenta resistências, como nas regiões Centro-Oeste e Sul, além do interior de São Paulo

RICARDO STUCKERT

NO MERCADO O ex-governador com Luiza Trajano: a ponte com empresários

Nos últimos dias, diante da proximidade do pleito e do favoritismo de Lula, a pressão para aprofundar as propostas de um futuro governo do PT aumentou — e Alckmin tem sido muito questionado a respeito de detalhes do plano econômico. Em resposta, o ex-tucano tem dito que o eventual novo governo petista tentará implementar as principais reformas nos primeiros seis meses, especialmente aquelas que demandam Propostas de Emenda à Constituição. "Acredito que vamos rapidamente aprovar reforma tributária e ela pode impulsionar o PIB, ela simplifica. Pega os impostos e junta todos no IVA (imposto sobre valor agregado), como o mundo todo faz", afirmou em encontro recente. No capítulo privatizações, descarta vendas de Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. Garante ainda que a haverá responsabilidade fiscal, sem dizer, no entanto, o que virá no lugar do atual teto de gastos, que considera "furado". "São Paulo nunca teve teto de gastos e é um exemplo de responsabilidade fiscal. Qual o problema de ficar engessando as coisas? Quem vai sofrer é investimento", limitou-se a dizer no encontro na Abdib.

Outra pergunta inevitável do mercado é sobre quem comandará a economia na hipótese da volta de Lula ao Palácio do Planalto (o próprio Alckmin é um dos cotados). Não há ainda resposta para isso e, a despeito de algumas críticas (uma frustração de parte dos empresários é que, em vez de trazer Lula mais para o centro, é Alckmin que estaria indo mais para a esquerda, com encontros com sindicalistas e integrantes do MST, por exemplo), o ex-governador sai animado das reuniões. "Existe convergência no diagnóstico e nas propostas sobre reforma tributária, investimentos em infraestrutura, reposicionamento do Brasil no mundo e na política de inovação", afirmou ele ao Radar Econômico, de VEJA.

Ao mesmo tempo que tem a missão de acalmar o mercado e abrir caminhos na missão presidencial, Alckmin se empenha em levar Fernando Haddad ao Palácio dos Bandeirantes. O ex-prefeito paulistano, inclusive, foi um dos responsáveis pela união do ex-tucano com o Lula, em um gesto que tirou Geraldo Alckmin do pleito estadual de São Paulo (ele liderava as pesquisas), assim como Márcio França

FLICKR @SIMONETEBETMS

FÔLEGO Simone Tebet, a melhor candidata no debate da Band: ameaça ao sonho petista de levar no primeiro turno

(PSB), que hoje é o primeiro na corrida pelo Senado, dentro da chapa petista. Na próxima semana, o trio Haddad-França-Alckmin vai rodar o interior de São Paulo, em cidades como Bauru, Assis e Marília. O périplo quase ficou de fora do radar de Alckmin, que estava escalado para acompanhar Lula em uma viagem de cinco dias ao Nordeste. Após mudança na estratégia das campanhas, ficou decidido que será melhor Alckmin seguir com a empreitada estadual em uma área de vasto conhecimento do ex-governador do que acompanhar o ex-presidente em uma região em que ele tem amplo domínio nas pesquisas.

Há indícios de que a influência de Alckmin junto ao eleitorado do interior paulista, considerado mais conservador e altamente refratário ao petismo, já pode estar surtindo efeito. Segundo levantamento do Ipec divulgado na segunda 29, nessa região do eleitorado Lula está empatado com Bolsonaro dentro da margem de erro (35% a 37%). Haddad também lidera por ali, cravando 27%, contra 21% do segundo colocado, o ex-ministro bolsonarista Tarcísio de Freitas. Desde 2002 o partido não vence no interior paulista.

A princípio rejeitado pelos novos companheiros de esquerda, Alckmin reverteu a situação graças à sua experiência política e ao apoio de Lula. Um momento importante da virada ocorreu em 7 de maio, por ocasião do lançamento da chapa. Alckmin estava com Covid e gravou um vídeo com um discurso considerado eficaz para vencer as resistências: "Presidente Lula, mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu, o que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira, quero lhe dizer, perante toda a sociedade brasileira: muito obrigado. Serei um parceiro leal". A fala teve endereço certo: as alas dos partidos aliados que torceram o nariz para a sua chegada. Em janeiro, um abaixo-assinado subscrito por figuras históricas do PT, como José Genoino e Rui Falcão, se manifestou contrário ao acordo. No documento, Alckmin foi descrito como um agente que "apoiou publicamente toda a operação golpista e neoliberal" que resultou no impeach-

OUTROS TEMPOS Adversário em 2006: ataques recuperados pela campanha bolsonarista

TON MOLINA/FOTOARENA

SEM ACORDO Ciro Gomes: campanha do pedetista não tem poupado o ex-presidente Lula de críticas pesadas

ment de Dilma Rousseff, em 2016 . Esse tipo de crítica, no entanto, não tem mais eco na campanha. Outra imagem emblemática dessa integração é a presença ativa na campanha da mulher do ex-tucano, Lu Alckmin, que também se aproximou bastante nos últimos meses da socióloga Janja, a candidata a primeira-dama. "O Alckmin simboliza a capacidade do PT de ampliar alianças políticas e de dialogar com mais setores da sociedade, inclusive com políticos do PSDB", afirma Edinho Silva, coordenador de comunicação da campanha de Lula.

É justamente nesse último ponto destacado que Alckmin atua silenciosamente. Além dos tucanos da velha guarda com quem mantém contato, ele conversou recentemente mais de uma vez por telefone com o ex-governador gaúcho Eduardo Leite, candidato do PSDB ao comando do Rio Grande do Sul (Leite negou a VEJA ter falado com o candidato a vice de Lula). No cardápio, além de assuntos atuais, possíveis alianças em um eventual segundo turno. Apesar das chances cada vez menores de vitória no primeiro turno devido ao crescimento das candidaturas de terceira via de Ciro Gomes e de Simone Tebet, Alckmin é tido como um elemento capaz de ajudar Lula a liquidar a fatura já no dia 2 de outubro.

O protagonismo atual do ex-governador representa um impressionante caso de ressuscitação política. Quatro anos depois de obter menos de 5% dos votos válidos na eleição presidencial e de perder espaço no partido que ajudou a fundar, ele virou uma espécie de segunda versão da célebre Carta ao Povo Brasileiro, lançada em 2002 para acalmar os mercados diante da iminente vitória do petista. No último mês da campanha atual, o ex-tucano vai pedir votos em locais como o sul de Minas, região que faz divisa com São Paulo e que conhece bem algumas vitrines tucanas, como as rodovias. Uma reviravolta e tanto para o experiente político, que, até poucos meses atrás, despachava com parcos aliados em uma padaria próxima de sua casa, no Morumbi, em São Paulo. Agora, diante do atual favoritismo da chapa, parece a um passo do Palácio do Jaburu, a residência oficial dos vices brasileiros. ■

SILVIA IZQUIERDO/AP/IMAGEPLUS

Com reportagem de Diogo Magri, João Pedroso de Campos e Victor Irajá

EVARISTO SA/AFP

O 7 DE SETEMBRO TEM DONO

Candidato acima de tudo, Jair Bolsonaro, que sempre usou a data para se promover, estará no centro de uma comemoração planejada para lhe render votos **RICARDO FERRAZ** E **MAIÁ MENEZES**

ENTRE MUITOS lances políticos, a independência do Brasil, que neste ano completa seu bicentenário, foi marcada pelo primeiro confronto direto entre as tropas desde o primeiro momento leais a dom Pedro I e aquelas que optaram por seguir subordinadas à Coroa portuguesa. Nascia ali, junto com o país autônomo e soberano, o Exército nacional, e a partir de então é praxe que a comemoração oficial do 7 de Setembro tenha um tom nitidamente militar, com as Forças Armadas marchando e exibindo poderio diante de autoridades e da população.

Desde que chegou à Presidência, porém, Jair Bolsonaro, que é capitão reformado e cultiva afinidades com a cúpula fardada, tem procurado misturar a celebração da data com a de

BOM PROVEITO Bolsonaro recebe o coração de dom Pedro: tem campanha neste bicentenário

sua própria pessoa, convocando apoiadores para barulhentas manifestações de apoio — uma apropriação indébita que nem mesmo os generais da ditadura aproveitaram tanto. No ano passado, com o Planalto em confronto aberto com o Supremo Tribunal Federal, a exaltação cívico-bolsonarista foi especialmente ruidosa. Neste ano, a se julgar pelos preparativos, a expectativa é que o Dia da Independência se transforme no Dia de Bolsonaro Candidato e que a festa ganhe um tom de comício eleitoral.

DANILO M. YOSHIOKA/FUTURA PRESS

MARCOS CORRÊA/PR

MAURO PIMENTEL/AFP

CLAQUE Chamado às ruas: Frias, Negão e Pazuello *(de cima para baixo)* lotam as redes de convocações para que manifestantes compareçam aos atos em Brasília e no Rio

O presidente vai marcar presença em pelo menos dois atos turbinados pelo comparecimento de seus eleitores. Em Brasília, pela manhã, assistirá ao tradicional desfile, com esperança de que bolsonaristas lotem a Esplanada gritando o slogan moldado nas redes sociais para este 7 de Setembro: “Eleições limpas já — Supremo é o povo”. A poucos metros dali, o coração de Pedro I, conservado em formol na cidade do Porto desde sua morte, em 1834, e trazido ao Brasil em homenagem um tanto mórbida ao bicentenário, estará exposto para visitação no Palácio do Itamaraty. Mas o ponto alto dos festejos será à tarde, no Rio de Janeiro, cidade que é o berço político de Bolsonaro e onde ele precisa de um empurrão para encostar em Luiz Inácio Lula da Silva, à frente nas pesquisas (o governador Cláudio Castro, candidato à reeleição, pretende pegar uma palinha no palco-palanque).

Evidentemente, a celebração popular de uma data tão importante em nossa história é algo positivo, ainda mais no aniversário de 200 anos. A questão é o contexto em que toda essa movimentação está inserida. Trata-se de um ato em favor de um candidato (e não do país) e com um risco de provocação a um dos poderes da República — no caso, o STF. Por motivos que não revelou, o comando militar quis transferir o tradicional desfile na Avenida Presidente Vargas, no Centro, para Copacabana, um ponto muito mais vistoso e concorrido. A prefeitura invocou questões logísticas e não permitiu. Intrépida, a tropa resolveu então concentrar as comemorações no Forte de Copacabana, fincado em um extremo da mesma praia, área sob jurisdição do Exército.

À primeira vista, a comemoração será menos grandiosa, com disparos de canhão ao longo de todo o dia e hinos executados pela banda militar. Mas fo-

FERNANDO BIZERRA/EFE

PRÓ-GOLPE Avenida Paulista no ano passado: ataques às instituições e vários organizadores processados ou presos

ra do forte as Forças Armadas estão armando um festival. A Aeronáutica preparou uma apresentação da Esquadrilha da Fumaça. Paraquedistas vão se lançar de aviões e pousar na faixa de areia. A Marinha programou uma parada naval com seus principais navios de guerra e mais alguns de outros países, que vai singrar o mar do Recreio dos Bandeirantes ao Leme. “Será um verdadeiro carnaval militar”, resume um general da ativa, que vê em um evento dessa envergadura a intenção de atender aos propósitos do governo.

Em paralelo ao espetáculo militar, bolsonaristas estão organizando uma motociata e uma passeata de jet ski (tomara que bem longe da parada na-

VICTORIA SILVA/AFP

SEMPRE ELE Moraes: o ministro é campeão de citações nas redes bolsonaristas

STF NA MIRA

As mensagens em torno do 7 de Setembro mais compartilhadas nos 14 000 grupos monitorados pelo TSE atacam a democracia

> ***“Engraçado esses ministros, urubus de toga contra a nação brasileira. Agora vêm com essa conversa de paz. Tem que botar pra cima desses marginais”***

> ***“Nós juramos defender a Pátria! Começou em 1964. Os senhores, meus amigos, sabem muito bem”***

> ***“Eu avisei que a possibilidade de não termos eleições é muito alta pelas provocações realizadas pelo STF, que hoje promove uma ditadura da toga no Brasil”***

> ***“A Polícia Federal vai fazer diversas diligências, em uma série de operações ilegais, a mando do ministro Alexandre de Moraes, com o intuito de prender patriotas e tentar desmobilizar o 7 de Setembro”***

> ***“Parabéns para esses valorosos patriotas, perseguidos pela ditadura dos togados. O Brasil está do lado de vocês!!!”***

Fonte: *Palver*

val) animadas por dez carros de som dispostos ao longo da Avenida Atlântica, alugados por movimentos de direita. Tudo, se possível, com o cuidado de não descumprir a legislação eleitoral, que proíbe que agendas de governo sejam transformadas em ações de campanha. A mobilização já levantou pelo menos uma suspeita do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União, que abriu investigação para averiguar se há desvio de finalidade por parte das Forças Armadas em torno das comemorações deste 7 de Setembro.

Os políticos mais próximos ao presidente não escondem a intenção de fazer do Dia da Independência um evento midiático capaz de gerar impacto nas urnas. “O objetivo é mostrar que pesquisa não quer dizer nada, a rua diz tudo”, afirma, sem disfarces, um deputado federal do círculo mais próximo a Bolsonaro. Ex-ministros como Ricardo Salles e Eduardo Pazuello e o ex-secretário de Cultura Mario Frias, bem como o primeiro-amigo Hélio Negão, todos candidatos à Câmara dos Deputados, puxam a corrente que incessantemente convoca seguidores, nas redes sociais, a bater o ponto em Copacabana. Nos bastidores, auxiliares de Bolsonaro ventilam a versão de que o presidente não deve discursar — para não exagerar nas agressões ao Judiciário e perder votos do centro e para não correr risco de infringir a lei eleitoral —, mas sabem que o comportamento dele é imprevisível.

No ano passado, Bolsonaro discursou em Brasília e em São Paulo afirmando que não respeitaria as determinações judiciais dos ministros Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, a quem chamou de “canalha”. Em resposta, a multidão bradou “Eu autorizo”, em alusão a uma intervenção militar. Os ânimos acirrados resultaram em um punhado de processos e pedidos de prisão contra os principais organizadores, no bojo dos inquéritos conduzidos por Alexandre de Moraes. Por isso mesmo, as reuniões da tropa de choque bolsonarista para discutir ações no 7 de Setembro têm sido cercadas de segredo. “Cachorro mordido por cobra tem medo até de linguiça”, ironiza Levi de Andrade, ativista e advogado do caminhoneiro Zé Trovão e do jornalista Oswaldo Eustáquio, ambos já investigados e monitorados por tornozeleiras eletrônicas pela atuação em 2021.

As mensagens de bolsonaristas em torno dos atos do Dia da Independência *(leia no quadro ao lado)*, presentes em 14 000 grupos de WhatsApp monitorados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), estão recheadas de críticas ao ministro Moraes, associam Lula à imagem de ex-presidiário e repisam a invenção de que haverá fraudes nas urnas eletrônicas. Pelo sim, pelo não, os integrantes do TSE e do STF estão agindo nos bastidores para isolar e impedir que o público e caminhões se aproximem das sedes dos tribunais, como quase ocorreu no ano passado, mobilizando a PM do Distrito Federal e treinando agentes para se infiltrar na multidão. Uma coisa é certa: no 7 de Setembro do bicentenário, o tradicional desfile militar ficará relevado a um tímido segundo plano. ■

A DAMA DE FERRO

De perfil discreto e linha-dura com o governo Bolsonaro, Rosa Weber será a nova presidente da mais alta Corte do país e terá um papel fundamental no pleito e no pós-eleição **REYNALDO TUROLLO JR.**

COMO SE SABE, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tem o mau hábito de empilhar desavenças com integrantes das Cortes superiores, prática que levou a um ambiente de tensão institucional quase permanente e inspirou uma onda de ataques públicos contra magistrados que por algum motivo se colocaram no caminho do governo. Ministros como Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso e Edson Fachin, para ficar só nos principais, foram elevados à condição de inimigos, seja em manifestações de rua, seja no vale-tudo que impera nas redes sociais. Moraes, alçado ao posto de desafeto número 1, está novamente na mira das hostes bolsonaristas por ter autorizado busca e apreensão em endereços de empresários apoiadores do governo, suspeitos de articularem um golpe de Estado para impedir uma eventual vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em outubro.

A gritaria da turba radical e a lista de adversários que essa turma julga ter no Judiciário devem aumentar nos próximos dias. Em 12 de setembro assumirá a presidência do Supremo aquela que é talvez a integrante mais dura com o governo: a ministra Rosa Weber. Foi dela, por exemplo, a decisão que suspendeu no ano passado vários dispositivos dos decretos de Bolsonaro que flexibilizavam a compra e o porte de armas, uma das prioridades da atual gestão. Também foi ela quem suspendeu temporariamente a execução das emendas do chamado "orçamento secreto", cujas verbas bilionárias costumam ser destinadas a aliados do presidente sem critérios claros e sem transparência. E ainda foi de Weber a determinação para que a Pro-

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

NO COMANDO Rosa Weber: mandato de um ano e aposentadoria em 2023

COMO PENSA ROSA WEBER

A ministra defende pautas consideradas progressistas

UNIÃO CIVIL HOMOSSEXUAL

Diz que o STF já reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo com base no princípio da igualdade

“Se os homossexuais têm os mesmos deveres de todos os cidadãos, não se justifica, à luz da Constituição, discriminação de qualquer natureza.”

Na sabatina no Senado, em 6/12/2011

PRISÃO EM SEGUNDA INSTÂNCIA

Para ela, a Constituição deixa claro que a presunção de inocência vai até o trânsito em julgado (fim de todos os recursos)

“Goste eu pessoalmente ou não, essa é a escolha político-civilizatória estabelecida pelo constituinte.”

No julgamento em que o STF proibiu a execução da pena enquanto houver recurso, em 24/10/2019

ESTADO LAICO

Defende a ideia de que os interesses do estado não podem ser afetados por questões religiosas

“A beleza de o Estado brasileiro ser laico se traduz no seguinte sentido: cada um tem a religião ou não tem religião alguma com a maior liberdade.”

Na sabatina no Senado, em 6/12/2011

ABORTO

É favorável a que a Justiça possa decidir sobre o assunto. Em 2016, votou por descriminalizar o aborto até o terceiro mês de gestação ao julgar um caso específico

“Há que reconhecer o valor do arbitramento necessário à resolução do problema, seja no âmbito do Parlamento, seja no âmbito do Poder Judiciário.”

Em audiência pública no STF para discutir a descriminalização do aborto, em 3/8/2018

TSE

RECADO A cerimônia de entrega da Constituição: ato simbólico em 2018

curadoria-Geral da República abrisse investigação para apurar se Bolsonaro prevaricou ao ser avisado de irregularidades na compra da vacina Covaxin. “No desenho das atribuições do Ministério Público, não se vislumbra o papel de espectador das ações dos Poderes da República”, escreveu a ministra, dando uma bronca pública na equipe de Augusto Aras. Além disso, a magistrada tem nas mãos casos de grande interesse do bolsonarismo, como as ações que questionam o perdão concedido pelo presidente ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) e a que apura supostos crimes do mandatário por convocar embaixadores estrangeiros para atacar as urnas eletrônicas.

Assim, ficam para trás definitivamente os tempos de um registro meramente burocrático da troca de guarda no comando do STF. De perfil técnico e discreto, a ministra deverá fazer uma gestão diferente de seus dois antecessores, Dias Toffoli e Luiz Fux, que buscaram manter um diálogo com atores do mundo político, em especial o presidente, a quem fizeram vários acenos, na maioria infrutíferos. Fux é um dos magistrados com melhor trânsito no Planalto — ele costuma dizer a interlocutores que considera Bolsonaro bem-intencionado. Com Weber, o chefe do Executivo estará às voltas na fase decisiva da campanha presidencial com dois ministros linha-dura à frente das principais Cortes envolvidas no processo, uma vez que Alexandre de Moraes é o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) desde o dia 16 de agosto.

O atual favorito às eleições, aliás, também não tem um bom retrospecto com Weber. Em 2018, Lula, condenado em segunda instância, foi preso depois que o Supremo negou a ele um habeas-corpus. O voto de Weber foi decisivo para o placar de 6 a 5 desfavorável ao ex-presidente. Sabidamente contrária à execução da pena antes de esgotados todos os recursos, ela decidiu seguir o entendimento consolidado até ali pela maioria. Já no ano seguinte, quando a Corte resolveu julgar a constitucionalidade da prisão em segundo grau, e não mais um caso concreto como era o de Lula, ela votou seguindo o seu entendimento. A jurisprudência do STF mudou e passou a proibir a execução antecipada da pena. Como reflexo, Lula foi solto. A ministra, que já teve o ex-juiz Sergio Moro como auxiliar no STF e agora convidou para trabalhar na pre-

sidência um magistrado que atuou com Teori Zavascki (relator da Lava-Jato, morto em 2017), costuma votar alinhada aos ministros tidos como pró-Lava-Jato: Fachin, Barroso e Cármen Lúcia. No plano pessoal, é também esse o grupo que mantém maior proximidade e amizade com Weber.

Nos tempos em que as decisões judiciais são temas de rinhas nas redes, com magistrados transformados em celebridades, ela destoa ao se manter longe dos holofotes — não dá entrevistas e suas manifestações são nos processos ou em raros pronunciamentos públicos. Indicada pela ex-presidente Dilma Rousseff, será a terceira mulher a comandar o STF — depois de Ellen Gracie e Cármen Lúcia —, e terá um mandato mais curto, até outubro de 2023, quando fará 75 anos e terá de se aposentar.

Nascida em Porto Alegre e oriunda da Justiça do Trabalho, na qual ingressou como juíza substituta em 1976 até chegar a ministra do Tribunal Superior do Trabalho em 2006, a "dama de ferro" do Supremo se distancia da primeira-ministra do Reino Unido que ostentou essa alcunha nos anos 80. Margaret Thatcher foi ferrenha defensora de políticas liberais. Weber, por outro lado, votou contra vários pontos da reforma trabalhista que chegaram ao tribunal, sendo, porém, vencida.

A ascensão de Weber também pode significar uma mudança na postura do Supremo em outras áreas. É esperado que as pautas progressistas, que marcaram a atuação da Corte nos últimos anos, avancem com mais rapidez. Em 2019, ela integrou a corrente majoritária do Supremo que enquadrou a homofobia e a transfobia como crime de racismo. O plenário entendeu que o Congresso estava sendo omisso sobre o assunto. "O direito à própria individualidade, identidades sexual e de gênero, é um dos elementos constitutivos da pessoa humana. O descumprimento de tal comando pelo Legislativo abre a via da ação por omissão", disse. Desde a sua sabatina no Senado, em 2011, ela tem defendido que os juízes podem e devem resolver questões que estejam emperradas nos outros Poderes — o que os críticos chamam de "ativismo judicial". Nessa linha, defendeu mais recentemente que cabe ao STF deliberar sobre a legalização ou não do aborto (ela é relatora de uma ação que pede a descriminalização da interrupção da gravidez até a décima segunda semana, que está pronta para ser julgada).

CARLOS ALVES MOURA/SCO-STF

AMIGO Barroso: o ministro é um dos mais próximos da futura comandante do STF

No futuro mais próximo, o principal papel de Weber deverá ser no pós-eleição. Se Bolsonaro for derrotado, uma eventual contestação do resultado poderá parar no Supremo. Nesse contexto, ela já deu mostras de que pretende ser firme. "As urnas eletrônicas têm sido usadas há 22 anos sem

CRISTIANO MARIZ

DE SAÍDA Luiz Fux: o atual presidente do Supremo buscou manter boa relação com Bolsonaro

sequer um caso comprovado de fraude", sustentou a então presidente do TSE, na véspera do primeiro turno de 2018. Se o presidente for outro, também caberá a Weber ajudar a garantir que a transição será pacífica e que o país não terá sobressaltos na troca de guarda no Palácio do Planalto.

Em termos de intransigência a ataques contra a democracia, a propósito, Weber é garantia de radicalismo do bem. Já é histórica a cena em que ela entregou um exemplar da Constituição a Bolsonaro logo após ele ser eleito, em 2018. "A democracia não se resume a escolhas periódicas por voto secreto e livre. É também exercício constante de diálogo e de tolerância", advertiu a ministra, em recado ao novo presidente em sua diplomação. Bolsonaro pode não ter entendido direito a mensagem, mas certamente não tem dúvida alguma sobre o que pensa a mensageira. ■

MURILLO DE ARAGÃO

A DOENÇA DA ALMA

A história revela que não existe cura para o fanatismo

A EXISTÊNCIA de comportamentos religiosos fanáticos, como disse o teólogo francês Adrien Candiard, é um sofrimento e uma interrogação. Já na política, o fanatismo é apenas um sofrimento, uma vez que as suas causas são entendidas, mesmo que injustificáveis. Ainda citando Candiard, o termo fanatismo parece um tanto obsoleto, visto que se utiliza de outros termos como radicalismo ou fundamentalismo. Mas, independentemente da atualidade do termo, o fanatismo está presente e é uma doença do espírito. Voltaire, em seu dicionário filosófico, o define como tal.

Fanáticos degolaram aqueles que não iam às missas na Noite de São Bartolomeu, em 1572. Lideraram os cruéis processos da Inquisição iniciados em 1478. A evolução da humanidade nos dois últimos séculos não nos privou do fanatismo que adentrou o século XX com o nazismo, o comunismo e seus milhões de mortes. Ainda no novo século, grupos terroristas trouxeram sofrimento e indignação.

Os exemplos citados nos revelam tanto o fanatismo religioso quanto o fanatismo político. O pior é quando os dois se misturam para promover o caos, o medo e o terror. A história nos revela, até agora, que não existe cura para o fanatismo. Que se reinventa e se apresenta sob pretextos religiosos, políticos e até mesmo esportivos para dar vazão aos piores instintos de crueldade que existem no ser humano.

A peste da alma, nas palavras de Voltaire, pode ser temporariamente contida. Porém vai se reinventado para dar vazão à crueldade do homem em uma permanente luta entre o bem e o mal. Mas, afinal, o que é o fanatismo político? O fanatismo é um estado psicológico obsessivo de fervor ou admiração excessiva por ideias, conceitos, temas e pessoas. Onde não se reconhecem valor e virtude no outro e nos seus argumentos. E visa a instilar nos indivíduos e nos grupos sociais motivação para posturas e atitudes extremadas.

Ao vivermos em Estados democráticos infelizmente existe uma certa complacência com narrativas fanáticas que usam da liberdade de expressão para promover ideias radicais e antidemocráticas. O que fazer? O caminho parece ser a difusão da informação de forma ampla e plural. Ainda assim, regimes ditatoriais sobrevivem à inundação de informações pelas redes sociais, o que coloca um desafio adicional. Dessa forma, apenas a informação pode não ser suficiente.

> "Na democracia, há complacência com o uso da liberdade de expressão para promover ideias radicais"

Regimes democráticos devem combater o fanatismo radical que, fatalmente, desemboca em restrições às liberdades e garantias. Como? Promovendo o desenvolvimento social, combatendo males como a desigualdade, o racismo, a corrupção, o corporativismo, a desinformação, entre outros. E tendo a Constituição como marco maior. Mesmo assim, não há garantia de que a peste da alma não reapareça, com novas formas e narrativas, aproveitando do fato de que o ser humano é insatisfeito por natureza. Vale lembrar Nelson Rodrigues, que disse que não há "nada mais cretino e mais cretinizante do que a paixão política". "É a única paixão sem grandeza, a única que é capaz de imbecilizar o homem." ■

JANE DE ARAÚJO/AGÊNCIA SENADO

DIVULGAÇÃO

O VETERANO E O NOVO Pastore e Ermírio de Moraes: os empresários são candidatos a suplente em Brasília e em Goiás

SENADORES SEM VOTO

Mais de 20% do Senado é ocupado hoje pelos suplentes, um fenômeno que deve se repetir nesta eleição. Há casos de pessoas que oferecem até dinheiro para ingressar numa chapa **LEONARDO CALDAS**

DISPUTANDO pela primeira vez uma eleição, um candidato ao Senado foi procurado recentemente por um empresário rico e famoso do seu estado. Faltavam poucos dias para o fim do prazo de registro oficial das candidaturas junto à Justiça Eleitoral. Sem meias-palavras, o sujeito foi direto ao assunto: ofereceu 10 milhões de reais pela vaga de suplente, o reserva que assume o cargo no Congresso na ausência do titular. O dinheiro poderia ser usado para cobrir os gastos da campanha ou para qualquer outra coisa, a critério do político. Além da discrição, não havia qualquer outra exigência ou condição para o acordo. O candidato recusou a proposta e contou em sigilo essa história a VEJA.

Embora estapafúrdio, o episódio não chega a ser surpreendente. Desde a redemocratização, a suplência de senador se transformou num atalho para chegar ao poder sem a necessidade de enfrentar diretamente as urnas — e não será diferente nas eleições deste ano. Hoje, dezoito suplentes (mais de 20% de toda a bancada) estão exercendo o mandato, uma das mais nobres posições na política nacional. Um dos casos emblemáticos é o do atual senador Luiz Osvaldo Pastore (MDB). Empresário do ramo de mineração e dono de um patrimônio declarado de 450 milhões de reais, há quase duas décadas ele tem a política como uma segunda atividade. Sem nunca ter disputado um voto, pode, em breve, se converter no parlamentar reserva mais longevo da história. Pastore está em seu segundo mandato e já se prepara para disputar o terceiro. Ele tem 73 anos, nasceu em São Paulo, onde mora até hoje, mas, no Congresso, representa o Espírito Santo. Em junho, assumiu o lugar da senadora Rose de Freitas (MDB-ES), a titular, que se licenciou para se dedicar à campanha no estado. No exercício do cargo, o senador Pastore é membro de duas das mais poderosas comissões do Congresso, a de Economia e a de Justiça, onde tramitam propostas de emendas constitucionais e os principais e mais importantes projetos de lei do Parlamento. O empresário também está cuidando de garantir a própria reeleição.

No início deste ano, Pastore transferiu o seu domicílio eleitoral do Espírito Santo para Brasília. Vai “disputar” o pleito de outubro como suplente da ex-ministra Flávia Arruda (PL-DF), que lidera as pesquisas de intenção de voto

e é franca favorita a conquistar a vaga no Senado no Distrito Federal. Ou seja, se tudo sair como planejado, o empresário tem grande chance de manter o status de senador reserva por mais oito anos. E como se deu essa articulação política? "Eu fui na Flávia e disse: sou um suplente, já fui suplente, tenho experiência na suplência. Me chamam até de suplente profissional", explica ele. E a mudança do domicílio eleitoral? "Meu pai veio pra cá em 1957. Foi o responsável pela instalação dos lambris, bancadas e tribunas do Senado, da Câmara, Planalto e alguns ministérios. Eu vinha com ele para cá e até recebi o apelido de candanguinho", explicou. Flávia não quis nem tentar explicar como escolheu o seu substituto. "Pergunta pra ele", se limitou a responder. Detalhe: o empresário é o principal doador da campanha da ex-ministra. Contribuiu com 380 000 reais.

Em Goiás, Marcos Ermírio de Moraes é suplente do candidato Marconi Perillo (PSDB). Neto de José Ermírio de Moraes, fundador do Grupo Votorantim, ele é o aspirante a reserva mais rico do país, dono de um patrimônio declarado de 1,2 bilhão de reais. Como seu colega brasiliense, diz ter a política no sangue. "Eu conheço muito bem os problemas de Goiás. Organizei por quase vinte anos a largada do Rally dos Sertões no estado. Isso fez com que eu compreendesse os problemas das comunidades que atravessamos ao longo da prova", disse. Em outubro, um terço do Senado será renovado. Os novos 27 senadores serão eleitos para um mandato de oito anos, tendo, cada um, dois suplentes, que assumem o cargo em caso de afastamento, renúncia, cassação ou morte do titular.

O problema é que a regra criada pela Constituição não estabelece critérios para a indicação do suplente, deixando a decisão ao sabor da conveniência dos candidatos e partidos. Por isso, não são raros os candidatos que colocam como seus reservas parentes e, claro, financiadores de campanha. Trata-se de um modelo que favorece a troca de interesses ou o clã familiar. Em muitos países, o substituto de um senador é apontado com base em listas de votação ou promove-se uma nova eleição em caso de vacância. Não será mais senador? O povo escolhe outro para entrar no seu lugar. No Brasil, várias e diferentes propostas de mudança desse sistema já foram apresentadas no Congresso, mas nenhuma avançou.

Há casos em que a escolha errada pode acabar em dor de cabeça para o próprio titular. As senadoras Simone Tebet (MDB-MS) e Soraya Thronicke (União-MS), ambas candidatas à Presidência da República, poderiam ter se licenciado para cuidar exclusivamente de suas campanhas. Não o fizeram, e os seus suplentes têm muito a ver com essa decisão. Soraya se desentendeu com seu reserva, Rodolfo Nogueira (PL-MS), ainda durante a campanha, diz que foi ameaçada por ele, tentou na Justiça afastá-lo da chapa, mas não conseguiu. Já o suplente de Tebet, Celso Dal Lago (MDB-MS), foi condenado à prisão por corrupção depois da eleição. Nenhum deles, portanto, seria um substituto recomendável. "O suplente é um agente político obscuro que pouco ou nada se sabe sobre ele", diz Eduardo Grin, cientista político da FGV. "O eleitor, na maioria das vezes, nem sabe quem ele é. E, pior, também não tem a mínima ideia do que ele faz." Em geral, muito pouco. O grande objetivo (e vaidade) é receber o título de senador sem precisar de um voto sequer. ■

ARQUIVO DIÁRIO MS

PROCESSO Soraya e Rodolfo Nogueira: a senadora foi ameaçada pelo substituto

FLICKR @SIMONETEBETMS

CRIME Simone Tebet e Celso Dal Lago: suplente condenado por corrupção

REDE DE BAIXARIAS

Ex-candidato à Presidência atua na campanha de Lula fazendo a mesma coisa que os petistas criticam nos seus adversários

HUGO MARQUES E **MARCELA MATTOS**

O DEPUTADO André Janones (Avante-MG) era, até bem pouco tempo atrás, uma surpresa. Candidato à presidente da República, o parlamentar de primeiro mandato, sem expressão no Congresso, desconhecido pela maioria dos brasileiros e filiado a um partido nanico, chegou a registrar, logo na largada, índices de intenção de voto iguais aos de Ciro Gomes (PDT) e superiores aos da senadora Simone Tebet (MDB). O fenômeno encontrava explicação nas redes sociais, onde o congressista tem uma imensa legião de seguidores. São 7,9 milhões no Facebook, 2,8 milhões no Instagram e mais 1,5 milhão no YouTube — popularidade conquistada a partir de 2018 na famosa greve dos caminhoneiros que paralisou o país. Na época, apesar de nunca ter dirigido um caminhão, ele se apresentava como porta-voz do movimento. No início de agosto, o deputado surpreendeu ao anunciar a desistência da candidatura e o apoio a Lula. A aliança foi efusivamente comemorada pelos petistas, que acreditam ter herdado com esse movimento alguns milhões de votos. Mas não foi só isso.

Graças ao seu estilo espalhafatoso, André Janones é considerado uma celebridade nas redes sociais. Desde que se juntou à campanha de Lula, ele já atacou, provocou, desafiou, espalhou notícias falsas e fez acusações graves contra adversários sem apresentar nenhuma prova — tudo o que os petistas juravam que iriam combater na eleição. Jair Bolsonaro, por exemplo, já foi chamado de "assassino de mulheres". O filho do presidente Carlos Bolsonaro, de "miliciano", "vagabundo", "merda" e outros adjetivos impublicáveis. O deputado já postou que o presidente vai acabar com o Auxílio Brasil e gravou um vídeo em frente ao Palácio do Planalto afirmando que havia sido agredido por "capangas" do ex-capitão. No domingo 28, ele arrumou um fuzuê nos estúdios da TV Bandeirantes, onde acontecia o primeiro debate entre os candidatos. Chamou os apoiadores de Jair Bolsonaro de "gado frouxo" e, por pouco, não saiu no tapa com o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles. As redes fervilharam. "Cheguei filmando e pedi que o Salles fizesse o que prometeu nas redes sociais, que desse porrada", confessa o deputado.

MILA MALUHY/CÓDIGO 19/FOLHAPRESS

DEDO NA CARA Com o ex-ministro Salles: fuzuê nos bastidores do debate

Esse comportamento um tanto agressivo não é novo e já rendeu vários processos e pelo menos duas condenações por danos morais ao parlamentar mineiro. Em um deles, foi obrigado a pagar uma indenização a um ex-candidato a vereador depois de chamá-lo de "verme". Em outro, invadiu uma au-

RICARDO STUCKERT

A SERVIÇO DE DEUS Janones e Lula: a aliança foi celebrada pelo PT como uma grande conquista

NO MUNDO VIRTUAL Posts de André Janones no Twitter: uso de xingamentos, notícias falsas e acusações sem prova contra os adversários

diência na Justiça, gravou e publicou um vídeo rotulando o depoente de "corrupto". Na sentença, o juiz do caso escreveu que estava condenando Janones, entre outras razões, por expor pessoas "covardemente" a "situações vexatórias, de forma gratuita e desnecessária". Na Justiça, o ex-candidato do Avante também foi acusado recentemente por um ex-funcionário de praticar rachadinha em seu gabinete no Congresso. E Carlos Bolsonaro (logo ele!) entrou com uma ação no Supremo contra o deputado, que garante não se preocupar. Ele classifica cada um dos processos a que responde como um novo "troféu" para sua coleção. "Infelizmente, às vezes, são necessárias reações fortes para conseguir dignidade para a população", justifica, negando qualquer prática de rachadinha.

Para o PT, que costuma apanhar feio da militância bolsonarista no território virtual, Janones foi um achado. Coincidência ou não, dados levantados pela consultoria Arquimedes a pedido de VEJA mostram que desde o começo de agosto, quando ele entrou na campanha de Lula, os perfis do petista nas redes ganharam 1 milhão de novos seguidores, o dobro da média mensal. Não se sabe até que ponto o trabalho do deputado, que é evangélico e ex-militante do PT, influiu nesse resultado, mas certamente ajudou. "A presença do Janones traz um frescor e uma novidade. Ele se comunica rápido, com bastante didatismo e fura a bolha", elogia o advogado Marco Aurélio de Carvalho, aliado e conselheiro do ex-presidente.

Essa avaliação, contudo, não é unânime. Na coordenação de campanha de Lula, há quem considere que o deputado cometeu certos exageros e que esses exageros podem acabar se voltando contra o ex-presidente. Não repercutiu bem, por exemplo, o post em que Janones escreve que Lula está a serviço de Deus. O post criou embaraços junto ao eleitorado religioso, especialmente entre os evangélicos, nicho em que o ex-presidente tenta, sem sucesso, romper a supremacia do adversário. Mas entre os petistas, de uma maneira geral, há um certo consenso de que a controversa participação de Janones na campanha até agora agregou mais aspectos positivos do que negativos, na medida em que reposiciona o PT num terreno estratégico dominado pela militância bolsonarista — não importando muito se à custa de palavrões, mentiras e baixarias. ■

MÁRIO VILELA/ACERVO FUNAI

NA MIRA Xavier: proteção a coordenador que seria preso e nomeação de funcionária que recebeu dinheiro de invasor

LIGAÇÕES PERIGOSAS

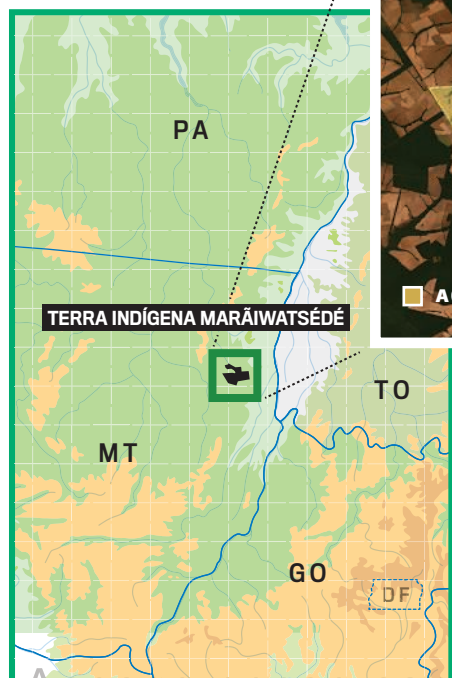
Relatórios da PF mostram conversas comprometedoras do presidente da Funai, Marcelo Xavier, com investigados em um esquema ilegal de arrendamento de terras indígenas **TULIO KRUSE**

QUANDO OS XAVANTES receberam a garantia de que seriam donos da Terra Indígena Marãiwatsédé, por uma sentença do STF em 2012, a disputa em torno de seu território já era considerada um dos mais graves conflitos fundiários do país. Durante vinte anos, o local havia sido alvo de invasões por milhares de produtores rurais. Foi nesse cenário que o delegado Marcelo Augusto Xavier acabou sendo designado para comandar a Polícia Federal em Barra do Garças (MT), responsável pela área onde está a reserva. Sete anos depois, em 2019, ele foi alçado ao posto de comandante da Funai e em pouco tempo se transformou em um símbolo da política do presidente Jair Bolsonaro (PL) para a questão indígena, marcada pelas críticas às demarcações e pela fragilização da estrutura do órgão.

Agora, Xavier tornou-se um personagem enredado em uma série de graves suspeitas. Um áudio que veio a público na semana passada mostrou Xavier em uma conversa comprometedora com um funcionário acusado de liderar esquema de arrendamento ilegal de terras a produtores rurais em Marãiwatsédé. Três militares que trabalhavam na Funai seriam presos sob a acusação de receber dinheiro dos arrendatários, segundo a PF e o Ministério Público Federal. No processo está a gravação na qual Xavier fala com outro suspeito de envolvimento no caso, o ex-fuzileiro naval Jussielson Gonçalves Silva, coordenador regional da fundação. Na conversa em questão, Jussielson mostra-se preocupado com pedidos de informação da PF. “Pode ficar tranquilo aí, que você tem toda a sustentação aqui”, responde o presidente da Funai.

Não fica claro a que tipo de garantia Xavier estava se referindo. Jussielson foi preso um mês depois, assim como outros dois militares que trabalhavam no órgão. Relatório da PF obtido por VEJA mostra que funcionários da Funai falavam sobre a intenção de legalizar as invasões por até

A ÁREA INVADIDA

A exploração agropecuária na Terra Indígena Marãiwatsédé

ÁREA: **165 000 HECTARES**
ETNIA: **XAVANTE**
POPULAÇÃO: **1 200 INDÍGENAS***
HOMOLOGAÇÃO: **1998**
MUNICÍPIOS ABRANGIDOS: **ALTO BOA VISTA, SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA E BOM JESUS DO ARAGUAIA**
ESTADO: **MATO GROSSO**
ÁREA DESMATADA: **70%**

*Estimativa da PF
Fontes: *Instituto Socioambiental, Siasi/Sesai e MapBiomas*

quinze anos, via um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). A conversa gravada pela PF sugere que Xavier estava a par da maracutaia. Como o Estatuto do Índio proíbe de forma taxativa qualquer tipo de arrendamento de terra indígena, o entendimento da PF é que o TAC jamais se aplicaria a esse caso.

O presidente da Funai, que por ora não é investigado, nega irregularidade, mas ficou pressionado. Ele enviou um ofício exigindo a abertura de inquérito sobre ele e que, caso a PF opte por não abrir o processo, que apresente uma justificativa para deixar de fazê-lo "sob pena de prevaricação". A nota também sugere que os documentos enviados pela PF à Justiça Federal teriam sido utilizados de forma descontextualizada para prejudicá-lo.

As suspeitas que o caso levanta sobre Xavier não são baseadas apenas na gravação feita pela PF. Documentos da investigação em curso também mostram o episódio da recente nomeação para um cargo que o presidente da Funai fez a favor de Thaiana Ribeiro Viana, casada com o PM Gerard Maximiliano, apontado como braço direito de Jussielson. Despachante de armas, ela foi designada para um posto comissionado da Funai no Xingu, a 120 quilômetros de onde morava. A PF recebeu comprovantes de transferências por Pix que somavam 50 000 reais da filha de um dos arrendatários para a conta de Thaiana, com o termo "arrendamento" na descrição do depósito. O fazendeiro diz que fez o pagamento para continuar o arrendamento ilegal da área. Maximiliano negou em depoimento ter recebido dinheiro, mas disse que não tinha certeza do motivo da transferência à esposa.

POLÍCIA FEDERAL

CERCO Policiais federais na Amazônia: a investigação já levou três militares à prisão

Os indícios de favorecimento a invasões ilegais de terras indígenas precedem a chegada do atual presidente da Funai ao cargo. Em 2013, o procurador da República Wilson Rocha Fernandes Assis solicitou uma investigação dos fazendeiros com escutas telefônicas, mas o então delegado Xavier foi contra, o que obrigou o MPF a pedir a interceptação diretamente à Justiça. "Em um áudio aparecem referências de que ele seria uma pessoa que estava do lado dos fazendeiros", diz Assis. O áudio foi enviado à Superintendência da PF e Xavier foi afastado. Causa espanto, portanto, alguém com esse currículo ter chegado ao comando da Funai.

Se não bastassem as suspeitas do passado, o imbróglio recente é mais um ponto negativo na atuação de Xavier, cuja gestão foi classificada de "anti-indígena" em um dossiê da entidade Indigenistas Associados (INA), de junho. O documento aponta perseguição a servidores, sucateamento da fiscalização e o aparelhamento da fundação — das 39 coordenações, apenas duas são ocupadas por funcionários de carreira e dezessete por militares como Jussielson. O inferno astral de Xavier, que começou com os assassinatos do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, em junho, e o levou ao constrangimento de ter de abandonar um mês depois um evento indígena em Madri aos gritos de "miliciano", parece ainda longe do fim. ■

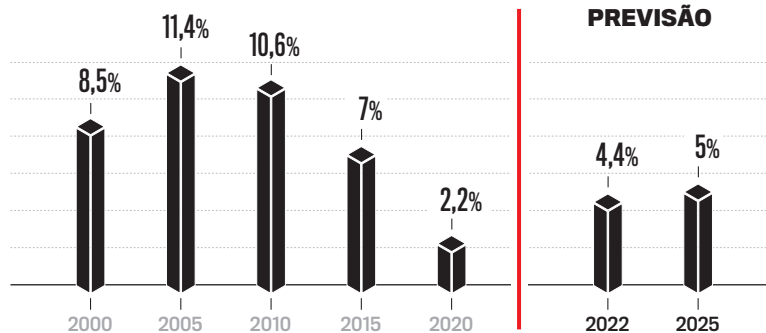
SOMBRA NO HORIZONTE

Decisiva para o bom desempenho da economia brasileira, a China entra em desaceleração e pode prejudicar os planos para 2023 do futuro presidente

LUISA PURCHIO

A atual corrida eleitoral pela Presidência da República é pródiga em promessas feitas pelos candidatos. Todos garantem a manutenção do auxílio aos mais pobres em 600 reais no próximo ano. Ciro Gomes, do PDT, fala até em realizar um programa de renda mínima de 1000 reais. Por excesso de otimismo ou simples oportunismo eleitoral, eles partem do pressuposto de que terão um caixa robusto para o próximo exercício. O problema é que, a despeito dos bons resultados de arrecadação de impostos neste ano, as nuvens parecem cada vez mais ameaçadoras no cenário global de 2023. A mais recente e perigosa tem relação com o desempenho econômico da China, o maior parceiro comercial brasileiro. "A situação vai ser difícil e não tenha dúvida de que isso vai se descobrir logo", diz o embaixador e ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero.

O desempenho positivo das contas públicas no primeiro semestre deste ano tem relação com a recuperação da atividade no pós-pandemia, como no setor de serviços, mas também com a alta de preços das commodities que o Brasil exporta, como petróleo, minério de ferro e alimentos. Como um grande comprador desses produtos, a China tem sido crucial para a performance da balança comercial brasileira. As cotações, que já vinham em alta em 2021, subiram mais com as restrições causadas pela guerra na Ucrânia, no primeiro semestre. Esse efeito ajudou a trazer mais dinheiro para o país e gerar mais impostos pagos ao governo. Mas, nas últimas semanas, as perspectivas mudaram.

O grande dínamo econômico do novo milênio e segunda maior economia global, a China indica cada vez mais ter colocado o pé no freio e ter deixado no passado os seus anos de mais brilho. Economistas já preveem que o crescimento do PIB chinês ficará, neste ano, em torno de 3,5% e pouco acima de 5% em 2023. Essas últimas projeções representam baixas em relação a prognósticos anteriores, como os do Fundo Monetário Internacional, mesmo considerando anúncios recentes do governo do presidente Xi Jinping para reavivar a economia. Ele promoveu, nas duas últimas semanas, quedas drásticas de juros — foram 15 pontos de baixa para a taxa de operações de cinco anos —, na contramão do resto do

MARK SCHIEFELBEIN/AP/IMAGEPLUS

NOVOS RUMOS Xi Jinping: decisões de impacto vêm atenuando o crescimento do principal parceiro comercial brasileiro

mundo, e até anunciou um pacote de gastos de 146 bilhões de dólares.

Tais números de crescimento do PIB entre 3% e 4% ficam muito distantes do impulso pós-pandemia de 8,1%, que favoreceu o governo Jair Bolsonaro meses atrás. Nos anos 2000, o ritmo de crescimento chinês superava os 10% — tendo atingido 14,2% em 2007 —, algo que tanto ajudou os mandatos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A desaceleração asiática atual é causada por uma somatória de fatores. Um dos principais foi a decisão de Xi Jinping de impulsionar o consumo interno e manter o crescimento do país estável, ainda que menor. Isso significou uma diminuição considerável das injeções do governo em setores como o de infraestrutura e o mercado imobiliário, que agora atravessa uma grave crise.

Para piorar o quadro, o governo chinês não demonstra interesse em flexibilizar a sua estratégia de tolerância zero contra a Covid-19 e a variante ômicron, levando a novos *lockdowns*, algo que prejudica a produção industrial e o escoamento de mercadorias nos portos. As regiões de Pequim, Chengdu e Shenzhen, o polo da indústria de tecnologia do país, foram os mais recentes a fechar. Por fim, o verão seco e com altas temperaturas está atingindo safras agrícolas, o fornecimento de energia e o tráfego de embarcações de carga em rios que sofrem com a diminuição do nível de água.

Nos últimos anos, a China tem ajudado o Brasil não só comprando commodities, mas também com investimentos em startups, infraestrutura e produção de petróleo. No ano passado, o país recebeu de Pequim 5,9 bilhões de dólares, 13,6% do capital chinês investido no exterior. Com isso, o Brasil foi o maior destino de investimentos da nação asiática, segundo o Conselho Empresarial Brasil-China. A questão é se o ritmo pode continuar. “Certamente, ficou para trás aquele momento de empréstimos gigantescos de recursos públicos chineses para projetos de investimento pelo mundo”, avalia o economista Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial e membro sênior do Centro de Políticas para o Novo Sul. “Temos à frente uma desaceleração global inevitável. Esta combinação não é benéfica para o Brasil.” O presidente eleito para 2023 pode não admitir em discursos, mas precisará se preparar para governar o país em um cenário econômico internacional bem mais restritivo. ■

UM BOM NEGÓCIO

Depois das práticas ambientais e sociais, as empresas agora investem em mecanismos de controle ético e legal, decisivos para o sucesso nos resultados **LUANA MENEGHETTI**

SHUTTERSTOCK

NOS ÚLTIMOS três anos, foram raras as vezes que o comandante de uma grande companhia brasileira não fez um pronunciamento público sem citar, ao menos uma vez, as letras ESG. A sigla em inglês para meio ambiente, ação social e governança substituiu, no mundo corporativo, o termo sustentabilidade, bastante usado desde os anos 2000 para resumir a responsabilidade social e ambiental. Com isso, na nova sigla, o E e o S que correspondem a essas ideias são facilmente entendidos pelo público geral. Mas o terceiro pilar, o G, mais afeito aos bastidores corporativos, é mais complexo — e, na maioria das vezes, o mais importante. "A governança é o fio condutor para que essa nova cultura de compromisso que vai além dos negócios seja incorporada de fato nas empresas", explica Luiz Martha, responsável por pesquisa e conteúdo do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC).

O conceito envolve a estruturação de comitês, conselhos e controles para a equipe de gestão administrar a rotina empresarial e conferir transparência a suas decisões e resultados. E, nessa linha, avança em paralelo a outro conceito, o de compliance, que significa cumprimento às regras, sejam ambientais, sociais ou éticas. É justamente essa conduta que reduz as chances de as companhias se exporem a riscos e escândalos que impliquem danos para suas marcas e reputação — e prejuízo aos acionistas e investidores.

Atualmente, 69% das empresas brasileiras listadas em bolsa declararam ter uma área de compliance para o gerenciamento de riscos. Em 2012, esse porcentual era de apenas 39%. Surgido na década de 60 nos Estados Unidos, o termo que deriva do verbo *to comply* (cumprir, obedecer), ganhou notoriedade após grandes escândalos financeiros a partir da primeira década deste século. No Brasil, o assunto despontou de fato com a Operação Lava-Jato, que expôs as entranhas do mundo corporativo, especialmente do setor de infraestrutura. Desde então, as organizações buscaram adotar procedimentos para coibir desvios éticos que pudessem incorrer em ilegalidades, com a estruturação de departamentos específicos para esse fim. Atualmente, o risco de não ter um programa desse tipo é quase três vezes maior do que o custo de sua implementação, segundo estudo divulgado pela empresa do software de gestão de dados Globalscape. Em alguns casos, quando o trabalho de compliance é consistente, contribui até mesmo para a expansão da empresa.

O grupo J&F, holding que controla sete companhias, entre elas a multinacional JBS, reforçou o seu programa de compliance em 2017, investindo 250 milhões de reais na área. O aperfeiçoamento dessa estrutura, na visão dos executivos do grupo, é um dos grandes responsáveis pelo desempenho do conglomerado, cuja receita passou de 164 bilhões de reais para 353 bilhões de reais, nos últimos cinco anos. "Os resultados do investimento do grupo comprovam que essa é uma área decisiva para os negócios a longo prazo e uma pré-condição para qualquer discussão sobre a agenda que envolva ambiente, ação social e governança", diz Lucio Martins, diretor global de compliance do grupo J&F. O assunto ganhou tamanha importância que o grupo recentemente anunciou a formação de um comitê executivo global dedicado à área para uniformizar e

EVOLUÇÃO DA GOVERNANÇA

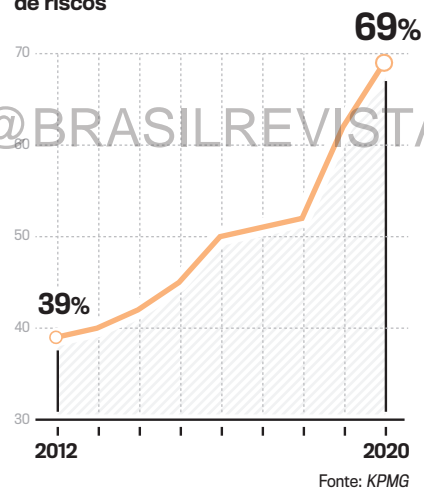
Dados das empresas brasileiras listadas em bolsa

POSSUEM ÁREA ESPECÍFICA PARA GERENCIAMENTO DE RISCOS

POSSUEM AUDITORIA INTERNA

POSSUEM AUDITORIA INDEPENDENTE

Evolução de empresas que possuem área específica para gerenciamento de riscos

Fonte: *KPMG*

GANHOS Boas práticas: respeito às regras sustenta a expansão das empresas

padronizar os procedimentos de toda a sua cadeia espalhada mundo afora.

Desde o surgimento dos conceitos de boas práticas corporativas, é uma preocupação dos organismos reguladores e entidades que zelam pela conduta de gestores nos negócios que essas iniciativas de fato aconteçam e não se restrinjam a campanhas de publicidade e marketing. No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) vai regular os fundos de investimentos que se autodenominam verdes. O Banco Central, por sua vez, cobrará dos bancos a inclusão de riscos climáticos e políticas de responsabilidade. A bolsa de valores brasileira, a B3, abriu recentemente audiência pública com novas regras para aumentar a diversidade de gênero e raça em cargos de liderança. Modelos similares também têm avançado nos Estados Unidos, na Europa e em Singapura. É um caminho sem volta, em que não basta às empresas parecerem corretas. Elas precisam efetivamente ser corretas. ■

MARCHA PARA A TREVA

Governadores republicanos impõem o retrocesso nas escolas, com banimento de livros e proibição de temas relativos à diversidade. Até a palmatória, quem diria, está de volta

AMANDA PÉCHY

Faz parte do repertório conservador de conspirações imaginárias que varre o planeta — em papel de destaque, aliás — a suposta existência de um maquiavélico plano global da esquerda para desidratar os valores morais convencionais sobrepondo a eles conceitos desagregadores de raça e gênero. Dentro desse cenário ilusório e irreal, reagir é sinônimo de regredir, desfazendo conquistas e avanços da sociedade. Nos Estados Unidos de hoje, a marcha da direita impõe retrocessos em série, uns mais visíveis, outros menos, mas todos igualmente deletérios.

Entre os mais preocupantes, pelo impacto que terá nas novas gerações, está o gradual desenrolar de um manto de ignorância e preconceito nas salas de aula, onde livros são banidos, temas são censurados, professores são ameaçados e até a punição corporal ensaia um retorno. “As escolas retratam como queremos que seja o futuro e a roda está girando na direção dos valores tradicionais”, diz Meira Levinson, professora de educação da Universidade Harvard.

Na última semana, a pequena Cassville, cidade no Sudoeste do estado do Missouri, saiu do anonimato ao se divulgar que a palmatória, aposentada no passado, voltará a ser aplicada nos alunos “quando todos os outros meios de disciplina falharem”. Segundo o superintendente escolar, Merlyn Johnson, a medida foi um pedido dos próprios pais, que terão de autorizar expressamente sua implementação. Na arena cultural, o principal alvo do movimento conservador é a bem-vinda e necessária inclusão de questões referentes a racismo e direitos LGBTQIA+ no currículo e nas regras de convívio das escolas. A onda de retrocesso se espraia pelos estados governados por republicanos trumpistas, mas chama especial atenção na Flórida e no Texas, as estrelas da constelação vermelha.

A Flórida do governador Ron DeSantis, pupilo ingrato de Donald Trump que se movimenta para ocupar o lugar do mestre na próxima corrida presidencial, regrediu ao aprovar duas leis neste ano. Uma proíbe mencionar orientação sexual e identidade de gênero na sala de aula — a célebre *Don’t say gay* (“Não fale gay”). Outra impede que o ensino sobre racismo faça menção à “teoria racial crítica”, conceito que insere o preconceito contra negros na sociedade e no arcabouço legal e que é abominado pela direita radical, que o considera antiamericano e antibrancos. Um tribunal estadual trava a aplicação dessa segunda legislação, mas distritos escolares já podem ser processados por violar a *Don’t say gay*. Vira e mexe, comitês de pais percorrem bibliotecas das escolas estaduais expurgando-as de livros considerados inadequados.

No Texas, o governador Greg Abbott introduziu neste ano a Declaração de Direitos dos Pais, destinada a reforçar a ideia de que as famílias são “as principais tomadoras de decisão em todos os assuntos relacionados às crianças”. Abbott atendeu assim aos anseios de pelo menos dez comitês de ação polí-

CORBIS/VCG/GETTY IMAGES

PUNIÇÃO Castigo físico para impor disciplina: um distrito escolar reeditou a palmatória, uma prática já enterrada

PATRULHA Na sala de aula: professores e escolas podem ser censurados e até processados por tocar em temas tabu

tica (PACs) criados no ano passado em Dallas por pais indignados com currículos escolares que, segundo eles, são pouco transparentes e dão acesso a livros inapropriados. Por influência desses progenitores, o Texas entrou para o clube dos estados que restringem livros com tamanha gana que incluiu na lista clássicos como *O Diário de Anne Frank* ("com referências à genitália feminina"), *O Conto da Aia* e — pasmem — a *Bíblia*. Segundo a Associação Americana de Bibliotecas, mais de 1 500 títulos foram censurados em escolas em 2021, a maioria sobre LGBTQIA+ e racismo.

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

LIVROS NA MIRA Índex: O Texas restringiu a história da menina judia que se escondeu dos nazistas

O grupo de defesa da liberdade de expressão PEN America contabilizou neste ano 137 projetos de lei para coibir o ensino sobre racismo, gênero e porções da própria história americana. Pegos no meio do furacão conservador, os alunos que se declaram trans perdem direitos recentemente adquiridos. O governador da Virgínia, Glenn Youngkin, trava uma batalha nos conselhos escolares para impedir que esses estudantes usem os banheiros do sexo que declaram. Nos esportes, 37 estados querem limitar a participação de tais alunos às equipes de seu sexo biológico (dez projetos já foram aprovados).

A guerra cultural faz parte da estratégia do Partido Republicano nas eleições legislativas e estaduais de novembro. "A suposta doutrinação de estudantes em questões de gênero, sexualidade e raça é um dos principais pontos de discussão da base republicana, que percebe que as pessoas se preocupam mais com banheiros para ambos os sexos do que com o preço da gasolina", diz o cientista político Thomas Whalen, da Universidade de Boston. Enquanto isso, mais de 160 professores pediram demissão ou foram demitidos nos últimos dois anos, um dado ainda mais preocupante diante do déficit de 280 000 educadores nas escolas públicas provocado pela pandemia. A marcha na direção da treva segue acelerada, engolindo na sua passagem o futuro do país. ■

DECEPÇÃO
Scholz: promessas não cumpridas e problemas por todos os lados

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

PREVISÃO: TROVOADAS

No país europeu mais dependente do gás russo, um governo vacilante abre espaço para que grupos extremistas se empenhem em mobilizar os alemães contra o sistema **CAIO SAAD**

SE, EM TEMPOS normais, sentar na cadeira de Angela Merkel já era ato de dar calafrios, que dirá agora, quando seu sucessor, Olaf Scholz — um chanceler hesitante que ainda não provou a que veio — tem de encarar uma guerra logo ao lado, uma ameaça de grave crise energética e uma população impaciente e insatisfeita com o governo. Uma pesquisa recém-publicada mostra que a popularidade de Scholz, que assumiu em dezembro, desceu a seu pior nível: dois terços dos alemães estão descontentes com a coalizão que comanda. A insatisfação alimenta previsões de que os próximos meses serão terreno fértil para manifestações populares insufladas por extremistas da direita e da esquerda, unidos na tentativa de desestabilizar o sistema — um "outono quente", como vem pregando o escritor Götz Kubitschek, fundador do Instituto de Políticas Estatais, de extrema direita.

A agitação social é resultado direto dos últimos meses de turbulência econômica e alta sistemática dos preços. Scholz mal havia assumido quando a Rússia invadiu a Ucrânia e, inicialmente, foi elogiado por sua reação: deslanchou uma audaciosa reforma da defesa alemã, minimizada desde a II Guerra, prometeu livrar a Alemanha da dependência do gás russo (que supria 60% de suas necessidades, de longe o maior cliente na Europa) e empenhou apoio total a Kiev, com o aceno de envio de armas e equipamento militar. Pois nada de muito significativo aconteceu.

O rearmamento alemão está em ponto morto, a ajuda militar aos ucranianos pouco avançou e, antes que novos fornecedores fossem contratados, a Rússia promove intermitentes cortes no fluxo de seus gasodutos, fazendo os preços disparar e antecipando um inverno de escassez. Com a atividade econômica em queda, o Bundesbank, o banco central alemão, prevê recessão até o fim do ano. A inflação atingiu 8,5% em julho, devendo passar dos dois dígitos em breve. A alta anual do preço da energia elétrica passou de 600%, colocando pressão tanto sobre consu-

RADICAIS EM AÇÃO
Tentativa de invasão do Parlamento: nova ameaça

ANADOLU/GETTY IMAGES

midores quanto empresas — há risco de que a falta de gás leve a fechamentos e dispensa de trabalhadores. Como se não bastasse, a forte onda de calor na Europa secou os rios, prejudicando transportes e comércio.

A expectativa é que o impacto dos problemas atuais siga forte até 2025, quando se espera que a Alemanha consiga dispensar totalmente o gás que vem da Rússia. "Os danos à economia têm sido imensos e os salários não acompanham a inflação", aponta Marcel Fratzscher, do Instituto Alemão para Pesquisa Econômica, que assessora o governo. Scholz lançou um apelo aos outros membros da União Europeia para que economizem energia e transfiram o excedente para a Alemanha, mas não teve boa recepção — vários guardam ressentimento das receitas amargas impostas por Merkel em tempos de crise.

A potencial fogueira sob esse caldeirão de problemas vem sendo atiçada cada vez mais abertamente pelo partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que recupera popularidade depois do recuo nas eleições passadas, e pelo punhado de grupos radicais de esquerda e de direita que tentam formar uma "grande aliança" contra o sistema — uma tentativa de mobilização mais ampla e mais agressiva do que as manifestações que, há dois anos, chegaram perto de invadir a sede do Parlamento, em Berlim. "A confluência de fatores de estresse deixa a população insegura e ela se torna presa mais fácil para os extremistas", ressalta Stephan Kramer, chefe de um braço regional dos serviços de inteligência. Motor da Europa, a Alemanha vê suas engrenagens se emperrar, sem lubrificação rápida à vista. ■

VILMA GRYZINSKI

QUEM GUARDA OS GUARDIÕES?

Sem a força moral da imparcialidade, tudo se contamina

CIDADÃOS NOBRES que pensam como filósofos e lutam como guerreiros, vivem modestamente, repartem tudo com os colegas, são respeitados como os guardiões da cidade e sabem como usar o poder sabiamente nessa missão. Durante algumas décadas, a classe imaginada por Sócrates na utópica Kallipolis, psicografada por Platão, pareceu encontrar sua realização em outra utopia, a americana, em que homens honestos, valorosos, incorruptíveis e heroicamente obstinados formavam a mais legendária força policial do planeta. Inumeráveis filmes consolidaram a lenda: um roubo momentoso, um sequestro indecifrável, um homicídio misterioso começavam a ser desvendados a partir do momento em que os perdidos policiais locais entregavam as investigações a agentes do FBI. Os americanos não precisavam mais se preocupar com um dilema de 2 000 anos — quem guardará os guardiões? —, enunciado em Roma pelo satírico Juvenal num contexto bem mais mundano (o do risco de colocar seguranças bonitões para vigiar a fidelidade das mulheres. O.k., a parte dos bonitões foi acrescentada).

> "O FBI, uma instituição legendária, interferiu em um processo que era só dos eleitores"

Até a contranarrativa acabava funcionando a favor. As maquinações do fundador do FBI, J. Edgar Hoover, terminaram por comprovar que nem uma mente maquiavélica como a dele conseguiu desvirtuar sua criatura. As fantasias de um Hoover vestido de mulher, como seu estilo de vida insinuava, parecem ingênuas diante da realidade atual: por decisão judicial, o sistema carcerário federal tem de bancar a cirurgia de mudança de sexo de uma presa trans, homem biológico que se identifica como mulher. Menos ingênuos também são os americanos: nada menos de 79% acreditam que o resultado da eleição presidencial de 2020 teria sido diferente se o FBI não tivesse interferido para desmerecer as histórias cabeludas que emergiam do computador extraviado de Hunter Biden, o filho-problema de Joe Biden. Numa revelação estarrecedora, Mark Zuckerberg disse que agentes do FBI "vieram a nós" a poucos dias da eleição presidencial e avisaram que estava para aparecer uma grande quantidade de "propaganda russa". Bastou para o Facebook e outras redes sociais, amplamente secundadas pela esmagadora maioria da imprensa, colocarem sob suspeita as primeiras revelações que afloravam do material guardado no computador, indicando negócios propulsionados pelo vínculo de Hunter com o pai, na época vice-presidente dos Estados Unidos.

Este é um dos principais motivos que envolvem com uma névoa de suspeita tudo o que o FBI faz em relação a Donald Trump. Ao perder a aura de imparcialidade e se tornar um agente político interferindo diretamente num processo em que apenas os eleitores deveriam ter da primeira à última palavra, uma instituição legendária introduziu a corrupção em seu seio. Os motivos foram de força maior? Trump foi um horror de presidente? A salvação da pátria estava em jogo? Quando os guardiões perdem a força moral, tudo o que tocam se conspurca, mesmo os mais nobres propósitos. Quaisquer que sejam os documentos guardados ilicitamente por Trump no material confiscado em sua casa na Flórida, sejam segredos nucleares ou detalhes picantes sobre a vida sexual de Emmanuel Macron, os investigadores estão maculados por princípio e eventuais crimes do ex-presidente sempre terão a credibilidade contestada. ■

BELGA/AFP

NADA PESSOAL, GENTE

O vazamento de uma ação judicial confidencial em julho revelou ao mundo que **ELON MUSK** é pai de dez filhos atualmente – em novembro, nasceram os gêmeos que teve com Shivon Zilis por inseminação artificial. Ocorre que Shivon, 36 anos, é diretora de uma empresa sua, a Neuralink (que, bem na linha muskiana, busca desenvolver chips capazes de conectar o cérebro a máquinas), e seus estatutos proíbem "relações pessoais" entre funcionários e supervisores diretos. Mais que depressa, ela tratou de esclarecer que não, os dois não têm nenhum relacionamento amoroso, deixando entrever que os filhos com Musk, 51, são fruto de uma interação impessoal. A Neuralink aceitou a estapafúrdia explicação.

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Depois de gingar em escala global e faturar uma inédita estatueta, **ANITTA,** 29 anos, seguiu a festa na trepidante noite de Manhattan. Traçou um prato de massa, se acabou na pista como se não houvesse amanhã e brindou, com um drinque cortesia da casa e um bilhetinho chamando-a de "rainha", o prêmio de melhor clipe latino pelo sucesso *Envolver,* troféu concedido pela primeira vez a uma brasileira pelo Video Music Awards da MTV, um dos principais prêmios mundiais da música. Sempre acompanhada do namorado, o produtor canadense Murda Beatz, já era madrugada quando ela desabou. "Anitta se debulhou em lágrimas, soluçava, e saiu abraçando quem viu pela frente", conta um amigo. "Tenho muito amor para dar", justificou a cantora.

JOHNNY NUNEZ/MTV/GETTY IMAGES

LUZ, QUERO LUZ

De férias da TV desde que interpretou Maria Marruá na primeira fase de *Pantanal*, **JULIANA PAES,** 43 anos, anda a toda em seus estudos sobre espiritualidade. Tudo para engatar com conhecimento de causa no filme *Predestinado: Arigó e o Espírito do Dr. Fritz*. Operou-se aí uma transformação. A atriz, que era chegada às religiões de matriz africana, agora se define espírita e crê em "egrégoras", seres de luz aos quais se atribui a cura espiritual. "Antes de as doenças se manifestarem no corpo, elas estão presentes no campo etéreo", filosofa ela, que lamenta ainda não ter recebido nenhuma carta psicografada. "Mas presencio, sim, emoção de quem as recebe", garante.

INSTAGRAM @JULIANAPAES

SAMIR HUSSEIN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

ALFINETADAS NA CORTE

A data foi escolhida a dedo. Às vésperas de mais uma viagem cheia de interrogações dos duques de Sussex ao Reino Unido — Vão ver a família? Se sim, quem? Farão menção aos 25 anos da morte de Diana? —, **MEGHAN** aparece na capa e no recheio da revista on-line *The Cut* em mais uma entrevista cheia de farpas à maneira como o casal e os filhos são tratados pelos *royals*. Conta que ficaram "felizes de ir embora" porque "nossa simples existência estava perturbando a dinâmica da hierarquia". A certa altura, diz que "não perdoar requer muita energia, mas perdoar também exige um grande esforço". E, no ponto mais comentado, observa que na África do Sul o casamento dela foi recebido com a alegria de "quando Nelson Mandela saiu da prisão". Meghan e Harry chegam na segunda-feira 5 para participar de eventos filantrópicos em Manchester e Londres. ■

ISTOCK/GETTY IMAGES

UM GRANDE PASSO

Cinquenta anos depois da última missão Apollo, a Lua volta a ser alvo de uma nova corrida espacial. Além dos Estados Unidos, China, Índia e Rússia querem reconquistá-la

ALESSANDRO GIANNINI

Supõe-se que ela teria surgido há 4,5 bilhões de anos, logo depois da formação do sistema solar. Nasceu, acredita-se, da colisão de um asteroide gigante com a Terra. Depois, engajou-se com o planeta em uma bela dança gravitacional que dura até hoje e soa infinita. Influencia marés, a vida animal e a flora de maneiras que a ciência ainda não conseguiu entender por completo — e do enigma brota beleza. Embora nos mostre sempre a mesma face, consegue encantar, fascinar e, reza a lenda, até transformar os seres humanos em outra coisa — quem crê em lobisomens que o diga. Inspira cientistas e artistas de todas as cepas, está nas poesias e nas canções. A Lua, a lua dos apaixonados, voltou a ser um destino cobiçado. E lá vamos nós pisá-la novamente.

Os Estados Unidos, que há mais de cinquenta anos foram o primeiro país a fincar bandeira em solo lunar, pavimentam o caminho de retorno com a missão Artemis I. Batizado com o pomposo nome de Sistema de Lançamento Espacial (SLS, na sigla em inglês), o foguete de 100 metros de altura faria sua estreia na semana passada, decolando do Centro Espacial Kennedy, na Flórida, em um voo não tripulado. A detecção de um problema em um dos motores, no entanto, levou ao adiamento da operação. O plano, ainda de pé, é conduzir a cápsula Orion para um

NO CÉU Ela, em toda a sua plenitude: eterno fascínio

BILL INGALLS/NASA/AFP

ARTEMIS I O foguete SLS na plataforma de lançamento, na Flórida: orçamento estourado e adiamentos

passeio ao redor da Lua, levar os equipamentos ao limite e depois trazer tudo de volta no prazo de até um mês e meio *(veja no quadro da pág. 58).*

De acordo com a Nasa, a Artemis I "fornecerá as bases para a exploração humana do espaço profundo". Por trás da linguagem empolada, há um projeto ambicioso. No planejamento da agência espacial americana estão previstas missões futuras na superfície lunar, com o objetivo de criar uma espécie de plataforma para outros destinos mais distantes, incluindo Marte. Prevista para 2024, a Artemis II levará a tripulação a testar os sistemas críticos da Orion na órbita da Lua. E, então, em 2025, logo aí, a Artemis III pretende alunissar a espaçonave tripulada com astronautas. Ficou estabelecido também desde o início que pelo menos uma mulher e uma pessoa de cor devem fazer parte dessas equipes.

O foguete SLS, com capacidade de impulso 15% maior que os modelos Saturn V usados nas antigas missões Apollo, nos anos 1960 e 1970, passará por aperfeiçoamentos, com capacidade de carga aumentada de 26 toneladas para 45 toneladas. Isso será necessário para que futuras missões de exploração tripuladas tenham condições de sobreviver no espaço por longas temporadas. A Nasa e a ESA, agência espacial europeia, estão construindo uma estação orbital, a Gateway, para funcionar como um "portal para operações no espaço profundo".

AP/IMAGEPLUS

APOLLO 11 Saturn V decola do Centro Kennedy, em 1969: missão histórica

BETTMANN/GETTY IMAGES

DESFILE Astronautas em Nova York, depois da primeira viagem: celebridades

Outra ideia é a construção de uma base na superfície lunar, que serviria como plataforma de lançamento para outros pontos do sistema solar.

Consequência da Guerra Fria entre EUA e União Soviética, a corrida espacial entre os dois países tinha como troféu a "conquista" da Lua. Por conquista entenda-se levar astronautas ou cosmonautas até o solo lunar. De 1960 a 1973, o Projeto Apollo, da Nasa, proporcionou aos americanos o doce sabor da vitória, ao custo de mais de 250 bilhões de dólares em valores atuais — um investimento estrondoso para qualquer época. Em julho de 1969, Neil Armstrong, integrante da missão Apollo 11, foi o primeiro astronauta a pisar no satélite natural. É dele a mãe de todas as frases: "Um pequeno passo para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade". Três anos depois, em 1972, Gene Cernan, tripulante da missão Apollo 17, foi o último a deixar suas pegadas impressas no solo de cor flicts, como imaginou o cartunista Ziraldo.

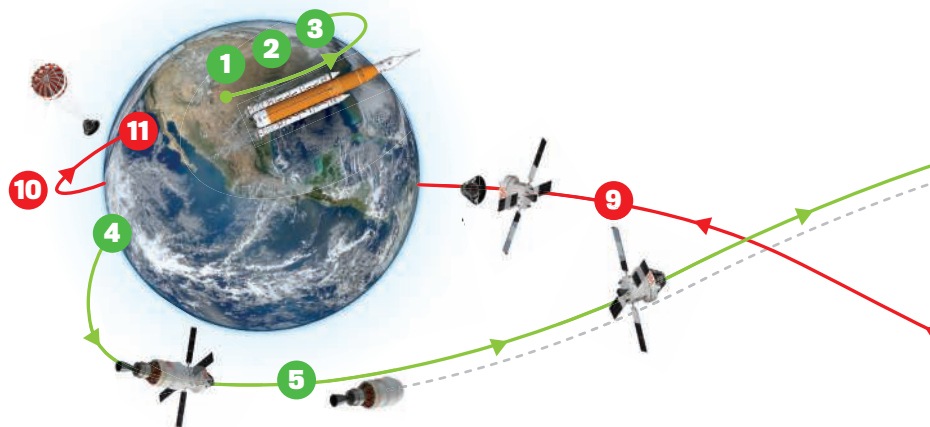
Na realidade do século XXI, em que o telescópio James Webb consegue espiar o que aconteceu em galáxias distantes a mais de 13 bilhões de anos-luz, a disputa pelo espaço em geral e pela Lua em particular aumentou consideravelmente. Há vários outros países engajados nesse mesmo movimento. Em janeiro de 2019, a China pousou a espaçonave Chang'e-4 na

VOOS MAIS ALTOS

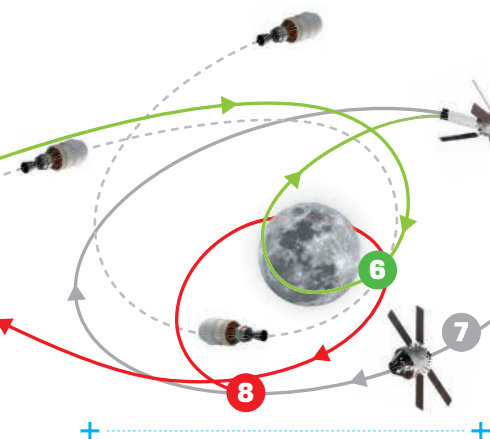
Como será a viagem da cápsula Orion

DURAÇÃO DAS ETAPAS

Ida: 8 a 14 dias
Estadia: 6 a 19 dias
Volta: 9 a 19 dias

TOTAL
26 a 42 dias

A VIAGEM

1. A cápsula deve decolar do ***Complexo de Lançamento 39B,*** no *Kennedy Space Center,* na Flórida
2. Descarte dos propulsores, dos painéis do módulo de serviço e do sistema de segurança de lançamento
3. Desligamento dos motores do estágio principal, que se separará da espaçonave
4. Abertura de painéis solares
5. O estágio Interino de Propulsão Criogênica (ICPS) dará o impulso necessário para a cápsula deixar a órbita da Terra
6. Sobrevoo a cerca de 100 quilômetros acima da Lua
7. Entrada em uma nova órbita, a aproximadamente 70 000 quilômetros da superfície lunar, onde dará até uma volta e meia em torno do satélite
8. O disparo do módulo de serviço em conjunto com a gravidade lunar coloca o módulo na rota de retorno
9. Separação dos módulos da tripulação e de serviço
10. Entrada na atmosfera da Terra a 11 quilômetros por segundo, produzindo temperaturas de 2 760 graus
11. Amerissagem no Oceano Pacífico, perto da costa da Califórnia

DMITRII MELNIKOV/ALAMY/FOTOARENA

RIVAIS Bandeira chinesa no lugar da americana: o solo lunar virou obsessão

Cratera Von Kármán, no Polo Sul, e liberou o robô Yutu-2, que tem feito vários tipos de medições e continua ativo. A Rússia, herdeira do programa espacial soviético, havia anunciado a retomada das antigas missões Luna, uma das quais estava prevista justamente para agosto. A Luna-25 testaria a tecnologia de pouso suave na superfície lunar, mas foi adiada em razão da invasão da Ucrânia e da suspensão da parceria com a agência europeia.

A Roscosmos, a agência espacial russa, busca agora firmar acordo com a China. A Índia, que havia programado para agosto a missão Chandrayaan-3, afeita a levar um robô e um módulo de pouso, foi obrigada a adiá-la mais uma vez. Japão e Coreia do Sul também anunciaram seus próprios planos. A Jaxa, japonesa, planeja mandar ainda neste ano um módulo para tentar um pouso em solo lunar com um nível de precisão jamais alcançado. Os Emirados Árabes Unidos contrataram uma empresa nipônica, a ispace, para transportar o primeiro de quatro veículos robóticos de exploração, batizado como Rashid — será a primeira viagem comercial ao satélite. E a Coreia do Sul lançará o orbitador lunar coreano Pathfinder.

Os programas espaciais nacionais não estão sós na redescoberta. Empresas privadas como a SpaceX, de Elon Musk, e Blue Origin, de Jeff Bezos, têm promovido com estradalhaço suas viagens suborbitais com foguetes e espaçonaves reutilizáveis, muitas delas sob a classificação de turismo espacial. Além delas, a japonesa ispace tem se destacado em parcerias com países do Oriente Médio e do Leste Asiático. Mais do que uma disputa, desenha-se neste século um cenário de colaborações entre os setores públicos e privados, já que custos como o da missão Artemis, que depois de dez anos está próximo de atingir a casa dos 100 bilhões de dólares, seriam impossíveis de se sustentar no mundo corporativo.

A Lua sempre suscitou enorme fascínio e, não à toa, é um ícone cultuado. Levar homens e mulheres para explorá-la, seja como plataforma de lançamento para o espaço profundo, seja como fonte de recursos de maneira sustentável, é um benefício para a raça humana. E um objetivo a ser perseguido agora por vários países. Como, enfim, tirar os olhos da Lua? ■

PARCERIA SAUDÁVEL

Ao contrário do que se pensava, transferir para o celular o trabalho de guardar informações não freia a capacidade da memória, mas contribui para ampliá-la de forma decisiva **CAMILLE MELLO**

ISTOCK/GETTY IMAGES

DESDE QUE O MUNDO é mundo, a introdução de novidades capazes de revolucionar o cotidiano é encarada inicialmente com uma significativa dose de desconfiança. Enquanto discípulos diligentemente registravam seus discursos e preservavam seu pensamento para a posteridade, o grego Sócrates preocupava-se com a possibilidade de o uso sistemático da escrita tornar as pessoas mais esquecidas. Milênios depois, o advento do rádio e, depois, da televisão foi acompanhado de alertas sobre o perigo de que áudio e imagem de fácil acesso desestimulassem a população a ler, escrever e pensar. Atualmente, as suspeitas recaem sobre o efeito de celulares, tablets e computadores na memória — armazenar tudo nas maquininhas estaria corroendo a capacidade individual de lembrar de fatos e compromissos.

E eis a surpresa: uma recente pesquisa mostra que delegar a guarda de dados para os dispositivos eletrônicos pode ser bom para o cérebro, sim, a ponto de expandi-lo em alto grau. "A preocupação em escolher o que não esquecer é uma marca de nossa sociedade. A tecnologia veio facilitar esse processo, diante da quantidade incalculável de informação com que lidamos diariamente", diz Patrícia Macêdo, historiadora e doutora em ciência da informação.

ARQUIVO PESSOAL

SECRETÁRIA DIGITAL

No trabalho remoto, os compromissos se acumularam e **Gabriela Moscardini**, 27 anos, rendeu-se aos aplicativos com lembretes. "Joguei fora pilhas de listas de tarefas, que eu fazia desde pequena", conta

Terceirizar a memória para celulares e afins na verdade libera espaço no cérebro para a sedimentação de novos conhecimentos. "Em vez de causar a temida demência digital, usar dispositivos externos para armazenar informações pode, isso sim, liberar nossa memória uma assimilar uma maior quantidade de dados", afirma Sam Gilbert, neurocientista da University College London, no Reino Unido. Gilbert liderou o estudo, divulgado em julho, que demonstrou que o hábito de descarregar informações em smartphones e computadores aumentou em 18% a capacidade dos usuários de reter novas informações importantes e em 27% a memória para questões menos relevantes. Conclusões semelhantes foram obtidas em pesquisas feitas por cientistas das universidades de Toronto, no Canadá, e de Cincinnati e da Califórnia, nos Estados Unidos. "As ferramentas digitais acabam liberando espaço da memória para novos aprendizados", confirma Cristiane Furini, coordenadora do Laboratório de Cognição e Neurobiologia da Memória da PUCRS.

Municiar-se de lembretes na forma de blocos e agendas sempre fez parte do arsenal contra o esquecimento. Mas a rotina da vida moderna, lotada de compromissos e informações, praticamente impõe a transição para aplicativos e outros recursos digitais. "É como se livrássemos espaço no cérebro. Se está anotado no dispositivo, está seguro", compara Jéssica Lucena, psicóloga e mestre em processos educativos. Além da facilidade de uso, a armazenagem terceirizada faz mais

do que simplesmente registrar números de telefone, endereços, datas e listas. "Ela permite que o conteúdo salvo nelas esteja disponível em diversos dispositivos conectados à internet, sem falar na possibilidade de compartilhamento e nos alertas automáticos", diz Ronaldo Prass, especialista em ciência da computação.

A introdução do trabalho remoto na vida de quase todo mundo acabou sendo o pontapé definitivo para a opção preferencial pela memória eletrônica. Foi justamente nessa fase que a jornalista mineira Gabriela Moscardini, 27 anos, desapegou-se de sua pilha de cadernos de papel. "Eu passei a ter tantos compromissos on-line que tive de adotar agendas e blocos de notas digitais para organizar minha rotina. É mais prático, porque tenho tudo ao alcance do celular", diz. O advogado Guilherme Teixeira, 27 anos, também descobriu na agenda virtual uma importante aliada na tarefa de organizar seu tempo entre labuta e lazer. "Sempre me esqueço de datas, então fico mais tranquilo ao saber que o aplicativo vai me lembrar delas." Os lembretes eletrônicos também ganham dos analógicos no quesito segurança. Depois de perder muitas anotações, o ator e produtor cultural Lucas Moreira, 38 anos, sentiu alívio ao confiar suas mais valiosas informações aos dispositivos digitais. "Mesmo que meu celular dê algum defeito, posso recuperar as informações salvas na nuvem", relata.

Ainda que as pesquisas apontem vantagens, em vez de riscos, no uso de

CAMERIQUE ARCHIVE/GETTY IMAGES

PERIGO A era do rádio: o áudio acessível a todos foi recebido com reservas

ANIVERSÁRIOS EM DIA

A memória sempre falha para datas e reuniões importantes fez com que o advogado **Guilherme Teixeira**, 27 anos, enfim adotasse a agenda digital. "Agora consigo me planejar muito melhor", reconhece

ARQUIVO PESSOAL

celular para armazenar dados, os especialistas ressaltam que a capacidade do cérebro humano de reter conhecimento depende basicamente da atenção dispensada à sua aquisição. “Lapsos de memória costumam ocorrer quando não estamos focados. As informações que adquirimos enquanto estamos fazendo ou pensando em outras coisas provavelmente não serão tão bem processadas e lembradas posteriormente”, observa a médica Sonia Brucki, coordenadora do Grupo de Neurologia Cognitiva e do Comportamento da USP. É recomendável, porém, que se aplique certa leniência para com os esquecimentos, que na maior parte das vezes são normais e corriqueiros. “Os lembretes, eletrônicos ou não, são uma forma de esticar a memória. Deixar de usá-los com o objetivo de aumentar a capacidade cerebral será um exercício em vão, porque a mente tem seu limite”, lembra a neurocientista Livia Ciacci.

Outro ponto sempre ressaltado, em paralelo ao uso contínuo das facilidades oferecidas pelas ferramentas digitais, é a prática constante de atividades off-line para manter o cérebro afiado. A receita é conhecida e de fácil implementação: atividade física regular, alimentação saudável, tempo adequado de sono e aprendizado de conteúdo novo, como um idioma ou um instrumento, podem prevenir perdas significativas de memória. “O cérebro gosta de novidades. Precisamos prover esses estímulos positivos sempre que pudermos”, ensina Cristiane Furini, professora da escola de medicina da PUCRS. Enquanto a ciência segue investigando os impactos da tecnologia sobre as conexões cerebrais, é bom não esquecer que mente ágil é mente constantemente desafiada. Anote. ■

LUCILIA DINIZ

INDEPENDÊNCIA... OU SORTE

Um grito aos velhos hábitos

A PROXIMIDADE do 7 de Setembro me levou a refletir sobre a dificuldade de rompermos com o que está estabelecido. Guardadas as devidas proporções, o que vale para um país vale para uma pessoa. *Old Habits Die Hard*, diz o título de uma conhecida canção. Embora o contexto da composição seja amoroso, a observação se aplica à vida em geral. Sim, é duro nos livrarmos de velhos hábitos. Que o diga quem já tentou parar de fumar ou abandonar o sedentarismo ou eliminar o consumo de embutidos ou reduzir a ingestão de açúcar ou... Bem, acho que não preciso dar mais exemplos, você sabe do que estou falando.

Acabar com hábitos reprováveis requer mais do que mera ponderação. Não basta identificar o erro. Temos de nos comprometer a não compactuar com ele. A mudança efetiva e consequente exige determinação. Um gesto marcante pode ajudar. Pense em dom Pedro I. O rompimento com a tradição de obedecer à corte portuguesa teria a mesma repercussão na sociedade não fosse o teatral grito do Ipiranga? Hoje sabemos que muito da famosa tela de Pedro Américo é fruto da construção de uma narrativa, mas trata-se de um daqueles casos em que a vida imita a arte, pois a cena idealizada projeta não uma realidade factual, mas um desejo nacional que se concretizou.

O mesmo se aplica no plano pessoal. Para iniciar uma nova fase com mais chance de êxito, solte um grito de independência em relação aos velhos e maus hábitos, algo que traduza sua vontade de mudar. Mais uma vez recorro à família real. O filho de dom Pedro I, por exemplo, fez isso em relação à dieta. Dom Pedro II abriu mão dos sofisticados pratos da culinária francesa que a corte portuguesa apreciava e declarou predileção total à prosaica canja. Conta-se que nos teatros, onde ia assistir a companhias europeias, não dispensava um bom prato fumegante entre um ato e outro. Popularizou tanto o caldo que muitos pensam que sua origem é portuguesa ou brasileira, quando na verdade é asiática. Veio das imediações de Goa, uma ex-colônia portuguesa, mais precisamente da Costa do Malabar, onde era chamada de *kanji*. Por aqui só ganhou um ingrediente novo, pois às vezes era preparada com macuco, uma ave brasileira, no lugar da galinha.

“Quebrar a rotina não é algo trivial, não depende apenas de discernimento e de raciocínio”

Quebrar a rotina não é algo trivial, não depende apenas de discernimento e da nossa capacidade de raciocínio. Quantas vezes a lógica nos mostra o caminho certo, mas insistimos em nos manter na trilha duvidosa? Fazemos algo hoje simplesmente porque fizemos a mesma coisa ontem, e no dia anterior também. É da natureza do ser humano se apegar a rotinas — daí a relevância de adquirir hábitos saudáveis. Se eles forem longevos, que sejam positivos, que nos tragam benefícios. Se quisermos ter a perspectiva de uma vida saudável, não podemos depender da sorte de contar com um organismo resistente a hábitos indesejáveis. O aconselhável é se prevenir, agir de acordo com o que julgamos certo, embora isso às vezes não seja fácil. Apostar na sorte não é atitude sábia. Temos de nos libertar das correntes que nos prendem a um passado que deve ficar para trás, se tivermos no horizonte a conquista da nossa liberdade pessoal.

Independência... ou sorte. ■

PROTEÇÃO NUMA SÓ CÁPSULA

Remédios que reúnem ativos contra pressão alta, colesterol e coágulos são armas para combater o infarto — e estão prestes a ser lançados **PAULA FELIX,** de Barcelona

DEPOIS DE um infarto, são muitos os pacientes que relatam como o evento os levou a adotar mudanças nos hábitos. O episódio é atalho para o recomeço da vida — mas é também vetor de comportamento contraditório. Ao menos metade das pessoas que sobrevivem abandona o tratamento. Em alguns casos, ainda no primeiro ano. Diante de uma atitude que foge do controle dos médicos e pode render complicações em cascata, a ciência parece estar próxima de uma solução. Na semana passada, foi apresentado ao mundo o desempenho de uma única cápsula capaz de reduzir em 33% a probabilidade de novos eventos. A boa notícia foi um dos maiores destaques do congresso da Sociedade Europeia de Cardiologia, realizado em Barcelona, na Espanha, um dos mais relevantes encontros da especialidade.

O remédio em questão é chamado de polipílula, uma categoria de medicação que há anos vem sendo objeto de atenção da cardiologia porque reúne, em um mesmo comprimido, princípios ativos reconhecidamente eficientes para reduzir os riscos de problemas cardiovasculares. O primeiro trabalho em busca dessa espécie de santo graal contra o infarto e o acidente vascular cerebral foi realizado em 2003. Desde então há no mundo uma corrida para chegar ao conjunto perfeito de medicamentos. Só na Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos existem 449 estudos registrados, 25 deles em andamento.

O trabalho que acaba de ser apresentado une três medicamentos bara-

WESTEND61/GETTY IMAGES

EM DIA Batida certa: é preciso tomar os remédios do jeito que o médico indica

ERRO DE CÁLCULO

Em geral, entre 100 pacientes, 40 não seguem o tratamento como recomendado

ENTRE AS PRINCIPAIS RAZÕES ESTÃO

A NÃO COMPREENSÃO DAS ORIENTAÇÕES MÉDICAS
+
ESQUECIMENTO
+
A CRENÇA DE QUE OS REMÉDIOS SÃO DESNECESSÁRIOS
+
CONFUSÃO NA HORA DE TOMAR A MEDICAÇÃO, ESPECIALMENTE SE FOR MAIS DE UMA

Fonte: *Universidade da Califórnia, EUA*

tos, de fácil acesso e fundamentais no tratamento pós-ataque cardíaco: a aspirina, que tem ação antiplaquetária, a atorvastatina, que reduz o LDL, o colesterol ruim, e o ramipril, contra a hipertensão. Os médicos do Hospital Mount Sinai, dos Estados Unidos, e do Centro Nacional de Investigações Cardiovasculares, da Espanha, avaliaram a eficácia da medicação em cerca de 2 400 pacientes. O objetivo era medir seu efeito na mortalidade pós-infarto, na redução de novos infartos ou acidente vascular e na necessidade de realização de cirurgias emergenciais de revascularização, quando os cirurgiões constroem dentro do coração novas pontes por onde o sangue pode fluir. O remédio saiu-se bem em todas as circunstâncias, mas o que brilhou mesmo aos olhos foi a diminuição de mortes depois de um primeiro infarto em 33%.

Os resultados podem ser atribuídos à maior adesão ao tratamento entre os que receberam os três remédios em só um comprimido. O estudo mapeou a fidelidade às recomendações médicas após seis meses e três anos. Em seis meses, o índice de baixa aderência à terapia medicamentosa era de 5,5% no grupo da polipílula e de 9,5% entre os pacientes que seguiam o regime habitual, no qual os medicamentos são tomados separadamente. Na verdade, a dificuldade em fazer com que os pacientes sigam a prescrição médica é um calcanhar de aquiles em todo o esforço da medicina para prevenir eventos cardiovasculares. É normal que indivíduos em risco ou que já passaram por esses problemas tenham de tomar mais de um remédio ao menos duas vezes por dia. A situação pode causar confusão ou esquecimento de um comprimido, dois, ou de toda a medicação. “Só no tratamento da insuficiência cardíaca temos quatro medicamentos obrigatórios. Fora os demais usados para outras doenças”, diz João Fernando Monteiro Ferreira, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia. “Isso desanima o paciente.”

Em um estudo inédito, também apresentado no congresso, pesquisadores brasileiros traçaram pela primeira vez o perfil do paciente com insuficiência cardíaca no país. A partir de uma amostra de 3 000 pacientes que precisaram de internação depois do infarto, eles concluíram que metade deixa a medicação de lado já no primeiro ano. Dados assim dão a dimensão da importância de colocar à disposição opções como a polipílula. O combate às enfermidades cardiovasculares é feito de forma variada e inclui prática de exercícios físicos, alimentação equilibrada e cuidado com a saúde mental. Os remédios são parte do arsenal. Contudo, uma vez indicados, devem ser tomados corretamente. Enquanto as polipílulas não chegam, portanto, nada de esquecer comprimido na cartela. ■

COMBO Antígeno: a polipílula ataca as principais ameaças ao coração

FACEBOOK @MARKZUCKERBERG

FICOU FEIO O avatar de Mark Zuckerberg foi alvo de piadas nas redes: é isso que vai mudar o mundo?

O BUG DO MILÊNIO

Expectativas exageradas e trapalhadas tecnológicas geram desconfiança sobre o metaverso. Apresentado como revolucionário, ele é apenas uma tremenda incógnita **LUIZ FELIPE CASTRO**

NO FIM do ano passado, Mark Zuckerberg surpreendeu o mundo ao anunciar a mudança do nome de sua empresa de Facebook para Meta. A escolha faz referência ao grande sonho do bilionário americano: o metaverso, um ambiente virtual no qual pessoas de carne e osso serão capazes de viajar por cenários de fantasia, socializar-se e negociar bens na forma de avatares, de preferência usando os caríssimos óculos de realidade virtual produzidos pelo gigante de tecnologia. A necessidade de realizar reuniões virtuais durante a pandemia e a evolução dos games e criptomoedas impulsionaram a Meta e outras big techs como Apple, Google e Microsoft a investir rios de dinheiro nessa web 3.0. O ambicioso plano, porém, tem virado motivo de chachota.

Há alguns dias, Zuckerberg postou uma imagem de seu avatar para anunciar que o Horizon Worlds, o metaverso da empresa, já está disponível na França e Espanha. Nas redes, espalharam-se piadas sobre sua limitação estética. Um crítico mordaz escreveu o seguinte: “Venha trabalhar na Meta, onde os tecnólogos mais brilhantes alcançaram gráficos semelhantes aos de 1995”. Zuckerberg acusou o golpe e, dias depois, compartilhou uma nova cena, apenas um pouco melhor, com uma desculpa esfarrapada. “Sei que a imagem que postei foi bem básica — foi tirada muito rapidamente para comemorar um lançamento.” Em meio à ascensão do concorrente chi-

UM GRANDE FIASCO

Os prejuízos trazidos pela nova tecnologia

85%

foi a queda no preço médio de terrenos virtuais (de 17 000 dólares para 2 500 dólares) entre janeiro e agosto. A crise imobiliária se deve ao recuo do mercado de criptomoedas e ao clima de desconfiança

+

81%

foi quanto caíram os empregos ligados ao metaverso entre abril e junho. O período coincidiu com balanços decepcionantes de Meta, Google e Apple

+

10 bilhões de dólares

foi a quantia inicial investida pela Meta no metaverso, valor que está longe de ser recuperado. A reguladora antitruste dos EUA está processando a empresa por tentativa de monopolizar a indústria

+

2,8 bilhões de dólares

em perdas foram registrados pela divisão de metaverso da Meta no segundo trimestre. As ações caíram 5% no dia do anúncio e Mark Zuckerberg falou em "pior crise já vista"

DIVULGAÇÃO

PRECURSOR *Second Life:* o game criado em 2003 virou febre, mas fracassou

nês TikTok, o pai do Facebook tem lidado com uma dura realidade: o metaverso, pelo menos por ora, parece ser uma grande bobagem.

Há muita gente que concorda com isso. O japonês Ken Kutaragi, ex-CEO da Sony e criador do PlayStation, disse não compreender qual o propósito do metaverso. Mais recentemente, o bilionário americano Mark Cuban, dono do time de basquete Dallas Mavericks e presidente da HDnet, jogou mais lenha na fogueira ao dizer que comprar imóveis no metaverso é o "investimento mais idiota que existe". Uma denúncia de assédio sexual dentro da plataforma, feita por uma mulher que testava o metaverso do Facebook, também gerou reflexões relevantes sobre segurança.

Não há sequer consenso sobre o que pode ser considerado um metaverso. Jogos de sucesso, como *Roblox*, *Minecraft* e *Fortnite*, já se apresentam como tal. O termo foi cunhado há três décadas pelo escritor americano Neal Stephenson no romance *Snow Crash*, de 1992. Mais adiante, os filmes *Matrix* (1999) e, sobretudo, *Jogador Número 1* (2018) reforçaram o conceito. O grande embrião do metaverso é o game *Second Life*. Criado em 2003 — com gráficos semelhantes aos postados por Zuckerberg, diga-se —, o ambiente interativo 3D permitia a socialização entre avatares, uma verdadeira segunda vida fora do mundo real. O jogo tornou-se febre, com mais de 1 milhão de usuários, mas seu declínio foi inevitável diante das limitações tecnológicas da época. De lá para cá, houve evidentes avanços, mas talvez não suficientes. O próprio criador do *Second Life*, Philip Rosedale, demonstrou ceticismo sobre a empreitada da Meta.

A relação direta do metaverso com o mercado das criptomoedas é um dos fatores de maior desconfiança. Um estudo feito pela Chainalysis apontou o roubo de 1,4 bilhão de dólares em moedas virtuais por meio de ataques hackers no primeiro semestre. O caso mais emblemático foi o sumiço do equivalente a 625 milhões de dólares da rede Ronin, que suporta os tokens do game *Axie Infinity*, um dos mais populares jogos do metaverso.

Diante de tanta incerteza, fica claro o descompasso entre expectativa e realidade. "Isso ocorre com diversas tecnologias que se apresentam como revolucionárias", diz Edson Sueyoshi, vice-presidente da empresa digital R/GA. Ele cita a teoria do Ciclo Hype, segundo a qual é preciso haver um "pico de expectativas infladas", passando pelo "vale das desilusões" até a adoção total e bem-sucedida de um projeto. "O metaverso tem muito disso, houve enorme excitação das pessoas, mas serão necessários no mínimo dez anos até tudo se estabelecer." Até lá, convém manter os pés no chão. ■

O HORROR, O HORROR
O terrorista na sacada do alojamento de Israel: imagem que marcou o século XX

FERIDA ABERTA

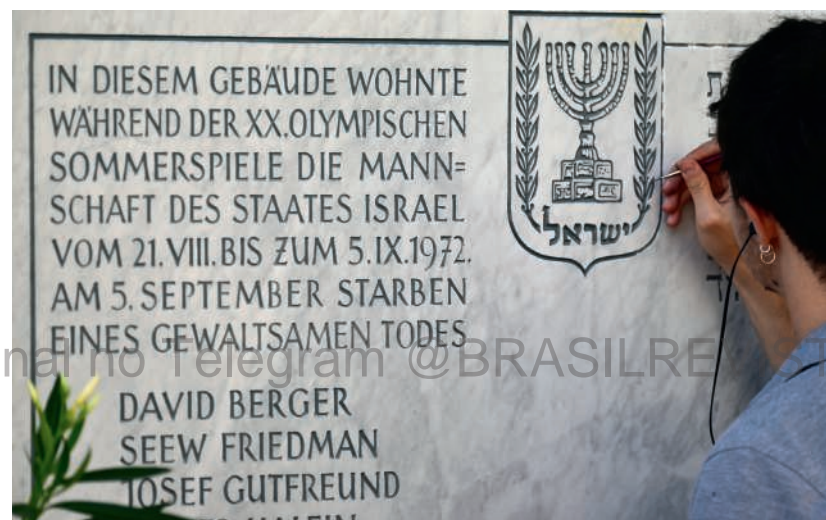
O atentado contra os israelenses nos Jogos de 1972 é uma sombra incômoda — somente agora os familiares dos mortos conseguiram compensação financeira maior do que a oferecida **FÁBIO ALTMAN**

POUCAS IMAGENS estão tão coladas à segunda metade do século XX quanto a do guerrilheiro do grupo palestino Setembro Negro na sacada de um dos prédios da Vila Olímpica de Munique, em 5 de setembro de 1972. O rosto coberto com uma balaclava virou símbolo daquele terrível episódio e de um tempo, o apogeu da Guerra Fria. Os oito terroristas que invadiram as dependências da delegação de Israel exigiam a libertação de um grupo de prisioneiros a favor de sua causa. Ao final do ataque, morreram onze membros da delegação israelense e um policial da Alemanha Ocidental. Entre os agressores, cinco foram mortos e três capturados. “A chacina é o espelho fulgurante da situação sociopolítica da humanidade de hoje, dos estranhos humores que percorrem um mundo cada vez mais descrente”, anotou a Carta ao Leitor de VEJA daquela semana. Houve condenação unânime ao ataque, evidentemente, mas também à fragilidade do esquema de segurança desenhado pelo governo alemão — e, a partir dali, toda Olimpíada passou a ser tratada como operação de guerra.

A invasão do alojamento israelense ecoaria em sucessivos sustos. Dois meses depois, um voo da Lufthansa foi sequestrado por outro grupo palestino, simpatizante do Setembro Negro. A exigência: a soltura dos três dos terroristas presos em Munique. Eles seriam

KURT STRUMPF/AP/IMAGEPLUS

MATTHIAS BALK/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

ESFORÇO O alemão Thomas Bach, presidente do COI: apoio aos familiares

INA FASSBENDER/ AFP

MEMÓRIA Placa em Israel: homenagem permanente às vítimas do ataque

liberados, em concessão das autoridades alemãs, severamente criticadas. Contudo, por ordem da primeira-ministra de Israel, Golda Meir, passaram a ser perseguidos pelo Mossad mundo afora (é o que mostra o filme *Munique*, de Steven Spielberg, de 2005). Dois deles foram encontrados e assassinados. Um terceiro salvou-se, e morreria apenas em 2010, vivendo escondido na Síria.

Não seria exagero dizer que, exatos cinquenta anos depois, o atentado parece sobreviver. No próximo dia 5, em Munique, haverá uma cerimônia de lembrança daquele triste verão europeu. Há, porém, uma sombra incômoda, como se a ferida não cicatrizasse. Os familiares dos israelenses mortos anunciavam o boicote ao evento. Houve algum apaziguamento com o anúncio, por parte das autoridades da Alemanha, da concessão de 28 milhões de euros a ser divididos entre o grupo. Os valores são baseados em acordos fechados internacionalmente depois dos atentados do 11 de Setembro. O montante proposto anteriormente não chegava à metade da quantia agora acordada com o apoio de um escritório de advocacia sediado na Alemanha. Ilana Romano, cujo marido, levantador de peso, perdeu a vida na Vila Olímpica, revidou com um comentário seco: "Era uma piada". E completou: "Manteríamos a nossa decisão de não comparecer ao que se preparava em Berlim, como homenagem, a não ser que mudassem de ideia".

O atentado foi sempre uma pedra no sapato do Comitê Olímpico Internacional, que sucessivas vezes louvou as vítimas, sobretudo desde que o alemão Thomas Bach assumiu o comando da entidade. No entanto, dada a dimensão do que houve, há pressão para movimentos mais decisivos. Um porta-voz do Ministério do Interior de Berlim anunciou "estarem se esforçando para reavaliar esse capítulo sombrio na história compartilhada de Alemanha e Israel". Anne Spitzer, que também perdeu o marido em 1972, admite o bom passo, ao aceitarem o nó diplomático. Mas reafirma: "A responsabilidade vem com um preço". Mesmo depois de cinco décadas, tudo indica não haver um fim pacífico para o horror imposto em Munique. ■

TRISTAN FEWINGS/SOTHEBY'S/GETTY IMAGES

NO TOPO Leilão na Sotheby's: a casa londrina, recordista na venda de obras de arte, ajuda a girar a engrenagem cultural

UMA BRIGA DAS BOAS

Londres deu um salto e passou Paris em número de instituições culturais. Ferida nos brios, a capital francesa corre para recuperar sua histórica primazia — e o público aplaude **DUDA GOMES**

NA CRONOLOGIA da cultura como mola propulsora e fonte de inspiração de todos os avanços da humanidade, Paris tem lugar de honra: foi na capital francesa que a difusão cultural nasceu e floresceu, estimulada por um ambiente amplamente receptivo às artes e à academia. Neste século XXI, porém, enquanto a cena parisiense meio que seguia em piloto automático — muito embora seu curso abarque atrações como o extraordinário Louvre, o museu mais popular do mundo, com 2,8 milhões de visitantes por ano —, a rival Londres, sede da Olimpíada de 2012 e tomada pelo frenesi criativo que acompanha a competição, pôs-se a abrir museus e galerias a torto e a direito. Resultado: tem hoje 170 (aí incluídas as casas de leilão de arte), quarenta a mais do que Paris. Sacudida da letargia diante da inaceitável proeminência londrina, a capital da França, ela própria em frenéticos preparativos para seus Jogos Olímpicos em 2024, vem inaugurando ou reinaugurando centros culturais em velocidade inédita — uma briga em que todo mundo só tem a ganhar.

O ponto de partida da reação de Paris foi a inauguração, em 2014, da Fundação Louis Vuitton, museu bancado pelo dono do conglomerado de luxo LVMH e homem mais rico da França, Bernard Arnault, instalado em um espetacular prédio no Bois de Boulogne que lembra um barco a vela e foi projetado pelo arquiteto-estrela Frank Gehry. Mexido em seus brios, o maior rival de Arnault, François Pinault, proprietário do Kering, outro grupo de marcas luxuosas, criou seu próprio museu, o Bourse de Commerce, no histórico e desativado prédio da bolsa de valores. Mais recentemente, o Carnavalet e o Cluny, fechados há anos para reformas, foram reabertos em todo o seu esplendor e outros dois museus novinhos — o Hôtel de la Marine, instalado em um magnífico edifício do século XVIII na Place de la Concorde, e a Fundação Pernod Ricard, dedicado à arte contemporânea — abriram suas portas.

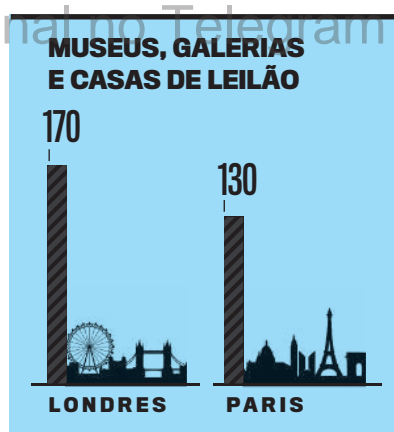
A rixa entre cidades próximas é comum e esperada: envolve Rio de Janeiro e São Paulo, Nova York e Los Angeles, Madri e Barcelona e inúmeras outras em todos os cantos do planeta. Mas a rivalidade entre Paris e Londres

IP3PRESS/IMAGO/FOTOARENA

REAGINDO Hôtel de La Marine: o prédio do século XVIII, totalmente restaurado, está entre as novas atrações parisienses

é tão antiga quanto a sua ascensão à sede de reinos poderosos. Na Idade Média, os respectivos soberanos engalfinharam-se na Guerra dos Cem Anos (vitória da França). No século XVIII, a Guerra dos Sete Anos se encerrou com o Reino Unido levando a melhor e abrindo as portas de seu "império onde o sol não se põe". "Os dois países viviam em constante batalha por territórios. Da Europa a disputa imperial se transferiu para o Caribe e América do Norte e, mais tarde, para a África, com destaque para o Egito", explica Daniel Gomes de Carvalho, professor de história da UnB.

Franceses e britânicos só viriam a se unir para se contrapor à Alemanha na I Guerra, inaugurando enfim uma trégua militar e política permanente. Na área cultural, porém, a paz nunca se instalou de verdade. A academia francesa seguiu ditando as normas, não só por Paris ser o berço da manifestação artística menos dependente de patronos, mas também pela forte cultura de apreciação de arte pela po-

pulação em geral, e não só pelas elites. Londres conseguiu enfim quebrar esse monopólio, e Paris agora corre em busca do tempo perdido.

O apogeu da renovação cultural parisiense deve ser a reabertura em grande estilo, em 2024, da Catedral de Notre-Dame, totalmente recuperada após um incêndio em 2019. Londres, enquanto isso, segue na vanguarda em número de centros de cultura e na indústria da música, embora tenha perdido a liderança no comércio de obras de arte: de acordo com o UBS Global Art Market Report de 2022, o Reino Unido está em terceiro lugar, atrás de Estados Unidos e da China, tendo fechado 2021 com faturamento de 11,3 bilhões de dólares.

Mesmo atrás no ranking, Londres não perdeu a majestade. "É lá que ainda surgem os lances mais valiosos no campo das artes plásticas. Só neste ano, vendemos uma obra-prima de René Magritte por 59,4 milhões de libras e um retrato de Francis Bacon por 43,4 milhões de libras, entre os dez valores mais altos jamais alcançados por uma pintura nos leilões londrinos", diz Katia Mindlin Leite-Barbosa, presidente da Sotheby's Brasil. Paris, também aí, tem tudo para contabilizar um expressivo avanço: o Brexit impôs maior taxação no comércio entre Reino Unido e União Europeia e fez pipocar novas casas de leilão e galerias na França. Enquanto isso, a luta para ver quem divulga mais cultura continua. Que seja longa e animada. ■

MEMÓRIAS RESGATADAS

A jornalista Tara Roberts aprendeu a mergulhar para se unir a uma ONG que mapeia destroços de navios negreiros naufragados **ALESSANDRO GIANNINI**

NOS ÚLTIMOS ANOS, a jornalista americana Tara Roberts dedicou-se a lançar luz sobre um capítulo seminal, embora negligenciado, da história: o tráfico de escravizados entre África e Américas dos séculos XVI a XIX — o que, triste e infelizmente, inclui o Brasil. Integrante da organização não governamental Diving With a Purpose (DWP), formada por mergulhadoras e mergulhadores negros, Tara explora os oceanos em busca de naufrágios dos chamados navios negreiros. Os destroços dessas embarcações são peças fundamentais para a reconstrução das vidas de homens, mulheres e crianças que morreram nas travessias. Ela transformou sua jornada pessoal em um podcast, *Into the Depths,* que lhe valeu inclusive o respeitado título de Exploradora do Ano, concedido pela National Geographic.

Tudo começou em 2016. Numa visita ao recém-inaugurado Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana, em Washington, Tara subiu ao 2º andar, um piso minúsculo e um tanto malcuidado que a maioria das pessoas costuma pular porque é parecido com um arquivo, entre armários e corredores estreitos. Foi

INSTAGRAM @CURVYPATH_TARA; @NATGEO

EXPLORADORA Tara e uma âncora submersa: buscas na Costa Rica

quando encontrou a foto de pessoas negras usando trajes de mergulho dentro de um barco. Ela nunca havia visto nada parecido. Apaixonou-se. Descobriu, então, que faziam parte da DWP, cuja missão é vasculhar as profundezas em busca de vestígios das infames embarcações, conhecidas como tumbeiros.

Depois de entrar em contato com a DWP, um dos seus fundadores, Kenneth Stewart, convidou-a para mergulhar. Durante três meses, ela fez um curso e conheceu as pessoas de máscara e cilindro de oxigênio com quem se encantara na foto do museu. Também aprendeu mais sobre o trabalho que faziam ao localizar os naufrágios no fundo do mar, mapeá-los no leito submarino e catalogar os destroços. Largou o emprego para poder acompanhá-los. "Queria fazer algo em torno do movimento racial", diz a VEJA. "Fiquei deslumbrada, alguém precisava contar a história deles."

Em várias partes do mundo, Tara e os dublês de arqueólogos submarinos documentaram os restos de navios como o Clotilda, na costa dos Estados Unidos, o São José Paquete d'Africa, na África do Sul, e o Fredericus Quartus e o Christianus Quintus, afundados depois de um motim na Costa Rica. A exploradora relembra da emoção que sentiu ao vasculhar águas costarriquenhas em busca das duas fragatas com nomes de reis dinamarqueses. Ao observar a âncora de uma das embarcações no fundo do mar, sentiu um misto de força e tristeza. "Talvez por saber o que as pessoas experimentaram na travessia", diz. "Mas percebi que era uma oportunidade para homenagear esses personagens que foram esquecidas ao longo dos séculos."

Estima-se que 12,5 milhões de africanos foram transportados em 36 000 viagens durante mais de 400 anos, segundo dados colhidos pelo Trans-Atlantic Slave Trade Database, serviço administrado pela Universidade Emory, instituição americana que agrega informações sobre o tráfico transatlântico de cativos. Cerca de 1 000 embarcações foram perdidas no mar nesse período de quatro séculos, o que causou a morte de mais de 1,8 milhão de pessoas. Menos de vinte navios foram encontrados e só uma parte foi estudada com a devida atenção. "O que estamos fazendo é chamar a atenção para uma parte da história que não foi examinada com a amplitude necessária", afirma Tara.

Nesse retrato trágico, o Brasil tem papel de destaque porque foi o país que mais recebeu cativos e um dos últimos a abolir a escravidão, em postura vergonhosa e que até hoje produz ecos. Entre 1500 e 1869, desembarcaram nos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro — os maiores das Américas para esse fim — mais de 5 milhões de africanos. É natural, portanto, que Tara e as equipes da DWP nutram agora especial interesse pelo litoral brasileiro. Não à toa, portanto, o país está na lista de países a ser visitados. Contudo, a exploração só pode ser feita se for autorizada pelas autoridades locais. Seria uma iniciativa louvável, do ponto de vista histórico, e um aceno a uma dívida social que precisa ser paga. Um dos modos é demonstrar respeito pelo passado, homenageando aqueles que morreram em jornadas inaceitáveis, que jamais podem se repetir. Mas é preciso trazê-las à tona. ■

TRAVESSIA MORTAL

Os naufrágios de navios que transportavam para as Américas africanos escravizados

Do início do século XVI até a segunda metade do século XIX foram feitas mais de **36 000 viagens** entre os dois continentes

Supõe-se que, no trajeto, cerca de **1000 embarcações** afundaram no mar

Destas, apenas pouco menos de **20 foram encontradas**

Estima-se que, dos 12,5 milhões de cativos forçados a entrar em navios, **1,8 milhão morreu** durante as viagens

Fonte: *Trans-Atlantic Slave Trade Database*

THE JOSEPH ALLEN SKINNER MUSEUM

MAQUETE Christianus Quintus: motim levou ao afundamento do barco

MAURICIO FIDALGO

SUPEREI UM TABU

O ator Lázaro Ramos, 43, conta como lutou para falar sobre paternidade de forma franca e aberta

QUANDO SOUBE QUE SERIA PAI, aos 32 anos, fui racional. Dizia estar emocionado, mas, na verdade, a ficha só veio a cair mesmo no dia em que João nasceu. Aí, sim, aflorou um turbilhão de sentimentos misturados — medos, inseguranças, incertezas. No meio disso, senti um amor gigantesco por um desconhecido, como nunca antes. Me vi também isolado e perdido no novo papel. Cheguei a me afastar de amigos, uma vez que nossas realidades passaram a seguir cursos tão diferentes. Até com aqueles que eram pais, eu não conseguia conversar em profundidade. Era como uma espécie de tabu. Sou integrante de uma geração que começa a discutir a masculinidade e poderia estar mais maduro quando apareceram em minha vida o João, hoje com 11 anos, e a Maria, de 7. O fato é que essa ainda é uma trilha difícil, sobre a qual pesa um machismo, às vezes nas entrelinhas, que resiste ao tempo. Sensibilidade e cuidados, em pleno século XXI e com tantos avanços, parecem ainda não ser temas do universo masculino.

Acabou que minha profissão foi decisiva para trazer o assunto à tona, de forma franca e direta. Queria há tempos tratar do tema e aconteceu com o filme *Papai É Pop*, do Caíto Ortiz, que recém estreou nos cinemas. Nunca havia lido o livro no qual se baseia o roteiro, obra que levanta uma ampla reflexão para nós, homens, sobre paternidade. Tinha um temor de repetir erros que observava em meu próprio pai, como não abraçar, beijar, não deixar os sentimentos à tona. Queria ser ativo, dar banho, trocar fralda, estar na área, mesmo que significasse uma reviravolta. Na geração dos meus pais, como diz o filme, mãe era peito e o progenitor, bolso. Aprendi que não precisa ser desse jeito, nem deve, e fui conquistando meu espaço, me entendendo nessa rotina. Uso a palavra conquistar porque, tanto eu como minha mulher *(a atriz Taís Araujo),* viemos de famílias de mulheres fortes. E nesse cenário fui demarcando o meu território.

Ter filhos muda a vida de qualquer casal, e conosco não foi diferente. Olhando sob a perspectiva de hoje, a criação deles nos aproximou porque fomos estabelecendo uma saudável divisão de funções e, por tabela, descobrimos algo essencial: nossos conceitos e valores nesse campo eram semelhantes. Foi uma revelação, já que, antes deles, não tínhamos ideia de como seríamos como pais. Selamos, logo de saída, acordos primordiais sobre o dia a dia — saúde, alimentação, educação —, sem discordâncias fundamentais no que importa. Claro que há momentos de tensão, mas temos conseguido contorná-los com boa dose de diálogo. Aprendo também com gente de quem, graças à paternidade, me aproximei nestes anos. Tenho vínculos com pais de amigos dos dois, mas a conversa se prolonga mais com as mães, e eu adoro isso.

Engraçado observar que a experiência que tive com cada um foi tão distinta. Com o João, assimilei tudo em tempo real, me transformando por força das circunstâncias. Quando Taís engravidou outra vez, pensei: "Ótimo, já sou perito". Aí Maria nasceu, e fiquei perdido de novo. Ser pai de menina era um admirável mundo que se abria. Tinha medo de cometer um erro diante de um ser que, além de pequenino, era de outro sexo, um terreno ainda mais desconhecido. Na pandemia, com todos sob o mesmo teto, me vi tendo de lidar com meus demônios: impaciência e até falta de repertório para conversar com eles estavam no rol. Mas a convivência intensiva também foi boa, produtiva, e me fez melhor. Em *Papai É Pop*, me identifico com meu personagem Tom porque vejo nele um genuíno desejo de ser bom pai e, ao mesmo tempo, aquele medo de não reunir qualidades suficientes. Ele consegue ser um espelho para vários homens. Assim como o personagem, hoje levo a paternidade com leveza, e falar sobre ela deixou de ser um tabu. ■

Depoimento dado a Amanda Péchy

FOTOS OCEAN BUILDERS

O OCEANO COMO MORADIA

Ainda não dá para morar em Marte, mas no mar, quem sabe. É o que promete uma empresa que acaba de colocar à venda casas que parecem brotar das águas **CILENE PEREIRA**

UNS QUEREM residir na Lua *(leia na pág. 56)*, outros já sonham com Marte e há quem compre terrenos no metaverso *(leia na pág. 66)*, seja lá o que isso signifique. O início desta terceira década do século XXI tem sido marcado pela transformação nas formas de morar impulsionada pelo desejo de fugir de metrópoles caóticas e encontrar em algum ponto do planeta um cantinho menos estressante para viver. Anseio, aliás, intensificado na pandemia.

E de repente, atrás de máscaras e com medo, muita gente deixou as cidades rumo a lugares onde os riscos de infecção pelo vírus são comprovadamente mais baixos. Enquanto ainda não é possível ir de foguete para casa, contudo, dá para ser menos ambicioso e começar a pensar em chegar ao doce lar de barco. E nem é preciso morar numa ilha. Basta — eis aí uma boa novidade — viver em construções de design futurista projetadas para boiar no oceano.

A oferta é da Ocean Builders, empresa baseada no Panamá especializada em tecnologia marítima. A companhia pôs à venda na segunda-feira 22 módulos residenciais com 73 metros quadrados cada um idealizados para ficar 3 metros acima da água e permitir ao morador uma vista de 360 graus. Batizado de Seapod, o empreendimento foi desenhado pelo arquiteto holandês Koen Olthuis, reputado por projetos de moradas flutuantes na Holanda e nas Maldivas.

NA LINHA DO HORIZONTE Paisagem espetacular: o design dos módulos permite vista de 360 graus

LUXO GARANTIDO Serviços e conforto inigualável: o projeto prevê local de pouso para drones entregarem pedidos em domicílio *(acima)* e varanda panorâmica a emoldurar a ampla sala de estar debruçada no azul marinho

As casas deverão ser instaladas próximo da Marina Linton Bay, no Panamá. Com três patamares, elas serão equipadas com os acessórios necessários para não deixar os residentes na mão no que se refere a confortos básicos, como água potável e quente, luz e, claro, o indefectível delivery — há um ponto de pouso de drones no teto. A Ocean Builders promove o Seapod como uma boa solução para conciliar planejamento urbanístico com proteção ambiental em meio às mudanças climáticas. “Olthuis, o arquiteto, é especializado na solução de problemas gerados pela urbanização e pelas alterações do clima”, disse a VEJA Grant Romundt, CEO da companhia. “Com essa expertise e nossa experiência tecnológica, ofereceremos estruturas sustentáveis.” A empresa promete que, além de recursos como painéis solares e reciclagem de água, haverá um sistema de transporte de mercadorias que seria usado também na limpeza das águas.

Ter direito a um CEP no mar custa de 275 000 a 1,5 milhão de dólares, de acordo com o luxo desejado. As vendas estão indo bem e as primeiras 100 casas serão entregues no ano que vem. Lá onde a terra se acaba e o mar começa, como escreveu o poeta Luís de Camões. ■

ESPAÇO PLANEJADO

Características da residência

- Tem **73 metros quadrados**
- Estão distribuídos em três níveis
- Há uma suíte, banheiro, cozinha, sala de estar e espaço para guardar objetos
- Ao todo, são **53 metros quadrados** de janelas panorâmicas
- **Preço:** De **275 000** a **1,5 milhão de dólares**

Fonte: *Ocean Builders*

"ABUNDÂNCIA" Loreto e Barbosa se exibem no Pantanal: felicidade é se livrar das "amarras da criação machista"

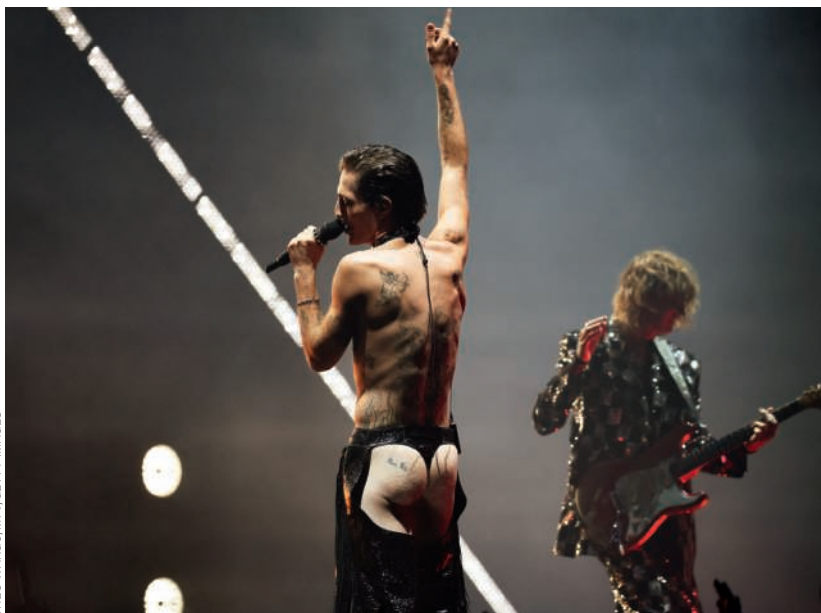
RETAGUARDA DESCOBERTA

Animados com a onda de liberação masculina, aliada à reconquista da liberdade pós-pandemia, homens de bumbum à mostra invadem as redes sociais e os palcos **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

OS MAGNÍFICOS mármores esculpidos na Grécia antiga para representar a nudez têm características muito bem definidas: curvas sensuais nas figuras femininas, músculos em evidência e apologia da força bruta nos homens. O padrão se solidificou ao longo dos séculos e culminou nos tempos modernos nos papéis atribuídos aos dois sexos pelo cinema e pela propaganda — de um lado a mulher-objeto à Marilyn Monroe, de cabecinha oca e corpo escultural, e de outro o machão viril.

Aos poucos, porém, os velhos paradigmas vão se modificando e tomando nova forma. Enquanto o feminismo não perde a chance de exigir respeito e dignidade no tratamento da figura da mulher, os homens se sentem cada vez mais livres para mostrar e valorizar seu corpo — aí incluído o bumbum, até pouco tempo atrás cantado em verso e prosa exclusivamente no feminino. "A onda feminista faz com que as pessoas reflitam sobre quanto o machismo afeta os homens e poda a liberdade deles", diz Ana Boscatti, socióloga da UFSC.

Indícios da aurora do homem-objeto assumido e orgulhoso disso estão por todo lugar e sua difusão neste momento é, em parte, atribuída à pandemia (sempre ela). Depois de passar um período trancafiadas em casa, de moletom e chinelos, as pessoas sentem necessidade de exibir o corpo — e os homens, em geral menos afeitos a esse tipo de ostentação, aderiram com gosto. Simbolizando a tendência, Damia-

THEO WARGO/MTV/GETTY IMAGES

AO VIVO E EM CORES David, do Måneskin, no VMAs: *derrière* em evidência

no David, vocalista da banda italiana Måneskin, subiu ao palco do Video Music Awards da MTV com as tatuagens do *derrière* à vista, enquanto o rapper Lil Nas X, ligadíssimo em moda, assessorava seu traje esquisito com torso inteiro de fora. No Brasil, os atores José Loreto, 38 anos, e Jesuíta Barbosa, 31, no ar em *Pantanal,* puseram as redes em polvorosa em março ao postar uma foto em um momento de folga em que aparecem lado a lado nus, de costas, bumbuns à mostra no cenário pantaneiro. "Abundância", escreveu na legenda Loreto, que posteriormente louvou poder "ser frágil e tirar as amarras dessa minha criação machista" e celebrou o fato de serem os homens agora que mais se destacam nas cenas sensuais da novela.

O mesmo Loreto, que é diabético, repetiria a dose em vídeo mostrando um teste de glicemia aplicado no posterior. O também ator Rodrigo Simas, 30 anos, fez sucesso ao se deixar fotografar muito à vontade, de costas, em uma praia paradisíaca onde passava as férias com a mulher, Agatha Moreira, 30. O cantor Justin Bieber, 28, é outro integrante do bonde dos exibidos: vira e mexe posta fotos de bumbum de fora. A pose cada vez mais comum rompe com o arraigado preconceito de associar nádegas a homossexualidade. "A masculinidade é um conceito frágil e os homens se sentem feridos quando são julgados", explica Bernardo Conde, antropólogo da PUC-Rio.

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

TROCA DE PAPÉIS Marilyn Monroe no auge: agora são os homens-objeto que exibem as curvas do corpo

Nesse sentido, a multiplicação dos bumbuns masculinos no Instagram e em outras redes, sem conotação sexual e pelo simples fato de gostar de se mostrar, é uma mudança e tanto. São os homens tomando o controle da exposição do próprio corpo em troca de olhares apreciativos, uma prática que sex symbols como a americana Marilyn Monroe e a francesa Brigitte Bardot elevaram à condição de arte nos tempos em que objetificar a mulher era esperado e aceitável. O lutador carioca Tomás Cintra, 24 anos, conta que custou a perceber que seu corpo despertava admiração — e gostou da ideia. "Aprecio o formato dos meus glúteos e treino para que continuem bonitos. Minhas parceiras adoram", diz Cintra, entre uma pose e outra.

De fato, é comum homens passarem horas na academia trabalhando os membros superiores e negligenciando a curva da retaguarda — o que, em matéria de sedução, é um equívoco. "O bumbum está entre os atributos masculinos que mais atraem as mulheres. É comum elas associarem bunda bonita a boa performance sexual", afirma a psicóloga e sexóloga Carla Cecarello. Indiferente a julgamentos, o professor baiano Amarildo Lima, 26 anos, posta com orgulho nas redes sociais fotos em que o bumbum é protagonista. "É a parte do meu corpo de que mais gosto. Exibir em meu perfil é uma forma de elevar minha autoestima", reconhece. Segundo a antropóloga Mirian Goldenberg, esse tipo de atitude se encaixa em uma corrente mundial de libertação masculina, que ganhou força nos últimos tempos. "Não há razão plausível, nos dias de hoje, para continuar ligando masculinidade ao tamanho do bíceps ou definição do abdome. Os homens podem e devem ser vaidosos e sexy da maneira que bem entenderem", diz. Inclusive — ou principalmente — tirando selfies de bumbum de fora e postando à vontade. ■

ODISSEIA BILION

AMAZON PRIME VIDEO

J.R.R. Tolkien (1892-1973) tinha 24 anos quando pausou seus estudos na Universidade de Oxford para servir no Exército britânico na I Guerra Mundial. No front, em 1916, o autor testemunhou diversas atrocidades. Sua mente, então, encontrou um refúgio peculiar: à luz de velas, nas trincheiras, Tolkien verteu a experiência tenebrosa no rascunho de um mundo habitado por seres fantásticos. O exercício de fuga foi o embrião do que viria a ser o monumental *O Senhor dos Anéis*, editado em três volumes entre 1954 e 1955. A história sobre um anel que tem a maldade como matéria-prima — e confere poderes sobrenaturais a seu portador — foi lida, ao fim da II Guerra, como uma metáfora sobre o nazismo e o temor de um conflito nuclear. Tolkien negou a alegoria: segundo ele, *O Senhor dos Anéis* era um alerta a respeito do amor cego pelo poder.

Quase sete décadas depois, a trilogia — adaptada com louvor por Peter Jackson para o cinema, entre 2001 e 2003 — conserva sua força extraordinária. Uma atemporalidade que será posta à prova na nova e ambiciosa (e bota ambiciosa nisso) aposta do Prime Video, da Amazon: nesta sexta-feira, 2, chegam à plataforma de streaming os dois primeiros episódios de

ÁRIA

A série *O Senhor dos Anéis: os Anéis de Poder* chega ao Prime Video, da Amazon, embalada por um orçamento sem precedentes na história da TV — e por uma injeção notável de diversidade na obra monumental de J.R.R. Tolkien

RAQUEL CARNEIRO

DESLUMBRE FANTÁSTICO
O show visual da série: cenários grandiosos e trama sobre primórdios do mundo de Tolkien

BEN ROTHSTEIN/AMAZON PRIME VIDEO

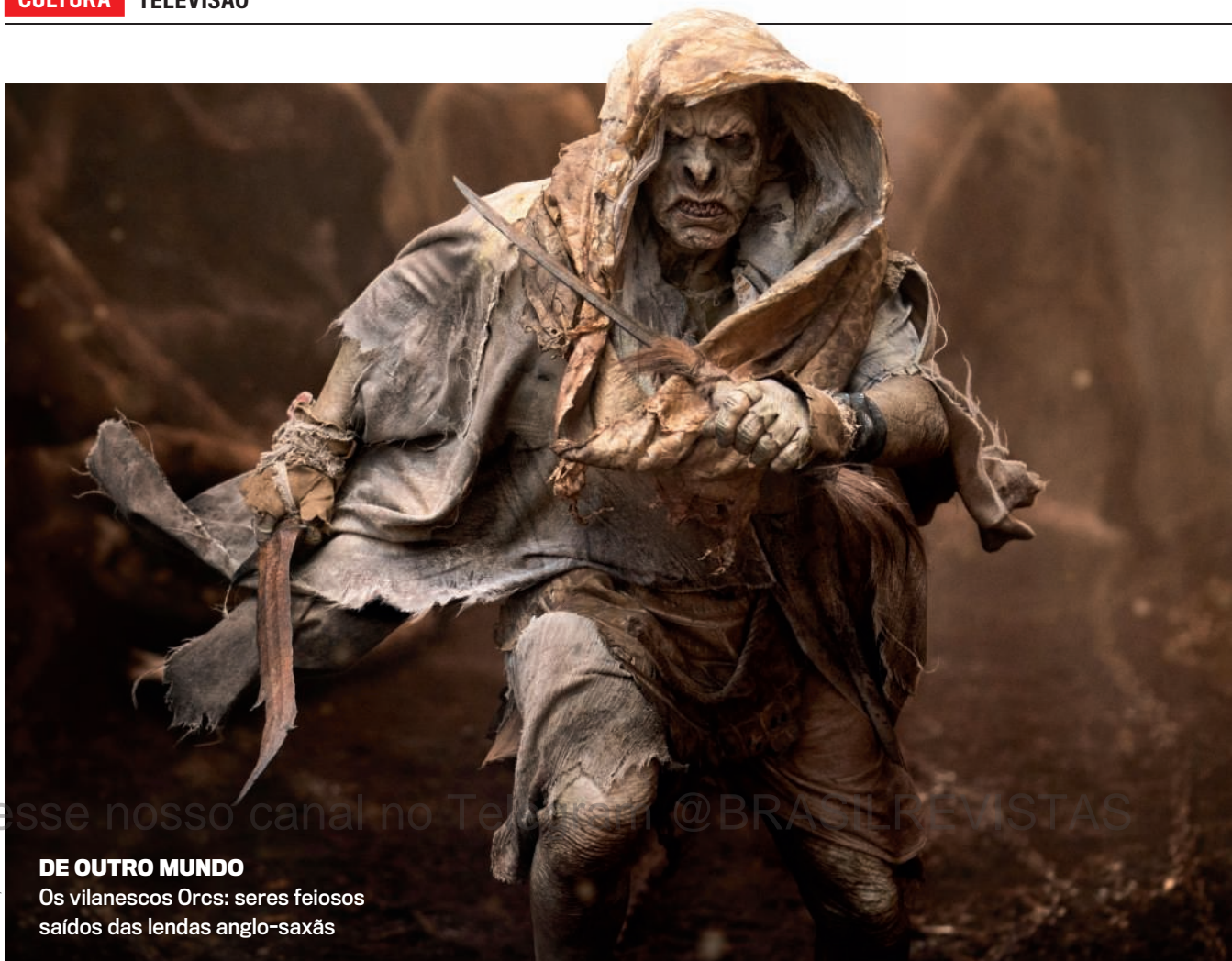
ELFOS SUPERPODEROSOS

O alto-rei Gil-galad (Benjamin Walker), a guerreira Galadriel (Morfydd Clark) e o sábio Elrond (Robert Aramayo) são elfos imortais. Eles apareceram na trilogia de Peter Jackson, vividos por outros atores — com destaque para Cate Blanchett e Hugo Weaving na pele dos dois últimos. "Na série, Elrond está no processo de se tornar o líder que vimos nos filmes", diz Aramayo

O Senhor dos Anéis: os Anéis de Poder. A superprodução em oito capítulos levou quatro anos para ser filmada e se tornou a série mais cara da história da TV: uma montanha de 1 bilhão de dólares foi investida em duas temporadas. Isso sem contar os 200 milhões de dólares pagos por Jeff Bezos pelos direitos da obra de Tolkien, em 2017.

A dinheirama mostra seu valor na tela. Cenários e figurinos exuberantes fazem das cenas quase quadros de cores impressionistas. O clima idílico e hipnótico destoa da crueza brutal de um *Game of Thrones* — universo que, com a recente estreia de *A Casa do Dragão*, da HBO, vai disputar espectadores na propalada "guerra da fantasia" com *Os Anéis de Poder*. Ambas, porém, são propostas tão distintas que podem ser desfrutadas cada uma a seu modo, e por diferentes públicos.

Gravada na Nova Zelândia, onde Jackson também rodou seus longas de sucesso, a série constitui, em si, um desafio peculiar. Ao contrário da trilogia conhecida e de *O Hobbit*, livro infantil de 1937 adaptado para o cinema entre 2012 e 2014 também por Jackson, *Os Anéis de Poder* constrói sua trama não a partir de um livro completo, mas de pistas deixadas por Tolkien no apêndice da trilogia original. Ou seja: há uma boa dose de voo livre dos roteiristas, que se arriscam assim a tocar no intocável: a obra de

MATT GRACE/AMAZON PRIME VIDEO

DE OUTRO MUNDO
Os vilanescos Orcs: seres feiosos saídos das lendas anglo-saxãs

BEN ROTHSTEIN/AMAZON PRIME VIDEO

ANCESTRAIS DOS HOBBITS

Bem antes de Frodo Bolseiro, havia os pés-peludos, pequenos seres nômades que se esforçavam para não atrair atenção. Nori (Markella Kavenagh, *no centro)* e Poppy (Megan Richards, *à dir.)* vão quebrar essa invisibilidade. Com 21 e 23 anos, elas são as mais jovens do elenco. "Descobri o mundo de Tolkien com a série", conta Megan

um autor que concebeu uma mitologia de lógica interna complexa e única. O risco de acusações de heresia por parte dos seguidores mais fanáticos é real e concreto — e a gritaria, claro, começou antes mesmo da estreia.

Para além da trama, que narra acontecimentos anteriores da Terra

BEN ROTHSTEIN/AMAZON PRIME VIDEO

FÃ DE CAPOEIRA

A curandeira Bronwyn (a iraniana Nazanin Boniadi, *à esq.)* e Arondir (o porto-riquenho Ismael Cruz Córdova, *no centro)* vão viver um romance proibido – ela é humana e ele, um elfo. Córdova fala português e tem relação curiosa com o Brasil. "Sempre me perguntam se sou baiano", diz o ator, que luta capoeira em cena

BEN ROTHSTEIN/AMAZON PRIME VIDEO

A "ATLÂNTIDA" DA TERRA MÉDIA

Míriel (Cynthia Addai-Robinson) é a rainha de Númenor, uma ilha de humanos com sangue de elfos que, na era retratada pelos filmes de *O Senhor dos Anéis*, já havia sumido do mapa – ecoando o mito do reino de Atlântida. A série será a primeira a retratar esse reino – e fará isso com diversidade. "Pude explorar as nuances de ser uma mulher e líder", diz Cynthia

Média, continente fictício criado por Tolkien, a megaprodução da Amazon chama atenção por uma ousadia em especial: a trama injeta diversidade racial (e de gênero) em um universo inspirado pelas paixões pessoais do autor, de mitos nórdicos à literatura medieval anglo-saxônica — e uma inabalável fé católica. Com a polarização política, movimentos de extrema direita sequestraram a obra de suposta brancura ariana para si, atendo-se ao histórico conservador de Tolkien. Quando atores negros entraram para a série, não deu outra: manifestações racistas eclodiram nas redes sociais. Um alvo foi o porto-riquenho Ismael Cruz Córdova, que dá vida ao elfo Arondir. Segundo os críticos, elfos não podem ser negros — argumento amparado na obsoleta premissa de que Tolkien escreveu sobre heróis europeus. "Estou comprometido em ser autêntico, espero representar pessoas como eu, mesmo que isso incomode", disse o ator a VEJA *(leia sobre os personagens ao longo da reportagem).*

A reação reflete o modo como a odisseia de Tolkien transita pelo tempo. Sua mensagem esperançosa caiu bem nos anos pós-guerra, quando os livros saíram. Já os filmes de Jackson viraram um chamado à resistência do bem contra o mal após os atentados de 11 de setembro. A série, agora, depara com a tensão entre discursos autoritários e a luta das minorias por visibilidade. "Tolkien questiona sobre o que você sacrificaria para lutar contra o mal e a intolerância, pergunta que nos diz respeito hoje", diz o espanhol J.A. Bayona, diretor da série.

Questões políticas à parte, *Os Anéis de Poder* explora, de forma envolvente, a gênese dos artefatos mágicos que dão nome à saga. A série volta milênios no passado em relação aos eventos tanto da trilogia quanto de *O Hobbit*, para mostrar como o vilão Sauron, líder dos terríveis Orcs, criou um anel do mal para chamar de seu. O universo de Tolkien é de uma riqueza imensurável — ainda mais com uma injeção extra de 1 bilhão de dólares. ■

STARZPLAY

EM GUERRA Diana e Catarina *(à dir.):* disputa velada pelo poder

PODEROSA VÍBORA

A série *The Serpent Queen,* do Starzplay, se vale do humor escrachado para resgatar a história de Catarina de Médici, a rainha que dominou a França do século XVI sem ocupar o trono

DURANTE conversa com a rainha Catarina de Médici (Samantha Morton), uma criada questiona: "Então você sacrificou seu melhor amigo, seu marido e até seu filho por poder?". A monarca mira friamente os olhos da serviçal e explica suas motivações. "Não. Eu fiz pela minha liberdade", responde Catarina. A célebre esposa do rei Henrique II foi, sem dúvida, cruel — mas hoje faria por merecer o epíteto de empoderada. No século XVI, não houve mulher de maior influência no mundo: após a morte do rei, ela se tornou a eminência com poder de fato sobre a França nas regências de seus três filhos, os futuros Francisco II, Carlos IX e Henrique III. Como mostra ***The Serpent Queen,*** série que estreia no Starzplay no domingo 11, Catarina teve de ralar adoidado para chegar lá.

A produção bebe de uma tendência em alta: a exploração da vida de figuras históricas com uma veia cômica escrachada. *The Serpent Queen* (a rainha serpente) fica a meio caminho entre a indecorosa *The Tudors,* que recriava a vida do monarca inglês Henrique VIII priorizando o sexo sobre os fatos, e a sagaz *The Great,* que injeta humor de primeira na história de Catarina, a Grande, imperatriz da Rússia. *The Serpent* é um tanto caricatural ao desenhar seus personagens. Mesmo com mil licenças históricas, porém, é uma vitrine válida para se conhecer a espantosa trajetória de sua protagonista — bem defendida na tela por Samantha Morton quando adulta e, principalmente, pela expressiva Liv Hill na juventude.

Apesar de ter nascido no lendário clã dos Médici, a italiana Catarina Maria Romola di Médici (1519-1589) ficou órfã cedo e foi obrigada a se esconder num convento em período conflituoso em Roma. Resgatada por seu tio, o papa Clemente VII, teve um casamento arranjado com um dos herdeiros do trono francês, o futuro Henrique II, em meio a uma negociação geopolítica entre França e Itália. Sozinha em território desconhecido, a rainha descobriria o desprezo do próprio marido, disposto a sempre favorecer a amante Diana de Poitiers (Ludivine Sagnier). A dificuldade para engravidar piorava a situação, e a levou a mil artimanhas, incluindo a aplicação de esterco de vaca e pó de chifres de veado em sua "fonte de vida".

Deu certo: ela teve dez filhos, três dos quais seriam reis da França. Com a morte do marido, a escanteada Catarina vira definitivamente o jogo, conduzindo lances terríveis de perseguição religiosa e, por outro lado, exercendo o papel de patrona das artes. No meio disso, teria deixado um rastro de tortura e mortes — até por envenenamento. Ninguém é chamada de víbora por acaso. ■

Kelly Miyashiro

STEPHANE DE SAKUTIN/AFP

GALÃ PERIGOSO Armie Hammer: acusado até de morder e amarrar mulheres

MONSTRO DA ATUAÇÃO

Uma devastadora série documental expõe, por meio de depoimentos e mensagens reveladoras, as denúncias de abuso sexual e canibalismo que atingiram o ator Armie Hammer

O NATAL DE 2019 parecia como qualquer outro para a empresária Courtney Vucekovich. Foi durante esta época, numa ida a um bar com os amigos em Dallas, no Texas, que a jovem conheceu o ator Armie Hammer. A relação começou com mensagens pelo Instagram e evoluiu de forma rápida: já em março de 2020, os dois passavam horas ao telefone diariamente trocando confidências. O conto de fadas, porém, se transformou em pesadelo quando o príncipe encantado pôs as garras de fora. Abusos psicológicos, agressões sexuais e até canibalismo são alguns exemplos do que Courtney afirma ter passado nas mãos de Armie no documentário ***House of Hammer: Segredos de Família,*** disponível no Discovery+ em três episódios.

Alto, bonito, de olhos claros e sorriso sedutor, o ator de 36 anos não teve problemas para ocupar o posto de galã em Hollywood. Ele vivia uma ascensão fulminante após o sucesso de *Me Chame pelo Seu Nome,* filme de temática gay de 2017 que protagonizou ao lado de Timothée Chalamet. No início de 2021, uma série de acusações mudaria sua sorte. Várias mulheres vieram a público acusar Hammer de estupro e outras formas de abuso. Courtney, que namorou o ator em 2020, conta ao longo do documentário que chegou a ignorar sinais por gostar muito dele — e que, no começo, via as mordidas e marcas que ele deixava em seu corpo como forma de amor. Mas a situação atingiu níveis absurdos, chegando a ponto de o ator amarrá-la e deixá-la totalmente imobilizada em certa ocasião.

A produção mostra também o depoimento de outra ex-namorada, a artista Julia Morrison. A primeira abordagem aconteceu pelo Instagram. Hammer enviou uma mensagem elogiando um ensaio fotográfico feito pela jovem — e não demorou muito para que as correspondências se tornassem bizarras. Prints de conversas entre Hammer e várias mulheres, expostos em 2021 por um perfil no Instagram, mostram uma natureza doentia e brutal — desde ele admitindo ser "100% canibal" até fantasias de sexo em público com estranhos, como prova de amor e devoção.

Além dos depoimentos e mensagens chocantes, as revelações de uma tia do ator expõem camadas mais profundas de sua personalidade. Voltando os olhares para os milionários de sua família, Casey Hammer fala sobre os escândalos envolvendo estupro e homicídio que perpassaram gerações, desde o tataravô de Armie, Julius, até seu pai, Michael. O caso do astro cancelado de Hollywood ainda corre na Justiça de Los Angeles, e ele alega inocência. O novo documentário mostra que não será fácil limpar sua barra. ■

Marcelo Canquerino

A SOLIDÃO DOS TIRANOS

Em *Como Ser um Ditador*, o holandês Frank Dikötter examina o culto à personalidade dos déspotas modernos — provando que o destino deles, quase sempre, é acabar sozinhos **DIEGO BRAGA NORTE**

W. STEVENS/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

EM 21 DE DEZEMBRO de 1989, um mês após a queda do Muro de Berlim, o déspota romeno Nicolae Ceausescu fez um discurso em Bucareste. Queria reafirmar a força do regime diante da debacle comunista que varria o Leste Europeu. As vaias — as primeiras em toda a sua "carreira" de mais de vinte anos como ditador — começaram logo após o início de sua fala. Assustado, ele levantou a mão para pedir silêncio e sua mulher, Elena Petrescu, ordenou que a multidão parasse. A repressão policial transformou o evento em tumulto. Quatro dias mais tarde, no Natal, ambos foram fuzilados por diversos crimes, incluindo o genocídio de mais de 60 000 opositores.

Cercado de assessores subservientes e isolado em gabinetes, Ceausescu perdera o contato com a realidade; não soube entender as mudanças diante de seus olhos. O isolamento também abateu outros tiranos, mostra o livro ***Como Ser um Ditador***, do historiador holandês Frank Dikötter. A obra aponta características comuns de oito facínoras — além do já citado Ceausescu, Benito Mussolini, Adolf Hitler, Josef Stalin, Mao Tsé-tung, Kim Il-Sung, François Duvalier e Mengistu Haile Mariam. O atributo mais ressaltado é o intenso culto à personalidade. Mas o que assoma como maior qualidade da obra é seu estudo de uma particularidade intrigante e shakespeariana entre os caudilhos retratados: a solidão do poder inerente à sua condição. Figuras poderosas e temidas, a maioria deles não tinha assessores, nem amigos; só bajuladores e interesseiros dissimulados. Esse isolamento — tão bem retratado na peça *Ricardo III*, de Shakespeare — é um dos motivos que levam ditadores à ruína. Na tragédia do bardo inglês, o Duque de Gloucester mata quem está à sua frente na sucessão do trono. Torna-se rei, mas acaba solitário e louco.

Dikötter afirma que a maior ameaça aos ditadores não é o povo ou seu entourage, mas eles mesmos. Desconfiados de tudo e de todos — Stalin perseguiu até familiares — os tiranos tornam-se figuras erráticas, acuadas e propensas a erros de cálculo. "Eles tomam decisões drásticas sem a devida reflexão. Habitam um sistema fechado, descolado da realidade", disse o autor a VEJA *(leia abaixo)*. Para ele, a invasão da Ucrânia por Vladmir Putin é um exemplo atual disso. Um erro de um autocrata (um degrau abaixo do ditador) cercado por pessoas que só falam o que ele quer ouvir.

As histórias dos diferentes déspotas ensinam que não é fácil ser um ditador. Como um especialista em coa-

"O MEDO É A ARMA DO DITADOR"

Frank Dikötter falou a VEJA sobre a lógica dos líderes autoritários.

O livro mostra que ditadores são pessoas desconfiadas de traições. Por que tanto temor? Quando um ditador toma o poder com um golpe, ele terá sempre medo de que alguém faça o mesmo com ele. Não há saída além do clima constante de desconfiança. Todos os ditadores gastam uma quantidade extraordinária de tempo controlando as pessoas ao seu redor. Eles se preocupam sobre quem conversou com quem, se há panelinhas ou alianças à sua revelia.

LIÇÕES O escritor holandês: "As ditaduras devoram seus filhos"

R. RICCIUTI/GETTY IMAGES

ILUSÃO DO PODER Ceausescu *(à esq.)* e Mussolini: cercados de bajuladores e alheios à realidade

ching, eles tinham *soft skills* (aptidão para liderança, inteligência emocional, boa capacidade de comunicação etc.) bem desenvolvidas. Mas, quando a lábia e o carisma não funcionavam, lançavam mão do método mais eficaz na arte de convencimento, a força. O uso ostensivo da violência é um dos ingredientes para fomentar o clima de medo constante que os sustenta. No auge da repressão stalinista, entre 1937 e 1938, o regime executou 1 000 pessoas por dia, em média. O haitiano Duvalier criou uma milícia própria (a temida Tonton Macoute) de assassinos, achacadores e estupradores. O etíope Mengistu ordenava que a TV estatal transmitisse torturas e execuções de seus adversários.

Morando e lecionando em Hong Kong, Dikötter é especialista na história política da China. Logo, o capítulo sobre Mao é o mais robusto e contextualiza como o ditador chinês foi um dos déspotas mais bem-sucedidos da história. Apesar de seus muitos erros — incluindo 45 milhões de mortos de fome entre 1958 e 1962, vítimas de suas políticas desumanas —, ele não foi deposto nem assassinado; morreu de causas naturais. E ainda foi hábil para envolver seus partidários em seus crimes. "Ao se tornarem coautores, eles e seus sucessores se converteram em guardiões da imagem de Mao", escreve o autor. Para não acabar sós e abandonados, os tiranos precisam de cúmplices diligentes. ■

COMO SER UM DITADOR, de Frank Dikötter (tradução de Paula Diniz; 368 páginas; R$ 69,90 e R$ 46,90 em e-book)

Outra característica comum entre os tiranos é a fabricação sem fim de inimigos. Qual a lógica disso? O medo que eles impõem à população é uma arma de governança. Se não tiverem inimigos e não incutirem medo, as pessoas não os levarão a sério.

No Brasil há manifestações pedindo golpe de Estado e ditadura. O que o senhor diria a essas pessoas? Essa tentação foi muito atraente ao longo do século XX para um grande número de pessoas, mas basta ver o que aconteceu na Alemanha de Hitler ou no empobrecido Haiti sob Duvalier para saber as consequências. Hoje, as pessoas que realmente querem um ditador tendem a ser minoria. Se a ditadura emergir, ironicamente as pessoas que clamaram por ela se tornarão suas vítimas. As ditaduras devoram seus filhos.

O que pensa sobre a famosa frase de Churchill: "Democracia é a pior forma de governo; exceto por todas as outras"? Churchill acertou em cheio. A democracia é uma bagunça por natureza, mas substitua essa bagunça por uma ditadura. Será muito pior.

CINEMA

UM LUGAR BEM LONGE DAQUI ***(Where the Crawdads Sing*, Estados Unidos, 2022. Em cartaz)**
Em um pântano na Carolina do Norte, um rapaz de família tradicional é encontrado morto. A cena parece um acidente, mas as autoridades logo assumem que foi um assassinato cometido pela "menina do brejo". Figura folclórica da região, ela se chama Kya e cresceu isolada na casa de sua família no pântano, abandonada pelos pais. Sem tato social, a moça (vivida por Daisy Edgar-Jones) terá de sair de sua concha para se defender no tribunal e contar sua história. Com romances tórridos e um belo cenário de natureza abundante, o filme é uma adaptação do livro de mesmo nome, escrito pela zoóloga americana Delia Owens. A produção guarda uma estranha relação com a vida real: um caçador ilegal foi morto na área de conservação criada por Delia e o marido na África. O caso segue sem solução.

MISTÉRIO Daisy Edgar-Jones como Kya: jovem acusada de assassinato

ELISE LOCKWOOD/MGM PICTURES

FORA DA LÂMPADA Elba e Tilda Swinton: fábula envolvente sobre a solidão

ERA UMA VEZ UM GÊNIO
***(Three Thousand Years of Longing*, Estados Unidos/Austrália, 2022. Em cartaz)**
Alithea (Tilda Swinton) é uma acadêmica especializada em narrativas e mitologia. Quando encontra uma relíquia no Grande Bazar de Istambul que acaba liberando um Gênio (Idris Elba) disposto a lhe conceder três desejos, não é à toa que age com desconfiança. O Gênio anseia pela liberdade após 3 000 anos trancafiado — e, para convencer Alithea, rememora seu passado milenar marcado por amores e perdas, em flashbacks históricos deslumbrantes. Com ritmo delirante e muitos efeitos especiais, o diretor George Miller (de *Mad Max*) concebe uma fábula envolvente sobre o desejo e a melancolia de dois seres solitários.

MICHELE K. SHORT/SONY PICTURES

DISCO

WILL OF THE PEOPLE, **de Muse (Warner Music; disponível nas plataformas de streaming)**

Desde a formação, há 28 anos, o trio britânico Muse se notabilizou por canções com políticas que denunciavam os desmandos dos poderosos. Ironicamente, os dois últimos álbuns, justamente no período do Brexit, foram mornos e sem graça. O novo trabalho marca um bem-vindo retorno da banda às origens, com petardos de protesto para todos os lados. Musicalmente, as influências vão de Queen, em *Liberation*, ao thrash metal, na pesada *Kill or Be Killed*, passando pelo synthpop, como em *Compliance*. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA**
   Colleen Hoover [1 | 55#] GALERA RECORD
2. **O LADO FEIO DO AMOR**
   Colleen Hoover [0 | 11#] GALERA RECORD
3. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
   Colleen Hoover [4 | 38#] GALERA RECORD
4. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
   Taylor Jenkins Reid [6 | 71#] PARALELA
5. **VERITY**
   Colleen Hoover [2 | 22#] GALERA RECORD
6. **A HIPÓTESE DO AMOR**
   Ali Hazelwood [5 | 8] ARQUEIRO
7. **E NÃO SOBROU NENHUM**
   Agatha Christie [0 | 2#] GLOBO LIVROS
8. **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
   Ilko Minev [0 | 22#] BUZZ
9. **A GAROTA DO LAGO**
   Charlie Donlea [9 | 150#] FARO EDITORIAL
10. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
    George Orwell [0 | 195#] VÁRIAS EDITORAS

NÃO FICÇÃO

1. **LUIZA HELENA – MULHER DO BRASIL**
   Pedro Bial [0 | 2#] GENTE
2. **RÁPIDO E DEVAGAR**
   Daniel Kahneman [1 | 173#] OBJETIVA
3. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
   Clarissa Pinkola Estés [6 | 121#] ROCCO
4. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
   Laurentino Gomes [2 | 11] GLOBO LIVROS
5. **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE**
   Abel Ferreira [3 | 20#] GAROA LIVROS
6. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
   Anne Frank [4 | 287#] VÁRIAS EDITORAS
7. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
   Yuval Noah Harari [5 | 287#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
8. **MENTES INQUIETAS**
   Ana Beatriz Barbosa Silva [9 | 38#] PRINCIPIUM
9. **EM BUSCA DE MIM**
   Viola Davis [8 | 6#] BESTSELLER
10. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
    Tori Telfer [10 | 82#] DARKSIDE

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O PODER DA CURA**
   Reginaldo Manzotti [1 | 9#] PETRA
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [2 | 91#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [3 | 172#] CITADEL
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [5 | 382#] SEXTANTE
5. **MINDSET**
   Carol S. Dweck [6 | 125#] OBJETIVA
6. **QUEM PENSA ENRIQUECE**
   Napoleon Hill [9 | 97#] CITADEL
7. **PAI RICO, PAI POBRE**
   Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [8 | 92#] ALTA BOOKS
8. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 57#] SEXTANTE
9. **AS 5 LINGUAGENS DO AMOR**
   Gary Chapman [0 | 11#] MUNDO CRISTÃO
10. **12 REGRAS PARA A VIDA**
    Jordan B. Peterson [0 | 31#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
   Colleen Hoover [1 | 29#] GALERA RECORD
2. **NOVEMBRO, 9**
   Colleen Hoover [2 | 26#] GALERA RECORD
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
   Casey McQuiston [3 | 74#] SEGUINTE
4. **CASA DE CÉU E SOPRO**
   Sarah J. Maas [0 | 7#] GALERA RECORD
5. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS**
   Sarah J. Maas [0 | 53#] GALERA RECORD
6. **TODO ESSE TEMPO**
   Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [8 | 6#] ALT
7. **AMOR & GELATO**
   Jenna Evans Welch [10 | 58 #] INTRÍNSECA
8. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
   Antoine de Saint-Exupéry [0 | 346#] VÁRIAS EDITORAS
9. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling [9 | 355#] ROCCO
10. **MIL BEIJOS DE GAROTO**
    Tillie Cole [0 | 36#] OUTRO PLANETA

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Belém**: Leitura, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Cultura, Leitura, **Campinas**: Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, **Manaus**: Leitura, Vozes, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes**: Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Passo Fundo**: Santos, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul**: Disal, **São José**: Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem – E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

JOSÉ CASADO

DEPOIS DAS URNAS

LULA E JAIR Bolsonaro concentram mais de 70% das intenções de voto. No entanto, eles são rejeitados por mais de 80% dos eleitores. Esse é o retrato do Brasil a um mês da eleição presidencial, informam as últimas pesquisas do Ipec e do Datafolha.

O ressentimento esparramado na campanha não vai acabar nas urnas — memória de ressentido é digestão que não termina, já explicou o filósofo Friedrich Nietzsche. As consequências devem ir muito além de outubro.

O novo governo, qualquer que seja, estará condicionado pelo legado desse divisionismo sedimentado nas sondagens eleitorais dos últimos doze meses. Por vaidade ou conveniência, os líderes nas pesquisas condimentam esse clima com múltiplos enigmas sobre o que pretendem fazer caso sejam eleitos.

Viciado em si mesmo, Lula se recusa a "assumir compromissos", como disse no debate. Atravessa a campanha evocando um bordão de tevê do Brasil de três décadas atrás, quando virou candidato profissional à Presidência da República: a garantia sou eu *("La garantía soy yo"*, no original do publicitário Paulo Bione, nos anos 90). Para o futuro, promete o passado.

Bolsonaro elegeu-se em 2018 com a promessa de acabar com a reeleição. No dia seguinte à posse já batalhava por um novo mandato. Messiânico, apresenta-se como líder devotado à mudança da ordem institucional. Acena com "a continuidade", mais do mesmo tumulto político, na tentativa de impor à sociedade um aquartelamento no fundamentalismo bíblico, com semeadura de armas e de reacionarismo nos costumes, tudo emoldurado em contraditória retórica liberal.

O horizonte está turvo, e não se fala sobre ele. Há uma crise global agravada pelas sequelas de uma pandemia, de uma guerra e de eventos climáticos sem precedentes, mas não se escuta palavra a respeito. Líderes europeus, como o francês Emmanuel Macron, têm frequentado as telas de tevê para lembrar o povo de que "vai precisar da força da alma para enfrentar os tempos que virão". Aqui, porém, vende-se um país blindado, como se o crescimento econômico, por exemplo, dependesse de uma só canetada presidencial.

"Não vai ser fácil governar com o legado da eleição pela rejeição"

A blindagem construída no Brasil é a de resguardo do atraso. Depois de dois séculos de Independência, de cada 100 eleitores que vão às urnas, quarenta dependem de ajuda do governo para sobreviver. No mapa demográfico, isso corresponde a 40% da população. Na cabine de votação representa mais da metade (55%) do total de votantes.

A quatro semanas da eleição, os líderes nas pesquisas mantêm mistério sobre o que planejam fazer para resgatar a maioria desses pobres — mulheres, mães, chefes de família na periferia, atormentadas com a escassez de comida na mesa, a educação dos filhos e a saúde da família.

Lula e Bolsonaro são enfáticos no anúncio da recuperação dos salários, dos empregos e dos investimentos públicos, mas não explicam de onde pretendem extrair o dinheiro necessário ao financiamento. O espaço de manobra no Orçamento é o menor já visto para um presidente: 93% dos recursos federais têm destino definido e, da fatia restante, um quarto foi apropriado pelo Congresso como símbolo da soberania legislativa.

A eleição pela rejeição penhora o futuro. Agrava-se no vazio de ideias e propostas num ambiente de divisão inflamado pela retórica que, na definição do ex-presidente José Sarney, "condena uns à perdição e outros à salvação". Não há voz mais experiente na praça: ele está completando 69 anos na política. Já viveu sob quatro constituições (as de 1946, 1967, 1969 e a atual, produto da sua convocação em 1988); atravessou catorze governos — seis na ditadura —, numa trapaça do destino teve o próprio, que conduziu a redemocratização do país; e, ainda, integrou treze legislaturas.

Aos 92 anos, Sarney está preocupado com o futuro. "Esse problema da divisão do país será uma herança amarga, e o futuro presidente terá como uma das tarefas principais conjurar o possível gérmen da desintegração" — escreveu nesta semana. "A democracia não se aprofundou depois da redemocratização. Avançou um corporativismo anárquico que foi beneficiando ilhas de interesses, gerando essa divisão que aflora nas eleições. O sistema político terá de ser reformado ou recriado. Não será fácil. Enfrentará resistências de aliados e contrários."

Por sorte, há um longo histórico de confiança básica dos brasileiros na construção do futuro, apesar dos governos que insistem em manter o Brasil sob o status de mais antigo país do futuro. ■

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA